



DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E SOCIOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DE ACONSELHAMENTO

TÍTULO:

As crianças e o Bullying: A relação do estatuto socioprofissional dos pais e a diferença entre géneros.

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e de Aconselhamento

Autor: Edite Paula Toste Coelho Pinto Ferreira

Orientador: Professora Doutora Ana Maria das Dores Pires Gomes

Número do candidato: 20140174

Janeiro de 2018

Lisboa

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Ana Gomes, todo o apoio, compreensão, carinho e pela prontidão de todas as correções e sugestões ao longo desta investigação, porque sem ela este trabalho não era possível, e por isso, o meu muito obrigada.

Quero agradecer a todos os meus professores do Departamento de Psicologia da UAL que fizeram parte do meu percurso académico, ao longo da licenciatura e mestrado, por toda a partilha de conhecimentos, das orientações e principalmente de todas as críticas construtivas que me fizeram crescer como pessoa, a todos sem exceção.

Quero agradecer, também, aos meus colegas que foram os companheiros de muitas horas, com momentos muito bons e outros menos bons, mas sempre unidos e prontos a ajudar, em especial os que fizeram a caminhada desde o início até ao fim, Andreia, Carine, Fernando, Hugo e José, e durante o mestrado não posso esquecer a Beatriz e a Isabel.

Também quero agradecer a todas as crianças, pais, professores e diretores de escolas que concordaram em fazer parte desta investigação, porque sem eles nada deste trabalho era possível.

Um obrigado muito especial à minha amiga Sofia pela ajuda, paciência e força quando passei por momentos difíceis ao ponto de querer desistir, obrigada Sofia, és muito grande e uma pessoa extraordinária.

E por último, mas sempre em primeiro no meu coração, quero agradecer por todo o amor, carinho, força para continuar nos momentos difíceis, não só académicos, mas pessoais, sempre com aquela frase “força, tu consegues”, ao meu marido, Fernando, porque esteve sempre presente, muito obrigada meu querido por todo o apoio que me deste.

E ao meu filho Miguel, que está sempre também em primeiro no meu coração, quero agradecer pela paciência das minhas ausências e pelo apoio que me deu até ao fim sempre a acreditar nas minhas capacidades, obrigada meu filho.

A toda a minha família e amigos que compreenderam a minha falta de tempo, as minhas ausências e a falta de atenção da minha parte, o meu obrigada a todos e bem hajam.

Resumo

O bullying é bastante prevalente no meio escolar e esses comportamentos têm sido muito associados ao estatuto socioprofissional que é uma das variáveis do estatuto socioeconómico. O objetivo desta investigação é contribuir para um maior conhecimento sobre os comportamentos de bullying em crianças do 1º ciclo do ensino básico e compreender a associação entre o bullying, a diferença de género e o estatuto socioprofissional dos pais.

O nosso estudo segue uma metodologia quantitativa, com um desenho de investigação observacional analítico, descritivo e comparativo. Este estudo teve como principal objetivo analisar a existência de relação entre o estatuto socioprofissional dos pais, as diferenças de género e a existência ou não de comportamentos de bullying numa amostra de 1160 crianças, com idades compreendidas entre os 6 anos e os 11 anos de idade, do 1º ciclo do ensino básico, público e privado, dos distritos de Lisboa e Leiria. O instrumento utilizado para a recolha de dados foi o Questionário Bullying – A agressividade entre crianças no espaço escolar 1º, 2º e 3º Ciclos, adaptado para a língua portuguesa e validado para a população escolar do questionário de Dan Olweus (1989) por Beatriz Pereira e Ana Tomás UM/CEFOPE, em 1994 e revisto por Beatriz Pereira e Fernando Melim em 2010 UM/IE e um Questionário Sociodemográfico.

Os resultados indicam a existência de prevalência de comportamentos de bullying, quer em escolas públicas, quer em escolas privadas e apresenta um aumento da frequência da vitimização em relação a outros estudos realizados em Portugal. No que se refere à relação entre o estatuto socioprofissional dos pais e os comportamentos de bullying, os nossos resultados mostram que, quando a criança é agressora, o nível socioprofissional do pai e da mãe é elevado e quando a criança é vítima, o nível socioprofissional da mãe é baixo e elevado e o nível socioprofissional do pai é médio-baixo. Quanto à diferença entre o género e o nível dos comportamentos de bullying, os resultados apresentam maiores valores percentuais para os meninos na forma direta e para as meninas na forma indireta e relacional.

Palavras Chave: Bullying, estatuto socioprofissional dos pais, diferença de género

Abstract

Bullying is very prevalent in the school environment and these behaviors have been very associated with the socio-professional status that is one of the variables of the socioeconomic status. The aim of this research is to contribute to a better knowledge about bullying behaviors in children in the 1st cycle of primary school and the association between bullying, gender difference and socio-professional status of parents.

Our study follows a quantitative methodology, with an analytical, descriptive and comparative observational research design. The main objective of this study was to analyze the existence of a relationship between the socio-professional status of the parents, gender differences and the existence or non-existence of bullying behaviors in a sample of 1160 children, aged between 6 years and 11 years of age, the first cycle of public and private primary education in the districts of Lisbon and Leiria. The instrument used to collect data was the Bullying Questionnaire - The aggressiveness among children in the 1st, 2nd and 3rd Cycles, adapted to the Portuguese language and validated for the school population of the Dan Olweus questionnaire (1989) by Beatriz Pereira and Ana Tomás UM / CEFOPE, in 1994 and reviewed by Beatriz Pereira and Fernando Melim in 2010 UM / IE and a Sociodemographic Questionnaire.

The results indicate the prevalence of bullying behaviors, both in public schools and private schools and shows an increase in the frequency of victimization in relation to other studies carried out in Portugal. Regarding the relationship between parents' socio-occupational status and bullying behavior, our results show that when the child is aggressive, the socio-professional level of the father and mother is high and when the child is a victim, the socio-professional level of the mother is low and high and the socio-professional level of the father is medium-low. As for the difference between gender and the level of bullying behaviors, the results present higher percentage values for boys in the direct form and for girls in the indirect and relational form.

Key words: Bullying, socio-professional status of parents, gender difference

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	III
Índice de Gráfico e Tabelas	VII
Lista de Abreviaturas	IX
Parte I – Enquadramento Teórico	- 1 -
Introdução	2
Capítulo I – O Conceito de Bullying e as diferentes formas de bullying	4
1.1. Definição de bullying	4
1.2. Formas de Bullying	5
1.3. Quem está envolvido no bullying	6
1.4. Bullying em contexto escolar	9
Capítulo II - Bullying, Género e Idade	13
2.1. As diferenças de acordo com o género na prevalência do bullying	13
2.2. As formas do bullying e a idade	14
Capítulo III - O Bullying e os fatores socioprofissionais dos pais	15
3.1. Estatuto socioprofissional dos pais	15
3.2. A influência do estatuto socioprofissional dos pais nos comportamentos de bullying das crianças	17
Capítulo IV – Influência da Família nos Comportamentos de Bullying	22
Capítulo V - Consequências do bullying na saúde mental das crianças	25
Parte II – Metodologia	29
1.1. Metodologia	30
1.2. Problema	30
1.3. Delineamento do Estudo	30
2.4. Objetivo Geral	31
2.4.1. Objetivos específicos	32
2.5. Hipóteses	32
2.5.1. Operacionalização das Variáveis	33
2.6. Participantes	33
2.7. Instrumentos	34
2.7.1. Questionário Bullying – A agressividade entre crianças no espaço escolar 1º Ciclo	34

2.7.2. Questionário sociodemográfico	35
2.8. Procedimentos	35
Parte III – Resultados.....	37
3.1. Resultados Descritivos da Amostra	38
3.2. Comportamentos de bullying, género, idade, escolas públicas e escolas privadas e nível socioprofissional dos pais	41
3.2.1. Vitimização e Bullying.....	41
3.2.1.1 Bullying e Género.....	41
3.2.2. Frequência da vitimização por bullying e Género	42
3.2.3. Bullying e Meio de Educação.....	42
3.2.4. Frequência da vitimização por bullying e Meio de Educação.....	43
3.2.5. Bullying e Nível Socioprofissional dos Pais	43
3.3. Formas de Bullying	45
3.3.1. Formas de Bullying e Género	45
3.3.2. Formas de Bullying e Meio de Educação (escola pública/escola privada)	46
3.4. Informar alguém de que é vítima de Bullying e Género	47
3.5. Informar alguém de que é vítima de Bullying e Meio de Educação	49
3.6. Proteção face ao Bullying e Género	50
3.7. Proteção face ao Bullying e Meio de Educação	51
3.8. Comportamento adotado perante vítimas de agressão e Género	52
3.9. Comportamento adotado perante vítimas de agressão e Meio de Educação	53
4.1. Agressão por Bullying.....	54
4.1.1. Agressão e Género.....	54
4.1.2. Frequência da agressão por bullying e Género.....	55
4.2. Agressão e Meio de Educação.....	55
4.2.1. Frequência de agressão por bullying e Meio de Educação.....	56
4.3. Agressão e Nível Socioprofissional dos Pais	56
4.4. Motivos que desencadearam a agressão por bullying e Género	58
4.5. Motivos que desencadearam a agressão por bullying e Meio de Educação	59
4.6. Idade dos agressores e Género.....	60
4.7. Idade dos agressores por bullying e Meio de Educação	61
4.8. Género dos agressores e Género das vítimas.....	61
4.9. Género dos agressores por bullying e Meio de Educação	62
4.10. Apoio à agressão por bullying na escola e Género.....	63
4.11. Apoio à agressão por bullying na escola e Meio de Educação.....	64

4.12. Apoio à Agressão por bullying na escola e Nível Socioprofissional dos Pais	64
4.13. Apoio à agressão por bullying no caminho para a escola e Género	65
4.14. Apoio à agressão por bullying a caminho da escola e Meio de Educação	66
4.15. Apoio à Agressão por bullying a caminho da escola e Nível Socioprofissional dos Pais	67
4.16. Apoio à agressão por bullying a colega que não gostasse e Género	68
4.17. Apoio à agressão por bullying a colega que não gostasse e Meio de Educação ...	69
5.1. Associação entre a idade e os anos de escolaridade com as variáveis Vitimização por Bullying, Agressão por Bullying, Apoio à agressão na escola, e Apoio à agressão a caminho da escola.....	69
6.1. Correlação entre variáveis	70
7.1. Discussão dos Resultados	71
Parte IV – Conclusões.....	79
1.1. Conclusão	80
4.1. Limitações da presente investigação e sugestões para possíveis investigações futuras	81
Referências Bibliográficas	83
Anexos	96
Anexo A – Carta de Autorização dos Pais ou Encarregados de Educação.....	97
Anexo B – Questionário Bullying.....	98
Anexo B – Questionário Socio demográfico	104

Índice de Gráfico e Tabelas

Gráfico 1. <i>Gênero da amostra</i>	39
Tabela 1. <i>Diferenças na variável idade em função do gênero</i>	39
Tabela 2. <i>Frequências e percentagem das variáveis gênero e meio de educação</i>	39
Tabela 3. <i>Frequências e percentagem das variáveis alguma vez frequentaste o jardim-de-infância, e desde que entraste para o 1º ano reprovaste alguma vez</i>	40
Tabela 4. <i>Médias, desvios-padrão e amplitude das variáveis intercalares</i>	40
Tabela 5. <i>Frequências e percentagens do nível socioprofissional e da escolaridade dos progenitores das crianças da amostra</i>	41
Tabela 6. <i>Vitimização por bullying em função do gênero do aluno</i>	42
Tabela 7. <i>Frequência da vitimização de acordo com o gênero do aluno</i>	42
Tabela 8. <i>Vitimização por bullying em função do meio de educação</i>	43
Tabela 9. <i>Frequência da vitimização por bullying de acordo com o meio de educação</i>	43
Tabela 10. <i>Vitimização por bullying de acordo com o nível socioprofissional do progenitor</i>	44
Tabela 11. <i>Vitimização por bullying de acordo com o nível socioprofissional da progenitora</i>	45
Tabela 12. <i>Formas de bullying de acordo com o gênero do aluno</i>	46
Tabela 13. <i>Formas de bullying de acordo com o meio de educação frequentado pelo aluno</i>	47
Tabela 14. <i>Informar alguém de que é vítima de bullying de acordo com o gênero</i>	49
Tabela 15. <i>Informar alguém de que é vítima de bullying de acordo com o meio de educação</i>	50
Tabela 16. <i>Proteção face ao Bullying de acordo com o gênero</i>	51
Tabela 17. <i>Proteção face ao Bullying de acordo com o meio de educação</i>	52
Tabela 18. <i>Comportamento adotado perante vítimas de agressão de acordo com o gênero</i>	53
Tabela 19. <i>Comportamento adotado perante vítimas de agressão de acordo com o meio de educação</i>	54
Tabela 20. <i>Agressão por bullying em função do gênero do aluno</i>	55
Tabela 21. <i>Frequência da agressão por bullying de acordo com o gênero do aluno</i>	55
Tabela 22. <i>Agressão por bullying em função do meio de educação</i>	56
Tabela 23. <i>Frequência de agressão por bullying de acordo com o meio de educação</i>	56
Tabela 24. <i>Agressão por bullying de acordo com o nível socioprofissional do progenitor</i>	57
Tabela 25. <i>Agressão por bullying de acordo com o nível socioprofissional da progenitora</i>	58
Tabela 26. <i>Motivos que desencadearam a agressão por bullying de acordo com o gênero</i>	59
Tabela 27. <i>Motivos que desencadearam a agressão por bullying e Meio de Educação</i>	60
Tabela 28. <i>Idade do(s) agressor(es) por bullying de acordo com o gênero</i>	61

Tabela 29. <i>Idade do(s) agressor(es) por bullying e Meio de Educação</i>	61
Tabela 30. <i>Género do(s) agressor(es) por bullying de acordo com o género da vítima</i>	62
Tabela 31. <i>Género do(s) agressor(es) por bullying e Meio de Educação</i>	63
Tabela 32. <i>Apoio à agressão por bullying na escola de acordo com o género</i>	63
Tabela 33. <i>Apoio à agressão por bullying na escola e Meio de Educação</i>	64
Tabela 34. <i>Apoio à agressão por bullying na escola de acordo com o nível socioprofissional do progenitor</i>	65
Tabela 35. <i>Apoio à Agressão por bullying na escola de acordo com o nível socioprofissional da progenitora</i>	65
Tabela 36. <i>Apoio à agressão por bullying a caminho da escola de acordo com o género</i>	66
Tabela 37. <i>Apoio à agressão por bullying a caminho da escola e Meio de Educação</i>	66
Tabela 38. <i>Apoio à agressão por bullying a caminho da escola de acordo com o nível socioprofissional do progenitor</i>	67
Tabela 39. <i>Apoio à Agressão por bullying a caminho da escola de acordo com o nível socioprofissional da progenitora</i>	68
Tabela 40. <i>Apoio à agressão por bullying a colega que não gostasse de acordo com o género</i>	68
Tabela 41. <i>Apoio à agressão por bullying a colega que não gostasse de acordo com o Meio de Educação</i>	69
Tabela 42. <i>Matriz de correlações entre os anos de escolaridade, a idade, a vitimização por bullying, a agressão por bullying, o apoio á agressão na escola, e o apoio à agressão a caminho da escola</i>	70

Lista de Abreviaturas

ESE – Estatuto socioeconómico

ESP – Estatuto socioprofessional

IBM SPSS – Statistical Package for Social Sciences

SPT – Stresse pós-traumático

Parte I – Enquadramento Teórico

Introdução

As práticas de violência nas escolas sempre foram uma preocupação, quer para os professores, quer para os pais das crianças. Atualmente, o bullying parece ser um fenómeno a nível mundial que requer muita atenção a todos os níveis.

No âmbito da Psicologia, a investigação deve ter em conta as relações interpessoais, bem como todos os fenómenos que lhe estão subjacentes como o caso da violência. Neste sentido, o presente estudo pretendeu analisar a relação entre o estatuto socioprofissional dos pais das crianças que frequentam o 1º ciclo do ensino básico, público e privado e comportamentos de bullying. Assim como, analisar que diferenças de género ocorrem. As crianças em estudo situam-se na faixa etária dos 6 aos 11 anos de idade.

A violência escolar tem sido alvo de preocupação pela sociedade em geral, mas principalmente pela comunidade escolar e isto traduz-se no aumento, evidente, da investigação sobre esta problemática. Em termos de pertinência de estudo, o bullying surge na linha da frente em relação à investigação da violência em contexto escolar (Buelga et al., 2009; Costa & Pereira, 2010; Healy et al., 2015; Purcel, 2012).

Segundo Gomes (2014), as crianças passam imenso tempo no espaço escolar, sendo este um contexto altamente importante para o desenvolvimento saudável de uma criança. Daí, tudo o que ocorre no espaço escolar é altamente pertinente para possíveis reflexões e estudos, principalmente quando nos debruçamos sobre a possível ocorrência de comportamentos agressivos entre alunos, tendo estes consequências extremamente nefastas para os intervenientes.

Vários autores definem bullying por um comportamento intencional de violência física, verbal ou emocional, com intenção, que é repetido ao longo do tempo e com abuso de poder entre os pares (Olweus, 1993) e como um abuso sistemático de poder que prejudica repetida e deliberadamente outros (Purcel, 2012).

Os comportamentos de bullying, em contexto escolar, podem ter a forma direta ou indireta e, segundo vários autores, são os meninos que utilizam mais o bullying direto e o indireto é mais utilizado pelas meninas (Gomes, 2014; Lourenço et al., 2009, Neto, 2005; Costa & Pereira, 2010).

Segundo Gomes, (2014), em todas as escolas existe bullying, quer sejam públicas, privadas, rurais, urbanas ou religiosas e torna-se pertinente analisar este fenómeno social, onde

todos os alunos participam diretamente ou indiretamente, como agressores, vítimas ou observadores.

Neste sentido, podemos estabelecer uma relação entre o bullying e os fatores socioeconómicos. Alguns estudos, estudaram a relação entre o estatuto socioeconómico e os comportamentos de bullying e não encontraram nenhuma relação, outros encontraram níveis mais elevados de bullying entre crianças que vivem em condições socioeconómicas desfavoráveis (Analitis et al., 2009; Jansen et al., 2011; Khoury-Kassabri et al., 2005; Pereira et al., 2004; Wolke et al., 2001). De acordo com Jansen et al., (2011), a vitimização foi mais prevalente entre os filhos das mães com baixo nível educacional em comparação com crianças de mães com maior nível de educação.

Em Portugal, a maior parte dos estudos efetuam-se ao nível do 2º e 3º ciclo do ensino básico e verifica-se uma fraca consistência dos resultados relativamente ao estatuto socioeconómico dos pais.

Pareceu-nos pertinente estudar na população portuguesa do 1º ciclo do ensino básico os comportamentos de bullying e a sua relação com o estatuto socioprofissional dos pais e as diferenças de género.

No que diz respeito à organização dos capítulos deste trabalho, organizamos a primeira parte com o enquadramento teórico, seguido pela segunda parte com a apresentação da metodologia, objetivos, instrumentos e procedimentos. A apresentação dos resultados e discussão dos mesmos encontra-se na terceira parte e de seguida, as conclusões e limitações do estudo na quarta e última parte.

Capítulo I – O Conceito de Bullying e as diferentes formas de bullying

1.1. Definição de bullying

O bullying é um tema que está muito presente na sociedade atual e expressa-se principalmente por comportamentos agressivos bem visíveis entre as crianças e jovens. As crianças passam imenso do seu tempo no espaço escolar, sendo este um contexto altamente importante para o desenvolvimento saudável de uma criança. Daí, tudo o que ocorre no espaço escolar é muito pertinente para possíveis reflexões e estudos. Ainda mais, quando nos debruçamos sobre a possível ocorrência de comportamentos agressivos entre alunos, verificamos que estes têm consequências extremamente nefastas para os intervenientes (Gomes, 2014).

Bullying é um termo inglês, mas por não haver uma palavra portuguesa que resume no seu todo, ou que descreva satisfatoriamente todo o seu sentido, tornou-se habitual o uso do termo em inglês.

A definição de bullying tem sido muito discutida entre investigadores e em debates académicos. Segundo Dan Olweus (1993), bullying caracteriza-se por ser um comportamento de violência física, verbal ou emocional, com intenção, que é repetido ao longo do tempo e com abuso de poder entre os pares. Ou seja, Olweus afirma que a vitimização é uma conduta de agressão física e/ou psicológica realizada por um aluno ou vários alunos escolhendo outro como vítima dos seus ataques e que esta ação intencionada, negativa e repetida coloca as vítimas numa posição frágil e sem condições de saída.

Sharp e Smith (1994, citados por Purcel, 2012), definem bullying como um abuso sistemático de poder que prejudica repetida e deliberadamente outros. Por outras palavras, é um comportamento agressivo, maldoso, de forma deliberada e persistente, podendo durar meses ou anos, estando subjacente ao comportamento de bullying o abuso do poder e o desejo de intimidar e/ou dominar.

O bullying abrange todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, sem motivo aparente, que são adotadas por um ou mais alunos contra outro, causando dor e angústia e, isso acontece, em relações díspares de poder. Essa disparidade pode ser consequência da diferença de idade, do tamanho, do desenvolvimento físico ou emocional e, também, do apoio que o agressor encontra na maioria dos estudantes (Costa & Pereira, 2010; Cozma et al., 2015; Gomes, A., 2014; Healy et al., 2015; Neto, 2005; Pelchar & Bain, 2014; Purcel, 2012).

A escola tem sido, ao longo de gerações, um espaço privilegiado para o contato pessoal, com um ambiente propício ao inter-relacionamento e desenvolvimento das crianças, bem como um local seguro. No entanto, atualmente, a escola tornou-se um local de conflitos e de tensões (Macedo et al., 2014).

Segundo Dalosto e Alencar (2013), o bullying é um fenômeno social complexo e no contexto escolar, apresenta especificidades que se caracteriza por uma prática silenciosa com consequências dramáticas.

Também outros autores (Weimer & Moreira, 2014) relembram que o bullying escolar, além da característica silenciosa, é uma categoria específica do comportamento agressivo entre pares e que tem como resultados a ansiedade, insegurança e dificuldade nos relacionamentos. A intimidação ou “vitimização entre pares” envolve interações que têm uma intenção nociva e induzem efeitos negativos sobre a vítima (Elledge et al., 2010).

Atualmente, o bullying escolar é um problema mundial e cada vez mais visível. Muitas crianças confrontam-se no seu dia a dia escolar, com episódios de agressividade que para os quais não têm resposta e não sabem lidar. Por este motivo, muitas são as crianças que ficam afetadas quer no seu percurso escolar quer no seu processo de desenvolvimento pessoal e social (Weimer & Moreira, 2014).

1.2. Formas de Bullying

Os comportamentos de bullying, em contexto escolar, podem tomar a forma de diretos ou indiretos. O bullying direto é quando existem as agressões físicas, como por exemplo, bater, empurrar, dar pontapés, etc. e o bullying indireto tem a ver com os comportamentos verbais (chamar nomes feios ou desagradáveis). Segundo vários autores, o bullying direto é mais usado pelos meninos e o bullying indireto pelas meninas (Smith & Sharp, 1994, citado por Gomes, 2014; Lourenço et al., 2009; Neto, 2005; Costa & Pereira, 2010).

Na sequência do conceito de bullying de Olweus, apresentado anteriormente, as ações negativas podem ser através de palavras (verbal), ameaçando, insultando, provocando e chamando nomes, mas, também, é uma ação negativa quando alguém bate, empurra, dá pontapés ou retém outra pessoa. Ou seja, Olweus considera pertinente a distinção entre bullying direto, através de ataques evidentes e bullying indireto na forma de isolamento social e de exclusão intencional de um grupo (Olweus, 1993).

Segundo Sharp e Smith (1994), o bullying tem várias formas, tais como, o físico (bater, dar pontapés, roubar, etc.), o verbal (chamar nomes, insultar, provocações ou comentários racistas) e o indireto (espalhar rumores ou excluir alguém de um grupo).

Embora seguindo uma linha semelhante, Pereira (2008) apresenta as formas de agressão como agressão direta física (empurrar, bater, dar pontapés, etc.), agressão direta verbal (insultos, chamar nomes, gozar, etc.) e agressão indireta (espalhar rumores, dizer mal de outrem, etc.). A autora, após efetuar uma análise das formas de agressão de acordo com o gênero, verificou que os meninos recorrem mais ao uso da agressão direta e nas meninas ao uso da agressão indireta.

No dia a dia escolar existem situações que podem ser confundidas com bullying. Desde sempre se observou na escola os meninos ou meninas que lutam, contudo tal não é necessariamente bullying porque existe uma vontade de ambas as partes de participar na luta para medir forças. Para que seja bullying é necessário que o comportamento agressivo se mantenha de forma recorrente face ao indivíduo que assume o papel de vítima. Uma situação de agressão pontual não é bullying.

Normalmente existem comportamentos que são aceites e considerados insignificantes, posteriormente podem ser causadores de angústia para a vítima, marcando o seu desenvolvimento e a sua interação social. Segundo Pereira (2008), o chamar um nome insultuoso a outro colega pode marcar todo o percurso escolar, sendo uma prática muito comum entre as crianças e muitas vezes, é aceite como não valendo a pena lutar ou contrariar. Por isso, é importante que todos os que acompanham o processo de desenvolvimento da criança estejam atentos aos sinais transmitidos através do comportamento ou da linguagem da criança, para perceberem que se passa algo que não está bem e que causa sofrimento.

O bullying, como já foi referido, é uma agressão que é regular e não ocasional, os agressores são mais fortes ou estão em maior número e que a vítima não se encontra em posição de poder defender-se. Também já vimos que as formas de bullying têm semelhanças entre si, porque a finalidade é a mesma e passa pela intimidação, diminuição e humilhação do outro.

1.3. Quem está envolvido no bullying

O bullying assume-se como um comportamento de violência física ou verbal de um elemento, com uma posição de maior poder, sobre o outro. O que é agredido é a vítima, vivenciando, essa posição de forma repetida. O agressor pode ser um grupo ou um indivíduo (Olweus, 1997). O agressor vai continuando a agredir a vítima e neste processo sente um

benefício com este comportamento, como a satisfação pessoal de maltratar outra pessoa (Pereira, 2001).

O bullying é antes de mais um comportamento intencional, pois existe o objetivo de um controlar o outro. É repetido ao longo do tempo e em termos interpessoais existe um desequilíbrio. Os intervenientes do bullying são: o agressor, a vítima e os observadores. Logo, todos os alunos da escola são de certa forma intervenientes do bullying, pois, mesmo que não sejam agressores ou vítimas, são observadores (Gomes, 2014).

Como assume Gomes (2014), em todas as escolas existe bullying, sejam estas privadas, públicas, rurais, urbanas ou religiosas. Mesmo em escolas religiosas privadas, onde os valores humanos de cariz religioso são vincadamente transmitidos às crianças identifica-se fenómenos de bullying. O que demonstra como é determinante analisar este fenómeno social, onde todos os alunos participam diretamente ou indiretamente.

Harris e Petrie (2002) afirmam que o agressor é aquele que, frequentemente, implica com os outros, agride-os sem razão aparente e geralmente é mais alto, forte e agressivo. Demonstra uma satisfação em controlar, dominar e têm necessidade de poder e, na maioria dos casos, são populares e líderes de um grupo. Por outro lado, estes autores defendem que estes indivíduos apesar de terem comportamentos agressivos, são na maioria das vezes inseguros, sofrem de ansiedade e de baixa autoestima.

Também Gomes (2014) afirma que o agressor ou o bully, aparentemente parece muito seguro, porque domina e humilha os colegas, mas na realidade são crianças frágeis, ansiosas, inseguras e com baixa autoestima. Em termos sociais, estas crianças são muitas vezes os mais populares da escola e estão integrados num grupo.

O bully tanto pode ser um rapaz ou uma rapariga, o que os diferencia é o tipo de bullying praticado. Em vários estudos, os resultados mostram que é muito comum os rapazes utilizarem a agressão física e as raparigas a agressão psicológica ou verbal. No entanto, a agressão psicológica não sendo tão visível, tão é dolorosa e insuportável como a agressão física (Gomes, 2014).

Dentro do grupo dos agressores, existem os auxiliares que são as crianças que fazem parte do grupo onde o agressor é líder. Acompanham o líder, estão presentes durante o ato agressivo e podem ou não ser interventivos. Uns simplesmente riem, gritam e observam, outros incentivam, chamam nomes e repetem tudo o que o agressor diz. No entanto, estas crianças quando estão fora do grupo ou sem o líder, assumem atitudes de fuga e procuram sempre estar com os elementos do grupo porque acreditam que enquanto estiverem no grupo nunca passarão

a vítimas. Geralmente, consideram que com estes comportamentos agressivos muito facilmente atingem a popularidade e o poder (Gomes, 2014).

Por sua vez, a vítima de bullying, é a criança que é agredida de forma continuada pelos colegas e que não consegue parar ou reagir aos ataques. São crianças que estão mais vulneráveis quer a nível físico, comportamental e emocional. Pode-se dar como exemplo, a criança/vítima geralmente tem poucos amigos, é passiva e possui baixa autoestima (Lopes Neto, 2005).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Gomes (2014) diz que as crianças vítimas de bullying são tímidas, discretas, passivas, mais frágeis, que podem ser menos populares, com menos amigos e sensíveis. Geralmente estas crianças são propícias a sentimentos de vergonha e de medo e, por vezes, podem apresentar alguma característica que as destaca dos outros, tal como, a sua altura, o peso, a cor da pele, entre outras. Quanto ao seu funcionamento psicológico, apresentam por vezes timidez em demasia, são pouco sociáveis, coram, choram com facilidade e procuram sempre a companhia de adultos.

A autora defende que estas crianças são sempre alvos fáceis para o agressor porque estão em minoria e não têm quem as defenda. Vários autores assumem que as crianças que foram socialmente rejeitadas na infância, têm tendência para desenvolver depressões, sentimentos de baixa autoestima e, em alguns casos, as vítimas não suportam a dor da agressão e acabam por cometer suicídio ou podem, mais tarde, serem pessoas agressivas e violentas (Olweus, 1993).

Vários autores defendem que as vítimas de bullying em comparação com os agressores, são mais novas, mais fracas fisicamente ou mais frágeis psicologicamente e que raramente são agredidos por colegas com idades inferiores à sua e normalmente são da mesma turma ou do mesmo ano (Carvalhosa, 2009; McEachern et al., 2005; Sharp & Smith, 1995; Wolke et al., 2001).

Por fim, temos os observadores que são as crianças que não estão diretamente envolvidas no bullying, mas têm o papel de espectadores. Geralmente, essas crianças sentem simpatia pelas vítimas, mas não conseguem auxiliar porque não sabem o que fazer e têm medo de se tornarem as próximas vítimas (Berger, 2007). Os observadores, têm tendência para assistirem ao ato agressivo, geralmente de forma passiva e na maioria das vezes fazem de conta que não é nada com eles. Estas não gostam do que observam e são contra a situação, mas têm medo de serem as próximas vítimas e não sabem o que fazer (Gomes, 2014).

Mattos et al. (2015), num estudo realizado com 95 crianças, assumiram que os observadores relataram mais situações do que as próprias vítimas e os agressores, porque

representam a grande maioria dos alunos que vivem diariamente com o bullying e mantêm-se calados com medo de se tornarem as próximas vítimas.

Existem ainda os defensores que são crianças muito sensíveis à dor do outro e que têm uma empatia forte com as vítimas. Geralmente são crianças mais velhas, seguras e não têm medo dos agressores, pois acabam por defender a vítima à frente de todos. Também é comum o agressor não fazer frente aos defensores e até os respeitar (Gomes, 2014).

1.4. Bullying em contexto escolar

Nos últimos anos, a violência escolar tem sido alvo de preocupação pela sociedade em geral, mas principalmente pela comunidade escolar (Carvalhosa et al., 2009; Costa & Pereira, 2010; Matos et al., 2009; Pereira, 2008; Raimundo & Seixas, 2009). Existe uma grande preocupação com este tipo de violência e isso traduz-se no aumento, evidente, da investigação sobre esta problemática. A investigação sobre a violência em contexto escolar é um foco primordial de interesse, logo o bullying surge na linha da frente em termos de pertinência de estudo (Buelga et al., 2009; Costa & Pereira, 2010; Healy et al., 2015; Purcel, 2012).

Vários estudos revelaram que o bullying ocorre nos primeiros anos escolares, embora a violência ocorra em todas as faixas etárias, são as crianças, que por estarem em processo de crescimento e desenvolvimento, se encontrem numa situação mais vulnerável. Relativamente às crianças do 1º ciclo do ensino básico, os estudos concluíram que 20% dos alunos estavam envolvidos em comportamentos de bullying de uma forma continuada, resultado este que pode ser explicado pelo fato das crianças ainda não terem adquirido as competências sociais e de assertividade (Pereira et al., 2004; Pereira, 2008; Whitney & Smith, 1993).

Sem dúvida, a escola é o lugar onde as crianças passam a maior parte do seu tempo e é aqui que as relações entre pares têm um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Segundo Pereira (2008), o recreio é um dos locais da escola onde existe uma grande aprendizagem porque proporciona à criança a autoformação a nível motor, social e emocional. Por isso, os investigadores têm tido especial atenção aos recreios das escolas, por ser o local onde as crianças passam os melhores momentos do seu dia, mas também por ocorrerem mais comportamentos de agressão e de vitimização.

Dentro da escola e de acordo com a maioria dos estudos, a sala de aula aparece em segundo lugar, logo seguido pelos corredores, escadas e cantina, isto é, são espaços onde não existe a intervenção dos adultos (Olweus, 1993; Pereira, 2008). Logo, estes resultados levam-

nos a perceber a importância da escola como um todo e que todos os seus comportamentos são importantes e marcantes na vida da criança.

Olweus (1993) realizou um estudo na Noruega, com crianças entre os 8 e os 16 anos e verificou que em 15% da amostra existia 9% de vítimas e 7% de agressores. Também concluiu que os rapazes são mais agressores, os mais novos são os mais vitimados e que as raparigas sofrem mais bullying indireto e os rapazes bullying direto.

Outro estudo realizado no Reino Unido por Whitney e Smith (1993), vem confirmar que o local com maior ocorrência de bullying na escola no 1º ciclo é o recreio com 76%, sendo a forma de agressão mais frequente com 50% o chamar nomes e com 36% a agressão física. Neste estudo, a vitimização ocorre nos rapazes com 28% e nas raparigas com 27% e são os rapazes que agredem mais. Para os que se envolvem em comportamentos agressivos, aparecem com 37% os alunos entre os 8 e os 11 anos e com 14% os alunos entre os 11 e os 16 anos.

Um grande número de estudos realizados em diferentes países indica que o bullying na escola ocorre em todo o mundo e não se limita a qualquer região geográfica, grupo socioeconómico ou cultural (Magklara et al., 2012). Estes autores dizem que as taxas de prevalência do fenómeno global estão entre 8% na Alemanha, 29,9% nos Estados Unidos, 30% na Itália e 40% na Coreia. As taxas de prevalência de agressores variam entre 4% e 50% e de vítimas de bullying variam entre 4,1% para meninas na Suécia e 36,3% para os meninos na Lituânia. Os mesmos autores apresentam um estudo internacional recente, em 66 países, que investigou a prevalência da vitimização de bullying e relatam que, em média, 32,1% das crianças foram vítimas de bullying na escola pelo menos uma vez nos últimos 2 meses, enquanto 37,4% das crianças foram vítimas pelo menos um dia nos últimos 30 dias. De acordo com Craig et al., (2009), a prevalência de bullying combinado, ou seja, agressão e ao mesmo tempo bully e vítima, foi de 41,3% na Grécia, tendo ficado em terceiro lugar entre os 40 países estudados, quanto ao número de estudantes envolvidos em comportamentos de bullying.

Em Portugal, Pereira et al., (1996) realizaram um estudo em escolas do 1º e 2º ciclos do ensino básico do distrito de Braga e concluíram que uma em cinco crianças tinha sido vítima de bullying, três ou mais vezes, no mesmo período.

Pereira et al., (2004), realizaram outro estudo em Lisboa e Braga e verificaram que tanto a agressão e a vitimização persistem três ou mais vezes em ambos os distritos e com valores muito idênticos. No mesmo estudo, verificaram que o local onde as crianças têm mais comportamentos de bullying é o recreio, tanto em Lisboa (73,6%) como em Braga (78,2%). No entanto, verificaram diferenças significativas no que diz respeito à agressão, os rapazes autorrelatam mais vezes serem agressores do que as raparigas e também são mais vezes vítimas.

Outros estudos efetuados no 1º ciclo do ensino básico, concluíram que 20% das crianças estavam frequentemente envolvidas em comportamentos de bullying (Pereira, 2008).

Em 2010, Costa e Pereira investigaram a prevalência do bullying em alunos do 1º ao 6º ano e verificaram que 18,8% eram agressores, 17,8% eram vítimas e agressores e 11,1% para as vítimas.

Segundo Carvalhosa (2010), após análise de alguns estudos realizados em Portugal, 1 em 4 alunos envolvem-se em comportamentos de bullying duas a três vezes por mês e quanto à idade, são os mais novos que aparecem como vítimas.

Para Serrate (2009), os rapazes são mais vítimas e agressores do que as raparigas e estas são mais observadoras-agressoras do bullying indireto. O mesmo autor refere que é nas escolas privadas que as crianças são mais humilhadas e que concordam em injuriar os outros, embora não sejam conhecidas grandes diferenças entre as escolas públicas e privadas.

Ao questionarmos as razões que levam a que algumas crianças sejam mais vítimas de bullying do que outras, pensamos logo nas características externas, tais como usar óculos, obesidade ou cor do cabelo, que são muito comuns em algumas vítimas, mas por outro lado, também se encontram estas características em crianças que não são vítimas de bullying. Um estudo realizado por Olweus com rapazes de dois grupos diferentes revela que estas características não são as mais importantes na origem de bullying, tal como por vezes se pensa (Olweus, 1994).

Musitu et al. (2011) destacam para além dos fatores individuais, os familiares, escolares e sociais, como possíveis potenciadores da violência na escola, ou seja, para além das características biológicas e psicológicas, existem os problemas familiares, a má relação entre professores e aluno e a vitimização dos colegas e, finalmente, a violência nos meios de comunicação e a permissividade social face à agressividade.

Beane (2011) refere, também, que as qualidades que integram a personalidade da criança podem afetar o modo como ela sente, pensa e age. Para o autor, uma criança ativa e impulsiva terá mais probabilidades a ter comportamentos agressivos em relação a uma criança mais calma e todas as preferências, preconceitos e valores que são muitas vezes transmitidos no seio familiar, podem ser causadores de problemas relacionais. Quanto à sociedade, o autor refere que a criança aprende muito cedo qual o padrão certo de aceitação perante os outros, como a valorização da aparência, da inteligência ou até mesmo da força e se ficar fora destes estereótipos, a criança terá tendência para a exclusão.

Também as relações entre os adultos, quer na família quer na comunidade, poderá levar ao desenvolvimento de comportamentos agressivos, porque frequentes discussões ou a

separação dos pais, provocam insegurança na criança. Beane (2010), baseado nos estudos de Olweus, refere que os bullies-vítimas são as crianças que já foram vítimas de agressão em casa e na escola ou que vivenciaram episódios violentos.

Alguns estudos referem que o maior índice de agressividade não provém dos agressores, mas das vítimas/agressoras, dito por outras palavras, as vítimas reagem a uma agressão com uma ação semelhante e geram situações de conflito (Carrilho & Bacelar, 2010).

Podemos dizer, que o bully e o bullied são ambos vítimas, porque são vítimas de comportamentos, valores ou atitudes no momento em que sofrem as agressões (físicas ou psicológicas) e até mesmo no futuro. As vítimas poderão ver de forma distorcida as suas vidas através do medo e da falta de confiança em si e nos outros, enquanto os agressores poderão ter dificuldade de inserção social pela dificuldade em respeitar as normas sociais e pela crença na força como solução para os seus problemas (Costa & Pereira, 2010; Magklara et al., 2012).

Capítulo II - Bullying, Género e Idade

2.1. As diferenças de acordo com o género na prevalência do bullying

Estudos anteriores têm revelado que o bullying ocorre maioritariamente nos anos escolares iniciais, no ensino básico (primário). O que varia é o tipo de agressão com a idade, mas, também, com o género. Os meninos utilizam as agressões físicas e verbais, ou seja, usam a provocação e a violência física e psicológica. As meninas usam mais as agressões indiretas através do bullying social ou psicológico, caracterizado pelas ofensas, humilhações e divulgação de rumores que geram exclusão social (Carvalhosa et al., 2009; Costa & Pereira, 2010; Healy et al., 2015; Lourenço et al., 2009).

Os investigadores têm procurado compreender as características dos diferentes intervenientes neste fenómeno bullying, tentando perceber o que distingue as vítimas dos agressores e as diferenças nos comportamentos de bullying em função do sexo, nível de escolaridade e do estatuto socioeconómico (Barros et al., 2009; Rech et al., 2013).

Os rapazes aparecem mais envolvidos no bullying, quer no papel de vítima quer no de agressor (Bandeira & Hutz, 2012; Carvalhosa et al., 2009), com prevalência a agressão física (Healy et al., 2015; Rech et al., 2013).

Por outro lado, as raparigas envolvem-se mais em situações de bullying indireto ou relacional e em ambos os papéis, de vítimas e agressoras (Bandeira & Hutz, 2012; Carvalhosa et al., 2009; Pereira, 2008).

No entanto, também existem estudos que não encontram diferenças quanto ao sexo e na manifestação dos comportamentos de bullying (Kokkinos, 2013). Um estudo recente, realizado na Albânia (Kashahu et al., 2014), refere que não foram encontradas diferenças de género em relação ao comportamento de bullying (vítima / agressor) e a explicação para este resultado é o alto nível de violência nas escolas que faz com que as meninas sejam tão agressivas quanto os meninos o que as obriga a perder a sensibilidade e que explica a necessidade de se defenderem.

A Organização Mundial de Saúde efetuou uma pesquisa internacional sobre o bullying e descobriu que em todos os países que foram alvos do estudo, os rapazes assumem com mais frequência o estatuto de agressores/bullies em relação às raparigas. No entanto, as raparigas indicam níveis de vitimização iguais e por vezes superiores aos rapazes (Craig & Harel, 2004). Nos estudos existentes, é praticamente consensual que o bullying difere quanto à forma, género e agressividade.

2.2. As formas do bullying e a idade

As formas de bullying vão alterando de acordo com o desenvolvimento e amadurecimento das crianças. Existem autores que defendem que o bullying começa no primeiro ciclo escolar, persistindo ao longo de todo o percurso escolar e que se acentua nos anos de transição de ciclo ou, até mesmo, de escola (Pepler et al., 2008).

Segundo Due & Holstein (2008), a prevalência do bullying tem tendência a diminuir com a idade e que as crianças mais jovens são as que estão mais expostas a este fenómeno por serem mais novas e até mais frágeis. No entanto, Smith et al. (2010) refere que a incidência da vitimização vai decrescendo com a idade.

Existem diferentes tipos de bullying que estão associados ao percurso do desenvolvimento das crianças. Nas mais novas são mais frequentes as agressões diretas em virtude do seu desenvolvimento global e da aquisição de determinadas competências cognitivas e sociais não estarem completamente adquiridas (Pereira, 2008).

De uma forma semelhante, Smith & Monks (2008) dizem que os comportamentos agressivos apresentados pelas crianças mais novas são diferentes dos apresentados pelos jovens. As mais novas utilizam mais o confronto direto (bater, empurrar, etc.) do que o indireto (espalhar rumores).

Ou seja, o que estes autores nos referem é que o tipo de bullying praticado pelas crianças mais novas distingue-se do bullying que se observa nas crianças mais velhas quanto à sua repetição. Como todos nós sabemos, o bullying caracteriza-se pela repetição da agressão em relação à mesma vítima. No entanto, as crianças mais novas que mantêm os comportamentos de bullying em relação aos seus pares não agredem repetidamente o mesmo indivíduo, ou seja, têm tendência a vitimar diferentes colegas e em diferentes ocasiões.

Para Smith & Monks (2008), esta forma indiscriminada da vitimização por um número grande de pares reflete uma tentativa do agressor identificar as vítimas mais frágeis, as que vão chorar e retrair-se. Também existe a possibilidade de as crianças mais novas terem dificuldade em identificar o comportamento retraído dos colegas o que resulta numa menor descriminação das suas agressões. O que os autores referem é que as crianças que são vitimadas no primeiro ciclo podem ter mais facilidade em se libertar desta situação desvantajosa.

Capítulo III - O Bullying e os fatores socioprofissionais dos pais

3.1. Estatuto socioprofissional dos pais

Começamos por perceber o que é isto do estatuto social e qual a sua importância na sociedade atual.

Com o objetivo de caracterizar o estatuto socioprofissional (ESP) convém explicar em que consiste o estatuto socioeconómico (ESE). O estatuto socioeconómico (ESE) é um conceito complexo e de difícil mensuração, pois agrega indicadores baseados em recursos materiais e sociais e assenta na posição socioeconómica. Este pode ser avaliado através de medidas individuais, como educação, renda ou ocupação, mas também através de medidas compostas que combinam ou atribuem pesos a diferentes aspetos socioeconómicos (Tippett & Wolke, 2014). Contudo não existe uma medida padrão do estatuto socioeconómico. Podem ser utilizados indicadores para medir aspetos específicos da estratificação socioeconómica, assim, diferentes medidas do ESE podem mostrar efeitos variáveis, que podem resultar de diferentes caminhos causais. A natureza multifacetada do ESE resultou numa falta de consistência na forma como este pode ser medido (Tippett & Wolke, 2014). Logo pareceu-nos mais adequado utilizar na nossa investigação o constructo de estatuto sócio profissional (ESP), até porque não avaliamos as variáveis económicas do agregado familiar. Assim o estatuto sócio profissional (ESP) pode ser considerado como um dos componentes do estatuto socioeconómico (ESE) (Tippett & Wolke, 2014).

Apesar da nossa investigação não trabalhar diretamente o constructo de estatuto socioeconómico, mas sim o estatuto sócio profissional, este último engloba variáveis que também integram o primeiro, como o nível de educação parental, sendo esta uma das nossas dimensões primordiais para avaliar o ESP.

O Estatuto Sócio Económico é um conceito agregado que compreende indicadores). baseados em recursos materiais e recursos sociais e baseados no prestígio (classificação ou status individual) da posição socioeconómica, que podem ser medidos em todos níveis sociais (individuais, familiares e de vizinhança) e em diferentes períodos de tempo. Pode ser avaliado através de medidas individuais, como nível de habilitações literárias, salário e/ou ocupação profissional, mas também através de medidas compostas que combinam ou atribuem pesos a diferentes aspetos socioeconómicos para fornecer um índice geral de nível socioeconómico (Tippett & Wolke, 2014).

Não existe uma medida padrão do Estatuto Sócio Económico. Vários indicadores são usados para medir aspetos específicos da estratificação socioeconómica. Assim, diferentes medidas do ESE mostram efeitos variáveis, que podem resultar de diferentes caminhos causais, ou através de interações com outras características sociais, como género ou raça.

Em estudos recentes, a variável mais estudada é o estatuto socioeconómico porque define a posição social que o indivíduo ocupa na sociedade e é determinada pela educação, profissão, salário e saúde (Cuervo et al., 2012; Davies, 2011; Jansen et al., 2012; Magklara et al., 2012; Tippet & Wolke, 2014; Wang et al., 2012).

Jansen et al. (2011) desenvolveram uma investigação que relacionou o ESE com comportamentos de bullying em crianças holandesas. Foram utilizados só dois indicadores do ESE familiar, tais como o nível educacional de ambos os pais, sendo este aquele que evidencia o nível de educação da família e a ocupação profissional de cada um dos pais. Estes dois indicadores de ESE refletem características sociais não-económicas, como conhecimento geral, habilidades de resolução de problemas, alfabetização e prestígio (Galobardes, Shaw, Lawlor, Lynch, Davey & Smith, 2006). Neste estudo, o nível educacional das mães e pais foi dividido em: Educação primária, que normalmente corresponde a ≤ 8 anos de educação; Formação profissional inferior, correspondente a 9-12 anos de educação; Formação profissional intermédia, equivalente a 13-15 anos de educação; Formação profissional superior, que corresponde a 16-17 anos de educação; e Educação académica superior, equivalente a 18 anos de educação ou mais (Statistics Netherlands, 2004). Considera-se que a maior escolaridade obtida estrutura e influencia significativamente os níveis de ocupação laboral (Galobardes, Shaw, Lawlor, Lynch, Davey & Smith, 2006). Este estudo inclui a dimensão “status de emprego”, em vez do nível ocupacional como um indicador de ESE familiar. O desemprego neste estudo supramencionado é visto como um forte indicador de baixo nível socioeconómico, o que a nosso ver é atualmente discutível.

No nosso estudo vamos operacionalizar a vertente socioprofissional, ou seja, a profissão e nível académico dos pais, que são uma das variáveis que compõem o estatuto socioeconómico.

O objetivo inicial do nosso estudo era estudar o estatuto socioeconómico das crianças e a sua relação com comportamentos de bullying, mas para isso era necessário obter informações como o salário, nível de consumo, nível de vida e outros dados que são sensíveis como conteúdos de recolha. Pois, recolher este tipo de informações sobre as famílias poderia fomentar variáveis de defesa e até recusa para a participação no estudo. Utilizamos assim a

variável profissão e nível académico do pai e mãe ou encarregados de educação, analisando a relação entre esta e os comportamentos de bullying das crianças.

Devido à conjuntura económica que se vive em Portugal atualmente, optamos por dividir o estatuto socioprofissional da seguinte forma: **nível socioprofissional baixo** (trabalhadores assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil, empregados de balcão no pequeno comércio, contínuos, cozinheiros, empregados de mesa, empregados de limpeza, pescadores, rendeiros, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, até ao ciclo preparatório e desempregados); **nível socioprofissional médio baixo** (trabalhadores especializados da indústria – mecânicos, eletricistas – motoristas, pequenos patrões do comércio, indústria e serviços, profissionais técnicos intermédios independentes, pescadores proprietários de embarcações, empregados de escritório, seguros e bancários, agentes de segurança e contabilistas); **nível socioprofissional médio alto** (enfermeiros, assistentes sociais, professores do ensino básico e secundário, do 4º ano de escolaridade ao 12º ano de escolaridade, cursos médios e superiores); **nível socioprofissional elevado** (grandes empresários ou proprietários agrícolas, do comércio e indústria, quadros superiores da administração pública, do comércio, da indústria e de serviços, profissões liberais -gestores, médicos, magistrados, arquitetos, engenheiros, economistas, professores do ensino secundário e superior, artistas, oficiais superiores das forças militares e militarizadas, pilotos de aviação, do 4º ano de escolaridade - de modo a incluir grandes proprietários e empresários - à licenciatura, mestrado e doutoramento) (Almeida, 1988).

3.2 A influência do estatuto socioprofissional dos pais nos comportamentos de bullying das crianças

No contexto social deste século, para a maioria das pessoas, alcançar o sucesso e a felicidade passa por adquirir bens de consumo e, através de uma competição excessiva, realizar projetos individualistas, tendo cada vez menos em conta as necessidades e a dignidade do outro e as condições do meio ambiente em que vivemos (Beaudoin & Taylor, 2007; Calhau, 2010). Através desta dinâmica social o que prevalece é o individualismo e os valores competitivos, deixando de haver respeito pelos direitos humanos, ou seja, o que existe é uma relação entre opressores e oprimidos, na qual o consumismo e a competição estão profundamente ligados. Esta orientação de valores e metas em que os objetivos pessoais predominam sobre o bem-estar comum podem levar a comportamentos sociais agressivos, hostis e antissociais (Sennet, 2012).

Como foi explicado no capítulo anterior o ESP (estatuto socioprofissional) assume-se como um componente do ESE (estatuto socioeconómico), como tal, a maioria dos estudos apesar de utilizar as variáveis correspondentes ao ESP, denomina-o de ESE. Daí verificarmos que na maioria da literatura surge dominantemente identificado o constructo ESE, mesmo que só se tenha trabalhado as variáveis habilitações académicas e ocupação laboral dos pais.

Alguns estudos têm investigado a relação entre o estatuto socioeconómico e os comportamentos de bullying. Borg e Rigby (1999, 2004, citados por Chaux et al., 2009) não encontraram nenhuma relação, outros encontraram níveis mais elevados de bullying entre crianças que vivem em condições socioeconómicas desfavoráveis (Analitis et al., 2009; Jansen et al., 2011; Khoury-Kassabri et al., 2005; Pereira et al., 2004; Wolke et al., 2001). No entanto, Jankauskiene et al. (2008, citados por Chaux et al., 2009) descobriram que os bullies têm uma maior representatividade em famílias com estatuto socioeconómico médio e alto e as vítimas nas famílias de baixo estatuto socioeconómico.

Recentemente, um estudo internacional mostrou que ser vítima era mais comum entre crianças e adolescentes de famílias de baixa posição socioeconómica e esta associação parecia ser relativamente forte em vários países (Due, et al., 2009). Outro estudo, que investigou as associações socioeconómicas e o bullying usando uma amostra de crianças em idade pré-escolar, também mostrou que as crianças de famílias com menor nível educacional apresentam um risco aumentado de vitimização (Perren, et al., 2009). Um estudo realizado na Alemanha e Inglaterra também mostrou relação entre a classe social tanto nas vítimas como nos agressores (Wolke, et al., 2001).

A natureza multifacetada do ESE (Estatuto Sócio Económico) resultou numa falta de consistência na forma como os pesquisadores medem a sua relação com o bullying e, embora vários estudos forneçam avaliações individuais desse relacionamento, ainda não há consenso claro sobre se os papéis no bullying estão associados a medidas socioeconómicas individuais ou em geral (Tippett & Wolke, 2014).

Tippett & Wolke (2014) realizaram um estudo de meta análise para analisarem se o ESE poderia ser usado para identificar quais as crianças que estão em maior risco de sofrerem bullying. Para este estudo, fizeram uma revisão sistemática da literatura publicada sobre o bullying escolar e o nível socioeconómico e identificaram 28 estudos que revelaram uma associação entre os intervenientes no bullying escolar, bully, vítima e bully-vítima, e medidas de ESE. De acordo com os estudos realizados, as vítimas e bully-vítimas têm maior probabilidade de terem origens sócio económicas mais baixas. De acordo com a meta análise realizada denota-se que há um pequeno, mas crescente corpo de literatura que examina a

relação entre bullying e os componentes do ESE, embora os achados tendam a sugerir que as vítimas de bullying e os agressores tenham predominantemente origens socioeconômicas baixas, estes resultados estão longe de ser conclusivos (Tippett & Wolke, 2014). Alguns destes estudos diferem na sua abordagem para medir ESE, pois uns utilizam medidas compostas, combinando múltiplos indicadores, como educação parental, riqueza e ocupação profissional, enquanto outros concentram-se num único indicador socioeconómico, na maioria das vezes a educação parental, e ou ocupação profissional dos pais (Tippett & Wolke, 2014).

Mais especificamente, ser vítima de bullying foi associado a uma educação parental pobre, baixa ocupação parental, dificuldades económicas da família, e a pobreza no geral (Tippett & Wolke, 2014). Além disso, vários estudos assumem que as vítimas de bullying também são mais propensas a revelar baixa educação materna e desemprego materno. No entanto, outros estudos encontram pouca ou nenhuma associação entre ESE e comportamentos de bullying (Bowes et al., 2009). Até agora, as associações entre bullying e ESE não foram quantificadas na sua variedade e abrangência de forma sistemática (Tippett & Wolke, 2014).

O tipo de bullying pode ser importante em relação ao ESE. As vítimas de bullying físico e relacional foram associadas mais frequentemente a famílias de baixo ESE, enquanto as vítimas do bullying cibernético já não (Lumeng, Forrest, Appugliese, Kaciroti, Corwyn & Bradley, 2010).

É importante considerar que no geral os comportamentos de bullying são esperados em qualquer estrato socioeconómico em que existam ganhos potenciais em assumir uma posição de domínio de uns sobre os outros (Tippett & Wolke, 2014). Estes dados são compatíveis com pesquisas recentes, as quais sugerem que não é o nível absoluto de ESE que prevê o bullying, mas sim o grau de desigualdade social que existe na sociedade. As taxas mais elevadas de bullying foram encontradas em países onde a desigualdade social é maior. Logo em sociedades altamente desiguais em termos de recursos, existe maior aceitação em avançar com qualquer meio que possibilite aos agressores atingirem maiores ganhos sem experimentar nenhum custo específico. A desigualdade social e a sua relação com o bullying podem justificar futuras pesquisas sobre se e por que as crianças se envolvem em bullying escolar (Tippett & Wolke, 2014; Rigby, 2016).

Os comportamentos de bullying são problemas comuns no início do ensino básico (1º ciclo). As crianças de famílias socioeconómicas mais desfavorecidas têm um risco particularmente alto de envolvimento em comportamentos de bullying (Bowes, Arseneault, Maughan, Taylor, Caspi & Moffitt, 2009).

Magklara et al. (2012) realizaram um estudo, na Grécia, em que utilizaram como variáveis socioeconômicas as habilitações literárias e o emprego dos pais e esta relação com o bullying é muito complexa. Nas vítimas, não encontraram evidências de associação com as variáveis socioeconômicas. Em contraste, encontraram alguma evidência de que os agressores são mais prováveis de serem oriundos de famílias com um pai desempregado. Por outro lado, a situação de reforma do pai foi associada a um menor risco da criança ser agressora. A inatividade econômica da mãe (tanto na situação de doméstica como de reformada) foi associada a uma maior probabilidade de ser vítima/agressora. Esses resultados foram geralmente confirmados e quando mudaram o limite de frequência de bullying (de uma vez por mês para uma vez por semana) encontraram associação de bullying com a situação profissional do pai, ser trabalhador independente em vez de desempregado.

Outro estudo realizado na Holanda (Jansen et al., 2012), mostra a associação entre estatuto socioeconômico e o risco de envolvimento em bullying e vitimização. O baixo nível de escolaridade dos pais e o desemprego aumentaram o risco de as crianças serem agressores ou agressores/vítimas. De todos os indicadores de estatuto socioeconômico familiar, apenas o baixo nível de escolaridade dos pais foi associado à vitimização. Os autores referem que este estudo mostrou disparidades socioeconômicas significativas no bullying e na vitimização precoce na escola primária, porque as crianças das famílias com estatuto socioeconômico mais baixo tiveram maior risco de estarem envolvidas no bullying como vítimas, intimidadoras ou agressoras/vítimas do que as crianças com maior nível socioeconômico.

O estatuto socioeconômico das famílias tem sido objeto de estudo nos últimos anos e o nível de escolaridade dos pais. O baixo nível socioeconômico das famílias está mais associado ao envolvimento das crianças com o bullying, principalmente relacionadas com a escolaridade dos pais (Analitis et al., 2009; Garner & Hinton, 2010; Shetgiri et al., 2012; Vlachou et al., 2011). Por outro lado, o baixo nível educacional dos pais reflete limitações em recursos intelectuais, conhecimentos e habilidades sociais (Fu et al., 2013).

Vários estudos têm demonstrado que as crianças oriundas de famílias com menor estatuto socioeconômico (ESE) são mais frequentemente vitimadas e enfrentam consequências mais severas a longo prazo para a saúde mental, em comparação com vítimas de origens sociais mais prósperas. Outros estudos confirmaram que as taxas de vitimização foram maiores entre as crianças com baixa base socioeconômica, conforme indicado pelas ocupações profissionais dos seus pais e pela baixa escolaridade dos mesmos (Due, Damsgaard, Lund & Holstein, 2009).

A investigação de Jansen et al. (2011) mostrou disparidades socioeconômicas significativas no bullying e na vitimização em crianças do 1º ciclo. As crianças oriundas de

famílias com um nível socioeconómico mais baixo apresentaram maior risco de se envolverem em bullying (como vítima ou agressor) do que as crianças com maior base socioeconómica. A vitimização foi mais prevalente entre os filhos das mães com baixo nível educacional em comparação com crianças de mães com maior nível de educação.

Capítulo IV – Influência da Família nos Comportamentos de Bullying

A família é uma instituição que, ao longo da história da humanidade, tem servido como apoio, sustento e um veículo de transmissão de valores e tradições. No entanto, essa noção de família tem sofrido algumas alterações estruturais devido às rápidas transformações sociais e culturais a que temos assistido nos últimos anos.

De acordo com algumas investigações, o suporte familiar é um fator importante para minorar os problemas que afetam as crianças e os adolescentes, principalmente as consequências dos comportamentos de bullying (Brank et al., 2012).

Segundo Morgado et al., 2013, a sociedade e as famílias portuguesas têm sofrido mudanças com novas realidades, laços e relações com novas adaptações mentais e sociais muito exigentes. O conceito tradicional de família tem sofrido alterações, dando lugar a famílias monoparentais ou reorganizadas, ficando cada vez mais vulneráveis quer ao nível da saúde, quer ao nível da educação.

De acordo com um estudo (Gonçalves, 2013) sobre o efeito na educação dos filhos em famílias monoparentais femininas, verificou-se a existência de dificuldades económicas, de patologias de natureza psicológica e de consumo de substâncias, fatores que potenciam a exclusão social e dificulta a transmissão das competências sociais necessárias à socialização e educação dos filhos.

Em relação aos conflitos existentes antes e depois de um divórcio, poderão atingir as ligações afetivas entre a criança e o pai e/ou a mãe, o que poderá aumentar a vulnerabilidade aos desajustes emocionais e comportamentais da criança (Hack & Ramires, 2010).

As variáveis familiares parecem contribuir para a participação de uma criança no bullying. Se o pai de um aluno foi condenado por um crime, essa criança provavelmente será um bully (Farrington & Baldry, 2010). As crianças que testemunham violência doméstica entre os pais também são mais propensas a intimidarem na escola (Bowes et al., 2009; Carrell & Hoekstra, 2010). Além disso, se houver um histórico de envolvimento familiar com os Serviços de Proteção Infantil pode tornar uma criança mais propensa a ser um bully (Mohapatra et al., 2010).

Pelo fato de uma família ser destruída e existirem maus tratos por parte dos pais leva a que as crianças sintam um grande impacto no seu bem-estar e no seu desenvolvimento. Segundo Seeds et al. (2010), os maus tratos de forma continuada por parte da figura paterna,

provoca uma baixa percepção do suporte parental na criança e poderá, mais tarde, resultar em sintomatologia depressiva.

De acordo com Gaertner et al. (2010) quando a criança tem uma baixa percepção do suporte parental vê nos amigos uma fonte de suporte a quem podem recorrer, ou seja, é nas relações de amizade que procuram colmatar as falhas das relações com os seus pais. Sendo a relação com os amigos e o grupo um forte fator de influência.

No que diz respeito à influência familiar, Cummings (2010) verificou que o tipo de família em que a criança está inserida influencia o seu comportamento e, muitas vezes, as crianças que observam e vivem com a violência em casa, refletem essa violência para dentro da escola. Sobretudo as relações de desigualdade de poder na família e na escola, a ambivalência no envolvimento emocional com pais, irmãos e colegas, com clima emocional frio e assimétrico.

De acordo com Pereira (2008; 2006), as relações de desigualdade de poder na família revelam um lar com um dia a dia hostil e permissivo em que há o uso da violência como forma de disciplina, sem quaisquer habilidades para a resolução de conflitos, o que leva as crianças a transportarem essas condutas com os colegas e até com os professores.

Podemos afirmar que as crianças com comportamentos de bullying provêm de famílias que têm a violência como forma de comunicar poder e com pouco ou nenhum afeto, ou seja, as crianças com problemas no seio familiar têm mais probabilidades de serem agressivas.

Segundo Silva (2010), a grande maioria dos pais age de forma tolerante com os filhos e fingem não ver os comportamentos agressivos praticados pelos mesmos na escola. Trata-se de uma compensação pela distância dos pais para com os filhos, mas, o resultado, é que cada vez mais as crianças habituem-se a fazerem o que querem, sem a presença dos pais para impor os limites. A maioria dessas crianças não seguem as regras sociais e não pensam nem se preocupam com o que os seus comportamentos agressivos podem causar aos outros.

Por outro lado, existem agressores que vêm de uma família estruturada, que não têm atitudes agressivas, mas têm preconceitos com as diferenças e transmitem esse preconceito para os filhos que agem na escola de uma forma preconceituosa (Ramos, 2008).

Também é importante considerar que crianças de famílias com recursos socioeconómicos baixos experimentam mais ambientes domésticos desfavoráveis, inclusive enfrentam castigos mais severos, práticas parentais com restrições autoritárias, vivenciando maiores níveis de violência entre irmãos, e sendo mais frequentemente expostos a incidentes de violência doméstica. Do ponto de vista da teoria da aprendizagem social, relacionamentos precoces das crianças em casa moldam como eles interagem com os outros mais tarde na vida.

Experimentar violência ou abuso em casa pode afetar a capacidade das crianças de formar e manter relacionamentos entre pares coesos e saudáveis (Tippett & Wolke, 2014).

A presença dos pais na vida dos filhos torna-se de extrema importância quer nos que são vítimas, agressores e nos que são testemunhas dos bullies, no sentido de ajudarem as crianças a desenvolverem as capacidades para se expressarem e se relacionarem de uma forma adequada para que se tornem adultos saudáveis, equilibrados e principalmente saberem conviver com as diferenças.

Capítulo V - Consequências do bullying na saúde mental das crianças

Atualmente, o bullying apresenta elevadas taxas de prevalência nas escolas de todos os países, o que gera um grave problema devido às consequências graves que pode trazer a curto e longo prazo, quer para as vítimas, quer para os agressores e observadores e para a sociedade em geral e é uma das experiências mais traumáticas vividas na idade escolar (García & Magallo, 2014).

Os envolvidos em situações de bullying relatam mais problemas de saúde mental e menor ajuste emocional e social, sofrimento psicológico e menor bem-estar (Thomas et al., 2016). A saúde mental precária precocemente indicada pela prescrição de antidepressivos e um diagnóstico mental ou comportamental estabelecido antes dos sete anos de idade, prevê o status de bullying entre as idades de 10-12 anos, assim como um maior número de consultas urgentes que pode ser indicativo de comportamento hiperativo (Dalsgaard et al., 2014).

De acordo com o estudo realizado por Farrington & Baldry (2010), as crianças com alta hiperatividade e impulsividade são mais propensas a se tornarem agressoras e as crianças que não têm tantas competências de empatia, são mais propensas a intimidarem as outras crianças. Além disso, as crianças que têm QIs menores, especialmente não-verbais, são mais propensas a serem agressoras. Alguns fatores, aparentemente positivos, também fazem com que uma criança tenha maior probabilidade de se envolver em bullying, de acordo com a pesquisa, as crianças que têm altas habilidades de liderança são mais propensas a intimidar, tendo os valentes círculos sociais maiores (Perren & Alsaker, 2006).

Existem tendências comportamentais particulares que estão relacionadas às crianças como sendo agressoras. As crianças que atuam ou exibem níveis mais altos de comportamentos excessivos são mais propensas a intimidarem outras crianças (Bollmer et al., 2005). As crianças que causam mais problemas na escola e são mais desonestas também são mais propensas a intimidarem (Farrington & Baldry, 2010). Da mesma forma, as crianças que são agressoras são mais propensas a ter uma autorregulação pobre das suas emoções (Garner & Hinton, 2010).

Por outro lado, certos fatores cognitivos e emocionais podem tornar as crianças mais propensas a tornarem-se vítimas de bullying. Garner & Hinton (2010) descobriram que as crianças são mais prováveis de serem intimidadas se forem menos competentes para entender as normas sociais relacionadas à exibição de tristeza. Além disso, as crianças que são mais ansiosas socialmente (Kenarna et al., 2010) ou submissas (Perren & Alsaker, 2006) são mais

propensas a serem vítimas de bullying. As crianças com baixa competência social correm maior risco de serem vítimas (Cook et al., 2010).

Apesar dos diferentes métodos para medir o bullying e quais as razões que levam ao envolvimento do bullying, os efeitos negativos de serem intimidados e de serem valentões são muito claros. Experimentar e até mesmo testemunhar o bullying pode levar a graves efeitos negativos a curto e longo prazo para todas as partes envolvidas. Os valentões são caracterizados como antissociais, agressivos e impulsivos. Eles exibem ansiedade e insegurança muito baixas e falta de empatia (Olweus, 1996).

Olweus (1983) descreve as vítimas como socialmente fracas, tímidas e ansiosas. Eles estão mais angustiados emocionalmente e socialmente são mais marginalizados do que as outras crianças não vítimas (Juvonen et al., 2003). As vítimas também podem ter um desempenho mais fraco na escola e evitam a escola para não serem vitimados (Roth et al., 2010).

Ser vítima de bullying pode levar a um risco aumentado de efeitos psicológicos colaterais, como depressão, tentativas e ideação suicidas e baixa autoestima (Swearer et al., 2001; Klomek et al., 2007; Natio et al., 2008). Skapinakis et al. (2011) descobriram que as vítimas eram significativamente mais propensas a relatar ideias suicidas do que os agressores e que estes efeitos psicológicos negativos persistiram na idade adulta. Rivers & Noret (2010) descobriram que os observadores / espectadores de comportamentos de bullying também eram suscetíveis de sofrerem efeitos psicológicos, como a ideação suicida.

As crianças que testemunham o bullying podem experimentar a co vitimização, experimentar o abuso de / ou com a vítima, ou revitimização, lembrando as suas próprias experiências com a vitimização. Elas também podem vivenciar a ansiedade produzida pelos desejos contrastantes entre parar a vitimização, e o medo de se tornarem o próximo alvo (Brank et al., 2012).

Pesquisas mais recentes, focadas no cyberbullying, descobriram que o cyberbullying parece ter efeitos negativos similares para *cibervictims* e *ciberbully / victimes* em comparação com os efeitos sobre as vítimas tradicionais (Sourander et al., 2010). De certa forma, o cyberbullying pode ser mais prejudicial, mais especificamente, pesquisas recentes sugerem que pode ter ainda mais impactos negativos sobre os níveis de depressão do que o bullying tradicional (Wang et al., 2011), em parte devido à acessibilidade das vítimas e à capacidade de vitimizar anonimamente (Drogin & Young, 2008).

Segundo Pereira (2002), as consequências do bullying para as vítimas passam pela perda de autoconfiança e confiança nos outros, falta de autoestima, autoconceito negativo e

depreciativo, falta de concentração, morte, dificuldades de ajustamento na adolescência e na vida adulta. Em relação aos agressores, a autora refere a dificuldade em respeitar a Lei, com uma crença na força para a solução dos seus problemas, problemas de relacionamento afetivo e social, incapacidade ou dificuldade de autocontrolo e comportamentos antissociais.

Alguns estudos, como Garner & Hinton (2010) que se concentram principalmente nos efeitos mais imediatos, revelam que as crianças vítimas de bullying sofrem frequentemente de dores de cabeça e de estômago, de depressão e insónias. Outros estudos referem que as vítimas manifestam uma grande tensão nervosa, com pesadelos ou ataques de ansiedade, com alterações de comportamento, tais como, birras, fobias e medos da escola, o que as leva a um isolamento e a um sentimento de solidão, são mais propensas ao medo, à tristeza e aos sentimentos de rejeição. As vítimas de exclusão social, revelam um apego fraco e um desenvolvimento insuficiente de competências sociais (Due et al., 2015).

De um modo geral, diversos autores foram identificando as consequências do bullying, principalmente nas vítimas, quer ao nível da saúde, através dos sintomas físicos, como as dores de cabeça e barriga, e dos psicossomáticos, como a irritabilidade, nervosismo, cansaço e insónias, quer ao nível do bem-estar psicológico, através de sentimentos de tristeza, infelicidade, elevados níveis de depressão, ansiedade e maior risco de suicídio na adolescência (Garner & Hinton, 2010; Farrington & Baldry, 2010; Farrington & Ttofi, 2011; Rothon et al., 2010; Skapinakis et al., 2011).

Crianças que praticam bullying apresentam um risco elevado de desenvolver problemas de comportamento, têm maior risco psiquiátrico, de delinquência, abuso de substâncias, comportamento antissocial, violência e atividade criminal, enquanto as crianças vítimas de bullying revelam maior tendência para desenvolverem uma autoimagem pobre, depressão e baixa qualidade de vida (O'Brien et al., 2011).

O bullying é um fenómeno preocupante e complexo que pode trazer consequências graves, quer para a vítima, agressor e observadores. Todos são afetados por consequências negativas associadas a estes comportamentos agressivos. As vítimas podem desenvolver quadros psicopatológicos e comportamentos de fuga face à escola, os observadores, podem viver um medo intenso de serem as próximas vítimas e assumirem comportamentos desadequados e os agressores podem organizar-se num registo futuro próximo da delinquência (Gomes et al., 2017).

Espelage, Sung Hong & Meban,(2016) analisaram a associação entre a vitimização por bullying na infância, com múltiplas formas de vitimização e o funcionamento psicológico atual numa amostra de jovens adultos a frequentar a faculdade. Os achados indicaram que a

vitimização por bullying na infância possibilitou significativamente maiores níveis de depressão, ansiedade e stresse pós-traumático (SPT). O bullying na infância foi considerado um forte preditor para a existência de stresse pós-traumático (SPT), na vida adulta.

Os diferentes grupos envolvidos em comportamentos de bullying na infância (vítimas e agressores) mais tarde, apresentam perfis de risco para a psicopatologia. As vítimas sofrem de alto risco para internalizar transtornos. Os agressores parecem estar em risco para a criminalidade, principalmente crimes violentos e uso indevido de drogas ilícitas. Muitas crianças que são intimidadas sofrem em silêncio. Ser vítima de bullying pode levar a maiores níveis de ansiedade, depressão, episódios psicóticos e até suicídio (Klomek, Sourander & Elonheimo, 2015).

Pesquisadores da Universidade de Warwick no Reino Unido descobriram que os pesadelos ou os terrores noturnos eram mais comuns em crianças que foram vítimas de bullying quando tinham 8 e 10 anos de idade. Se os terrores noturnos ocorrerem frequentemente ou durante um período de tempo prolongado, eles podem indicar que uma criança ou adolescente já foi ou está sendo vítima de bullying por colegas. As crianças vítimas de bullying terão mais tendência para sofrer de parassónias, incluindo os pesadelos, terrores noturnos e sonambulismo (Lereya, 2014).

Tendo em conta as consequências para a saúde mental e a deterioração do funcionamento escolar, fomentadas por altos níveis de envolvimento em situações de bullying (Renshaw et al., 2016), é urgente ajustar todos os esforços para o desenvolvimento de intervenções futuras, adaptando as verdadeiras necessidades atuais das crianças e jovens e, também, da própria sociedade.

Parte II – Metodologia

1.1. Metodologia

A segunda parte deste estudo incide sobre a metodologia, aqui será explorada a relação entre o bullying e o estatuto socioprofissional. Será feito um trabalho comparativo entre os diferentes grupos abordados na investigação, tais como género, anos de escolaridade, escolas públicas e escolas privadas. Da mesma forma, serão explorados os comportamentos de bullying da amostra.

Por fim, o trabalho será concluído com a apresentação da análise estatística e de todos os resultados, discussão e conclusões.

1.2. Problema

De acordo com a literatura pesquisada verificamos que parece existir uma relação entre os comportamentos de bullying e indicadores do ESP, tais como escolaridade e ocupação profissional dos pais.

O bullying e a vitimização são fenómenos generalizados na infância e podem ter um impacto sério no bem-estar das crianças. As crianças de famílias com um baixo nível socioeconómico têm um risco maior desse comportamento (Jansen, Veenstra, Ormel, Verhulst & Reijneveld, 2011). Os comportamentos de bullying são problemas comuns no início do ensino básico (1º ciclo). As crianças de famílias socioeconómicas desfavorecidas têm um risco particularmente alto de envolvimento em comportamentos de bullying (Bowes, Arseneault, Maughan, Taylor, Caspi & Moffitt, 2009).

Então pareceu-nos pertinente estudar na população portuguesa do 1º ciclo as variáveis acima mencionadas. Desta forma, e dada a relevância e o impacto que as variáveis socioprofissionais dos pais podem ter nos comportamentos dos filhos, surge como problema de investigação, a seguinte questão:

Em que medida crianças que frequentam o 1º ciclo do ensino básico revelam comportamentos de bullying? Será que os comportamentos de bullying nestas crianças surgem associados a variáveis socioprofissionais dos pais?

1.3. Delineamento do Estudo

O nosso estudo de investigação seguirá uma metodologia quantitativa, com um desenho de investigação observacional analítico, descritivo e comparativo.

Numa investigação com este desenho, procura-se descrever os fenómenos, relações e efeitos ocorridos naturalmente, sem manipulação e em um único momento (Ribeiro, 2010). Fornece igualmente informações acerca das variáveis em estudo, bem como, procura explicar os resultados com base nas relações presentes entre as variáveis da população em estudo (Ribeiro, 2010).

O método quantitativo usa procedimentos adotados das ciências físicas, incluindo técnicas estatísticas adequadas para estudar o comportamento do indivíduo em geral ou outros fenómenos sociais, para determinar se e/ou de que forma as variáveis em estudo estão relacionadas. A metodologia quantitativa tem também como objetivo criar medidas de confiança, universais e imparciais (Steckler, McLeroy, Goodman, Bird, & McCormick, 1992).

As abordagens quantitativas envolvem indicadores numéricos provenientes de sistemas de pontuação ou questionários focados nos possíveis impactos de um programa de pesquisa (Sutherland et al, 2011). Dentro destes, encontram-se dois grandes grupos de estudos quantitativos: os **observacionais** e os experimentais. Cochran definiu um estudo observacional como uma comparação empírica em que o objetivo é esclarecer a relação de causa-efeito, não sendo viável utilizar a experimentação controlada uma vez que poderá obrigar a usar procedimentos ou tratamentos cujos efeitos são pertinentes para descobrir ou para atribuir assuntos de forma aleatória a procedimentos diferentes (Rosenbaum, 2005).

O estudo observacional é quando não existe interferência do investigador no percurso dos acontecimentos, sendo estudadas as diferenças e a evolução de uma característica em relação a outras e podem ser classificados em descritivos, analíticos e comparativos (Lima-Costa & Bareto, 2003).

Os estudos observacionais descritivos, analíticos e comparativos têm por objetivo registar os fatos, analisá-los, interpretá-los e identificar as causas, ou seja, visa generalizar, compreender as relações causais (Breakwell et al, 2011; Wilson & MacLean, 2011).

O nosso estudo é transversal porque da classificação temporal dos estudos analíticos é o que melhor se enquadra no nosso objetivo. É caracterizado pela recolha de dados num único momento, esperando que este momento traduza as características da população à qual pertence a amostra. Este tipo de estudo tem vantagens pelo seu baixo custo, simplicidade analítica, alto potencial descritivo e rapidez na recolha de dados, bem como, facilidade de representatividade de uma população (Lima-Costa & Bareto, 2003; Sutherland et al, 2011).

2.4. Objetivo Geral

Analisar se existe relação entre o estatuto socioprofissional dos pais de crianças a frequentar o 1º ciclo escolar do ensino público e privado (dos 6 aos 10/11 anos de idade), as diferenças de género e a existência ou não de comportamentos de bullying.

2.4.1. Objetivos específicos

- Verificar se existem comportamentos de bullying entre crianças (dos 6 aos 10/11 anos de idade), a frequentar o 1º ciclo do ensino básico em escolas públicas e escolas privadas;
- Verificar se existe relação entre a existência de comportamentos de bullying, em crianças do 1º ciclo escolar do ensino público e privado, e o estatuto socioprofissional dos pais;
- Verificar que tipos de bullying ocorrem entre crianças do 1º ciclo escolar do ensino público e privado, e qual o estatuto socioprofissional dos pais;
- Verificar se existe relação entre a existência de comportamentos de bullying, em crianças do 1º ciclo escolar do ensino público e privado e a diferença de género;
- Verificar se existe relação entre o estatuto socioprofissional dos pais das crianças do 1º ciclo escolar do ensino público e privado e a diferença de género nos vários tipos de comportamentos de bullying no meio escolar;
- Verificar se existem diferenças entre os comportamentos de bullying praticados entre escolas públicas e privadas.

2.5. Hipóteses

Tendo como base os objetivos de investigação e toda a literatura analisada, neste estudo propomos a verificação das seguintes hipóteses de investigação, as quais podem ser confirmadas ou infirmadas.

H1: Existe uma prevalência significativa de comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico.

H2: Existe uma correlação positiva entre um ESP baixo e a existência de comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico.

H3: Existem diferenças de género ao nível dos comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico.

No sentido de fundamentar teoricamente as nossas hipóteses, podemos considerar que de acordo com vários autores estudados e referenciados na revisão de literatura parece que os comportamentos de bullying são extremamente comuns entre crianças a frequentar o 1º ciclo, atingindo níveis de frequência deveras preocupantes (Gomes, 2014; Carvalhosa et al., 2009;

Costa & Pereira, 2010; Matos et al., 2009; Pereira, 2008; Raimundo & Seixas, 2009; Pereira et al., 2004; Whitney & Smith, 1993; Magklara et al., 2012; Craig et al., 2009).

De acordo com a literatura estudada parece existir correlação positiva entre um ESP baixo e a existência de comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico (Tippett & Wolke, 2014; Jansen et al., 2011; Analitis et al., 2009; Khoury-Kassabri et al., 2005; Pereira et al., 2004; Wolke et al., 2001; Due et al., 2009; Perre net al., 2009; Bowes et al., 2009).

A literatura também aponta que existem diferenças de género ao nível dos comportamentos de bullying entre crianças a frequentar o ensino básico (Carvalhosa et al., 2009; Costa & Pereira, 2010; Healy et al., 2015; Lourenço et al., 2009; Barros et al., 2009; Rech et al., 2013; Bandeira & Hutz, 2012; Craig & Harel, 2004).

2.5.1. Operacionalização das Variáveis

Marôco (2014) considera que as variáveis, são fenómenos que são determinantes estudar no processo de uma investigação. Nesta investigação propomos como variável dependente o bullying, a sua existência ou não e diferentes formas; como variável independente, sendo esta aquela que pode surtir efeitos na primeira, temos as variáveis socioprofissionais dos pais das crianças estudadas.

2.6. Participantes

Definimos a amostra como uma parte finita ou subconjunto de participantes provenientes da população alvo. Por sua vez, a população alvo corresponde a todo o conjunto de populacional cujas características são de interesse para a pesquisa. Com base nos resultados obtidos de uma amostra, os investigadores podem tirar as suas conclusões sobre a população alvo com um certo nível de confiança, seguindo um processo chamado inferência estatística (Martínez, Alejandro, González, Pereira, Duquia, Bonamigo & Bastos, 2016).

A nossa investigação baseou-se numa amostra de conveniência, as crianças que participaram no nosso estudo foram selecionadas tendo em conta critérios pré-definidos, como a frequência do 1º ciclo do ensino básico em escolas portuguesas. As escolas deveriam ser públicas e privadas em número equiparável, as idades das crianças deveriam compreender dos 6 aos 11anos e integrar ambos os géneros em número também equiparável. A zona geográfica da qual faz parte a nossa amostra é a zona centro de Portugal Continental, integrando mais especificamente os distritos de Leiria e Lisboa.

A nossa amostra compreende um total de 1160 crianças divididas em 567 raparigas e 593 rapazes de escolas públicas (n=574) e escolas privadas (n=586).

2.7. Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a realização da nossa investigação foram:

- Questionário Bullying - A agressividade entre crianças no espaço escolar 1º, 2º e 3º Ciclos, adaptado para a língua portuguesa e validado para a população escolar do questionário de Dan Olweus (1989) por Beatriz Pereira e Ana Tomás UM/CEFOPE, em 1994 e revisto por Beatriz Pereira e Fernando Melim em 2010 UM/IE;
- Questionário Sócio demográfico – para efeitos de caracterização da nossa amostra vamos avaliar a idade, o ano de escolaridade, o género, a profissão e habilitações dos pais das crianças para a determinação do estatuto socioprofissional.

2.7.1. Questionário Bullying – A agressividade entre crianças no espaço escolar 1º Ciclo.

Para avaliar os comportamentos de Bullying foi aplicado a uma amostra de 1160 crianças o Questionário de Bullying agressividade entre crianças. Foi utilizado o questionário original de Olweus (1989), adaptado para a língua portuguesa e validado para a população escolar por Pereira e Tomás (Pereira, 2008) e revisto por Melim (2010).

O questionário está organizado em quatro áreas, a primeira refere-se aos dados sociométricos. A segunda identifica comportamentos de vitimização, a sua frequência, a forma como decorreram e o local onde aconteceram, caracteriza a agressão relativamente ao número, género e idade dos agressores, a turma dos agressores, se os professores e funcionários da escola costumam intervir nestas situações, se as vítimas se queixaram, se algum colega os tentou defender durante a agressão e por fim qual a atitude do próprio quando observa um colega a ser vítima de bullying. A terceira parte do questionário de bullying identifica comportamentos de agressão realizados pelo inquirido, a frequência com que estes ocorrem, motivação para a agressão, existência de comportamentos em grupo de bullying. O questionário termina perguntando ao aluno se ajudaria a agredir algum colega por não gostar dele (Melim, 2011).

Quanto à fiabilidade do instrumento, os autores obtiveram uma elevada média dos coeficientes de correlação nas várias questões do instrumento. O coeficiente alfa de Cronbach (Moreira, 2007) que mede a consistência interna global dos itens do questionário, foi de 0,78.

Para operacionalizar as dimensões associadas ao bullying e compreender estatisticamente os dados, é importante esclarecer e diferenciar os conceitos de:

- Alunos vítimas de bullying – são os que assumiram ter sido vítima de bullying, pelo menos uma vez durante o período definido;
- Alunos não vítimas – são os que assumiram que nunca foram agredidos durante o período definido;
- Alunos agressores por bullying – são os que admitiram ter promovido, pelo menos uma agressão durante o período definido.

2.7.2. Questionário sociodemográfico

Este questionário teve como objetivo caracterizar os participantes, quanto a um conjunto muito alargado de características. Tal aconteceu porque o nosso estudo integra um outro estudo mais abrangente. Esta caracterização da amostra foi muito importante para reunir informações sobre algumas características das crianças, como sexo, idade, escola pública ou privada, assim como as habilitações dos pais, idade e ocupação profissional.

O estatuto socioprofissional dos pais das crianças foi codificado de acordo com a classificação de Almeida (1988), segundo a qual podemos distinguir quatro níveis profissionais: baixo, médio baixo, médio alto e alto. A opção por esta classificação foi por nos parecer simples e flexível em relação a outras e também ser adequada aos objetivos pretendidos. Os pais das crianças que se encontrem em situação de desemprego serão colocados na classe social baixa.

2.8. Procedimentos

Foram feitos contactos com vários diretores de agrupamento escola, tanto no distrito de Leiria, como de Lisboa. Após as autorizações dos Diretores dos estabelecimentos de ensino, efetuamos os seguintes procedimentos:

- 1) Pediu-se autorizações aos pais das crianças;
- 2) Marcamos com a direção das escolas as datas de aplicação do protocolo;
- 3) Combinamos com os professores o acesso ao processo do aluno para confirmar os dados do estatuto socioprofissional dos pais;

- 4) A aplicação do protocolo foi realizada por 3 investigadoras divididas simultaneamente pelas salas de aula e tendo a colaboração dos professores;
- 5) No 1º ano, as crianças com 6 anos ainda não sabem ler nem interpretar as questões, efetuamos a aplicação do protocolo em pequenos grupos de 4 crianças numa sala à parte com a investigadora;
- 6) As crianças do 2º, 3º e 4º ano preencheram o protocolo em sala de aula, contexto grupo, com a colaboração do respetivo professor.

Os protocolos de cada criança foram identificados com um código que a identificava, como pertencente à sua escola. A administração e a cotação dos respetivos questionários respeitaram um registo standartizado. Os dados foram inseridos numa base de dados excele e foi realizada uma análise geral da viabilidade dos dados. Após a limpeza de dados, estes foram inseridos no software IBM SPSS (Statistical Package for Social Sciences) versão 22.0 em Windows. O SPSS é o programa estatístico, mais amplamente utilizado para análise estatística em ciências sociais.

Parte III – Resultados

3.1. Resultados Descritivos da Amostra

Inicialmente realizou-se uma análise descritiva dos resultados obtidos através de indicadores com médias, desvios-padrão, frequências e percentagens.

Posteriormente, procedeu-se à análise da distribuição normal, através do teste *Kolmogorov-Smirnov*, e da homogeneidade de variância (Teste de *Levene*) por forma a escolhermos entre testes paramétricos ou não paramétricos, no que se refere às variáveis intercalares em estudo. Para que possamos utilizar testes paramétricos é necessário a existência de três condições: um N superior a 30 indivíduos; distribuição normal ($\alpha > .05$) e homogeneidade de variância das variáveis dependentes (Brace, Kemp & Snelgar, 2000; Coutinho, 2011; Marôco, 2010).

Finalmente foi-se, através da utilização de testes estatísticos adequados, como o *Teste do Qui-Quadrado* (χ^2), e a *correlação bivariada de Spearman* (ρ), analisar qualitativamente os resultados obtidos, sendo que os dados são considerados significativos para $\alpha = .05$ (Coutinho, 2011; Marôco, 2010).

A amostra ficou constituída por 1160 crianças, 593 rapazes (% = 51.1%) e 567 raparigas (% = 48.9), com idades compreendidas entre os seis anos e os 12 anos de idade (Ver gráfico 1), sendo que os rapazes da amostra apresentaram valores médios superiores de idade, quando comparados com as raparigas ($M = 8.02$; $DP = 1.21$) e ($M = 7.90$; $DP = 1.22$), respetivamente (Ver tabela 1).

Ao utilizar-se o teste não paramétrico de *Mann-Whitney* (U), na medida em que a variável idade não apresenta distribuição normal (analisada pelo teste de *Kolmogorov-Smirnov*, em que $p \leq .05$), não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas na variável idade em função do género das crianças (Ver tabela 1).

Gráfico 1. Género da amostra

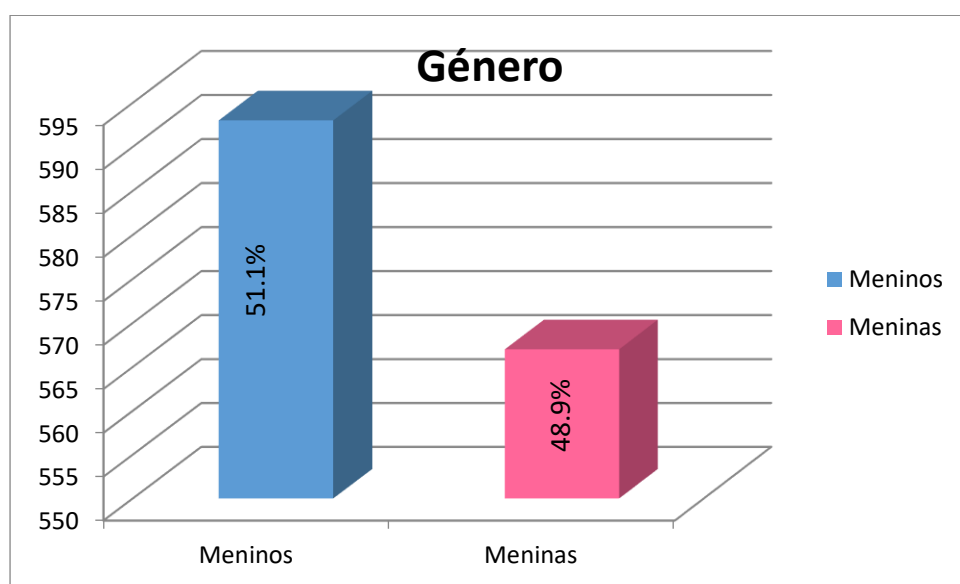


Tabela 1. Diferenças na variável idade em função do género

	Rapazes		Raparigas		U
	M	DP	M	DP	
Idade	8.02	1.21	7.90	1.22	155817.00

No que se refere ao meio de educação, a maioria da amostra encontra-se a frequentar educação privada, o que corresponde a 50.5% ($N = 586$) (Ver tabela 2).

Tabela 2. Frequências e percentagem das variáveis género e meio de educação

	N	%
Género	1160	100.0
Rapazes	593	51.1
Raparigas	567	48.9
Meio de Educação		
Público	574	49.5
Privada	586	50.5

Através da análise das Tabelas 3 e 4 é possível verificar que as crianças da amostra referiram ter em média 2.52 anos de escolaridade ($DP = 1.10$), sendo que das 59 crianças ($\% = 5.1$) que aludiram já ter reprovado alguma vez após o 1º ano de escolaridade, reprovaram em média uma vez ($DP = .0$). De igual forma é possível verificar que as crianças da amostra que

mencionaram já ter frequentado o jardim-de-infância ($N = 1061$; $\% = 91.5$), frequentaram, em média, 3.52 anos ($DP = 1.78$). No que se refere ao número de irmãos, os indivíduos da amostra afirmaram, em média, ter 1.35 ($DP = 1.27$) irmãos.

Tabela 3. *Frequências e percentagem das variáveis alguma vez frequentaste o jardim-de-infância, e desde que entraste para o 1º ano reprovaste alguma vez*

	<i>N</i>	<i>%</i>
Alguma vez frequentaste o jardim-de-infância?		
Não	78	6.7
Sim	1061	91.5
Reprovaste alguma vez?		
Não	1082	93.3
Sim	59	5.1

Tabela 4. *Médias, desvios-padrão e amplitude das variáveis intercalares*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Amplitude</i>
Nº anos de escolaridade	2.52	1.10	1 – 4
Nº anos frequentou o jardim-de-infância	3.52	1.33	1 – 7
Nº de vezes que reprovou	1.00	.0	1 – 1
Nº de irmãos	1.35	1.27	0 – 12

Quanto à variável “escolaridade dos progenitores” das crianças da amostra, é possível verificar, na análise da tabela 5, que a maioria das mães das crianças mencionou ter um curso superior ($N = 666$; $\% = 57.4$), enquanto os pais, apesar de 552 terem relatado ter um curso superior, o que corresponde a 47.6%, apresentam percentagens superiores às mães nas outras categorias de escolaridade, como o ensino secundário. No que se refere ao nível socioprofissional, 265 mães referem ser baixo, o que corresponde a 22.8% da amostra, sendo que 24.3% dos pais aludem ter um nível socioprofissional elevado.

Tabela 5. *Frequências e percentagens do nível socioprofissional e da escolaridade dos progenitores das crianças da amostra*

		Pai		Mãe	
		N	%	N	%
Escolaridade					
	Ensino Básico – 1º ciclo	16	1.4	11	.9
	Ensino Básico – 2º ciclo	38	3.3	27	2.3
	Ensino Básico – 3º ciclo	122	10.5	101	8.7
	Ensino Secundário	252	21.7	208	17.9
	Ensino Superior	552	47.6	666	57.4
	Curso Técnico-Profissional	3	.3	1	.1
Nível Sócio-profissional					
	Baixo	243	20.9	265	22.8
	Médio-Baixo	274	23.6	192	16.6
	Alto	37	3.2	159	13.7
	Elevado	282	24.3	242	20.

3.2. Comportamentos de bullying, género, idade, escolas públicas e escolas privadas e nível socioprofissional dos pais

3.2.1. Vitimização e Bullying

3.2.1.1 Bullying e Género

Da questão “Desde que este período começou quantas vezes te fizeram mal”, foi criada uma nova variável – Vitimização por Bullying – constituída por duas categorias: 1) Não Vítimas, que inclui a alinha A) do protocolo (N = 319; % = 27.5); e 2) Vítimas, que inclui as alíneas B) a D) do questionário sobre Bullying (N = 828; % = 71.4).

De um total de 1147 alunos, a maioria (N = 828; % = 72.2) reportou já ter sido vítima de agressão pelo menos uma vez. Pode-se verificar na Tabela 6 a similaridade entre os géneros na frequência de vitimização, não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas, $\chi^2(1) = .07$; $p = .794$.

Tabela 6. *Vitimização por bullying em função do género do aluno*

	Género						χ^2	p
	Rapaz		Rapariga		Total			
	N	%	N	%	N	%		
<i>Vitimização por Bullying</i>							.06	.794
Não Vítimas	161	27.5	158	28.2	319	27.8		
Vítimas	425	72.5	403	71.8	828	72.2		

3.2.2. Frequência da vitimização por bullying e Género

Da frequência de já terem sido vitimados, 46.6% afirmou ter sido agredido 5 ou mais vezes. É possível analisar na Tabela 7 que existe similaridade entre os dois géneros quanto à frequência das agressões, não existindo diferenças estatisticamente significativas, $\chi^2_{(2)} = .48$; $p = .786$. (Ver tabela 7).

Tabela7. *Frequência da vitimização de acordo com o género do aluno*

	Género						χ^2	p
	Rapaz		Rapariga		Total			
	N	%	N	%	N	%		
<i>Qtas x fizeram mal</i>							.48	.786
1 ou 2 vezes	155	36.5	148	36.7	303	36.6		
3 ou 4 vezes	68	16.0	71	17.6	139	16.8		
5 ou mais vezes	202	47.5	184	45.7	386	46.6		

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas; *Qtas x fizeram mal* = quantas vezes te fizeram mal desde que começou o período.

3.2.3. Bullying e Meio de Educação

No que se refere ao meio de educação frequentado pelo aluno, é possível analisar na Tabela 8 que, e apesar de não existirem resultados estatisticamente significativos, os alunos do meio público apresentam uma frequência maior de vitimização por bullying.

Tabela 8. *Vitimização por bullying em função do meio de educação*

		Meio Educação						χ^2	p
		Público		Privado		Total			
		N	%	N	%	N	%		
Vitimização por								2.20	.138
Bullying									
	Não Vítimas	147	25.8	172	29.8	319	27.8		
	Vítimas	422	74.2	406	70.2	828	72.2		

3.2.4. Frequência da vitimização por bullying e Meio de Educação

Dos 828 alunos que reportaram já terem sido vitimizados por bullying, quase metade da amostra (46.6%) relatou ter sido agredido 5 ou mais vezes. Apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas, pode-se observar na Tabela 9 que a maioria dos alunos que frequentam o meio público afirmou já ter sido agredido 5 ou mais vezes (50.6%). Da frequência de já terem sido vitimados, a maioria da amostra (65.6%) afirmou ter sido agredido 5 ou mais vezes. (Ver tabela 9).

Tabela 9. *Frequência da vitimização por bullying de acordo com o meio de educação*

	Meio Educação						χ^2	p
	Público		Privado		Total			
	N	%	N	%	N	%		
$Qtas\ x\ fizeram\ mal$							4.43	.109
1 ou 2 vezes	148	35.1	155	38.2	303	36.6		
3 ou 4 vezes	63	14.9	76	18.7	139	16.8		
5 ou mais vezes	211	50.6	175	43.1	386	46.6		

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotômicas incluídas; *Qtas x fizeram mal* = quantas vezes te fizeram mal desde que começou o período.

3.2.5. Bullying e Nível Socioprofissional dos Pais

No que se refere ao nível socioprofissional do pai, é possível analisar na Tabela 10 que, e apesar de não existirem resultados estatisticamente significativos, as crianças com um progenitor que apresenta um nível socioprofissional elevado apresentam maior incidência de não terem sido vítimas de bullying (N = 92; % = 36.7), enquanto que as crianças que relataram já ter sido vítimas de agressão têm um progenitor com nível socioprofissional médio-baixo (N = 197; % = 34.4).

De igual forma, e no que se refere ao nível socioprofissional da progenitora, é possível observar na Tabela 11, que 35.4% das crianças que não foram vítimas de bullying têm uma mãe com baixo nível socioprofissional, e que 28.9% e 29%, respectivamente, das mães das crianças que reportaram já terem sido agredidas pelo menos uma vez, têm um nível socioprofissional baixo e elevado.

Tabela 10. *Vitimização por bullying de acordo com o nível socioprofissional do progenitor*

		Vitimização por Bullying						χ^2	p
		Não Vítima		Vítima		Total			
		N	%	N	%	N	%		
<i>N. Socioprof.</i>								2.79	.425
<i>Pai</i>									
Baixo	71	28.3	169	29.5	240	29.2			
Médio-Baixo	75	29.9	197	34.4	272	33.0			
Alto	13	5.2	24	4.2	37	4.5			
Elevado	92	36.7	182	31.8	274	33.0			

Nota. N. Socioprof. Pai = nível socioprofissional do pai.

Tabela 11. Vitimização por bullying de acordo com o nível socioprofissional da progenitora

Vitimização por Bullying										
		Não Vítima		Vítima		Total		χ^2	p	
		N	%	N	%	N	%			
<i>N. Socioprof.</i>									4.26	.234
<i>Mãe</i>										
	Baixo	93	35.4	168	28.9	261	30.9			
	Médio-Baixo	59	22.4	131	22.5	190	22.5			
	Alto	42	16.0	114	19.6	156	18.5			
	Elevado	69	26.2	169	29.0	238	28.2			

Nota. N. Socioprof. Mãe = nível socioprofissional da mãe.

3.3. Formas de Bullying

3.3.1. Formas de Bullying e Gênero

Ao analisarmos a Tabela 12 verifica-se que a forma de agressão que se destaca, apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas, é o chamar nomes feios, que afeta 43.1% dos alunos.

Pode-se, igualmente, analisar na Tabela 12, a existência de três resultados estatisticamente significativos em função do gênero do aluno: (i) na forma de agressão direta – bater, dar murros ou pontapés, $\chi^2_{(1)} = 15.06$; $p = .000$, onde 41.7% da amostra relata sofrer deste tipo de vitimização; (ii) na forma de bullying – falar mal de mim, dizerem segredos sobre mim, $\chi^2_{(1)} = 12.64$; $p = .000$, afetando $\frac{1}{4}$ da amostra; e (iii) na forma de agressão não brincar comigo e deixarem-me só, $\chi^2_{(1)} = 19.80$; $p = .000$, referido por 16.6% dos alunos como uma forma em que se sentem agredidos.

Observando as diferenças existentes entre os gêneros, verifica-se que rapazes da amostra apresentam maiores valores percentuais na forma direta bater, dar murros e pontapés ($N = 280$; % = 47.2), enquanto as raparigas queixam-se mais frequentemente de formas de bullying indiretas e relacionais, como andar a falar mal de mim ($N = 169$; % = 29.8), e deixarem-me só ($N = 122$; % = 21.5).

Tabela 12. *Formas de bullying de acordo com o gênero do aluno*

	Género							
	Rapaz		Rapariga		Total			
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	χ^2	<i>p</i>
<i>Como te têm feito mal</i>								
Bater, dar murros ou pontapés	280	47.2	204	36.0	484	41.7	15.06	.000***
Roubar	68	11.5	54	9.5	122	10.5	1.16	.281
Pedir dinheiro emprestado e não devolver	21	3.5	14	2.5	35	3.0	1.14	.286
Ameaçar, meter medo	94	15.9	81	14.3	175	15.1	.55	.456
Chamar nomes feios	252	42.5	248	43.7	500	43.1	.18	.669
Falar de mim, dizerem segredos sobre mim	123	20.7	169	29.8	292	25.2	12.64	.000***
Não falarem comigo	51	8.6	63	11.1	114	9.8	2.06	.151
Espalhar mensagens por tlm ou internet	4	.7	8	1.4	12	1.0	1.54	.215
Insultar pela cor ou raça	24	4.0	24	4.2	48	4.1	.03	.874
Não brincam comigo e deixam-me só	70	11.8	122	21.5	192	16.6	19.80	.000***
Outras coisas	34	5.7	38	6.7	72	6.2	.47	.494

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotômicas incluídas.

*** $p \leq .000$.

3.3.2. Formas de Bullying e Meio de Educação (escola pública/escola privada)

Através da análise da Tabela 13, observamos que existem duas formas de agressão que se destacam, como sendo as mais comuns: uma forma direta e física – o bater, dar murros e pontapés, que afeta 41.7% dos alunos, e a forma verbal direta – chamar nomes feios, que atinge 43.1% dos participantes no presente estudo. Enquanto a primeira forma de agressão não apresentou resultados estatisticamente significativos, $\chi^2_{(1)} = .60$; $p = .439$, sendo similar a frequência deste tipo de bullying nos dois meios de educação, a segunda forma de agressão – chamar nomes – apresentou dados estatisticamente significativos em função do meio de educação, no sentido dos alunos do meio de educação público terem-se queixado com mais frequência deste tipo de agressão ($N = 269$; % = 46.9), contra os alunos do meio privado ($N = 231$; % = 39.4).

Foram, igualmente, encontrados mais dois resultados estatisticamente significativos: (i) o tipo de bullying roubar, $\chi^2_{(1)} = 14.12$; $p = .000$, no qual 13.9% dos alunos do meio público mencionou ser, pelo menos, esta uma das formas de agressões que têm sofrido, em relação a 7.2% dos alunos do meio de educação privada; (ii) e a forma de agressão através de ameaças, $\chi^2_{(1)} = 8.16$; $p = .004$, sendo que, uma vez mais, são os alunos que frequentam o meio educacional público a apresentarem valores percentuais mais elevados (18.1%).

Tabela 13. *Formas de bullying de acordo com o meio de educação frequentado pelo aluno*

	Meio de Educação				Total		χ^2	p
	Público		Privado					
	N	%	N	%	N	%		
<i>Como te têm feito mal</i>								
Bater, dar murros ou pontapés	246	42.9	238	40.6	484	41.7	.60	.439
Roubar	80	13.9	42	7.2	122	10.5	14.12	.000***
Pedir dinheiro emprestado e não devolver	16	2.8	19	3.2	35	3.0	.21	.651
Ameaçar, meter medo	104	18.1	71	12.1	175	15.1	8.16	.004**
Chamar nomes feios	269	46.9	231	39.4	500	43.1	6.55	.010**
Falar de mim, dizerem segredos sobre mim	141	24.6	151	25.8	292	25.2	.22	.637
Não falarem comigo	58	10.1	56	9.6	114	9.8	.10	.754
Espalhar mensagens por tlm ou internet	5	.9	7	1.2	12	1.0	.30	.586
Insultar pela cor ou raça	29	5.1	19	3.2	48	4.1	2.40	.122
Não brincam comigo e deixam-me só	97	16.9	95	16.2	192	16.6	.10	.753
Outras coisas	38	6.6	34	5.8	72	6.2	.33	.564

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

*** $p \leq .000$; ** $p \leq .010$.

3.4. Informar alguém de que é vítima de Bullying e Género

No que se refere à variável “contar a alguém que foi agredido”, pode-se verificar na Tabela 14 que se destaca a categoria “Sim, disse aos meus pais ou encarregados de educação”, a qual foi respondida por mais de um terço dos alunos ($N = 422$; $\% = 36.4$), sendo nos dois géneros a opção mais frequente. Por outro lado, é possível observar, igualmente, que os alunos

da amostra apresentam maior frequência em partilhar que são vítimas de agressão perante figuras de autoridade, como o professor ou diretor de turma, no qual 22.8% da amostra aludiu tê-los informado, e a um funcionário da escola, onde mais de um quarto dos alunos ($N = 309$; $\% = 26.6$) mencionou ter contado ao funcionário/a.

Quanto à categoria “sim, disse a um ou dois amigos”, foram verificadas diferenças estatisticamente significativas de acordo com o género, $\chi^2_{(1)} = 8.88$; $p = .003$, sendo que, tal como se verifica na maioria das categorias, são as raparigas que apresentam frequência significativamente mais elevada ($N = 109$; $\% = 19.2$), contra os rapazes da amostra ($N = 76$; $\% = 12.8$).

Torna-se importante realçar que, de entre as várias categorias, a figura a quem os alunos menos recorrem para contar que estão ou foram vítimas de bullying, é o psicólogo/a, com uma frequência de 2.6%. Este resultado conduz-nos a colocar uma hipótese: será que todos os alunos têm à sua disposição um/a psicólogo/a?

Tabela 14. Informar alguém de que é vítima de bullying de acordo com o género

	Género				Total		χ^2	<i>p</i>
	Rapaz		Rapariga					
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%		
<i>Disseste a alguém que te fizeram mal na escola?</i>								
Não disse a ninguém	64	10.8	56	9.9	120	10.3	.26	.609
Sim, disse a 1 ou 2 amigos	76	12.8	109	19.2	185	15.9	8.88	.003**
Sim, disse aos meus amigos	86	14.5	75	13.2	161	13.9	.39	.530
Sim, disse ao professor ou ao director de turma	124	20.9	140	24.7	264	22.8	2.36	.125
Sim, disse aos meus pais ou encarregado de educação	202	34.1	220	38.8	422	36.4	2.81	.094
Sim, disse a um irmão ou irmã	58	9.8	74	13.1	132	11.4	3.07	.080
Sim, disse a um funcionário	151	25.5	158	27.9	309	26.6	.86	3.55
Sim, disse ao psicólogo/a da escola	17	2.9	13	2.3	30	2.6	.38	.538

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

** $p \leq .01$.

3.5. Informar alguém de que é vítima de Bullying e Meio de Educação

Através da análise da Tabela 15 é possível observar a existência de três resultados estatisticamente significativos de acordo com o meio de educação: (i) 10.3% da amostra relata que não contou a ninguém que estava a ser ou fora vítima de bullying, $\chi^2_{(1)} = 10.27$; $p = .001$, sendo os alunos que frequentam o meio público que apresentam maior prevalência ($N = 76$; % = 13.2), contra os alunos do meio privado ($N = 44$; % = 7.5); (ii) 26.6% da amostra que relatou ter partilhado com alguém que lhe fizeram mal na escola, contou a um/a funcionário/a, $\chi^2_{(1)} = 9.26$; $p = .002$, sendo que 30.5% dos alunos a frequentarem o meio escolar privado optaram por contar, pelo menos, a esta figura de autoridade, comparativamente com 22.6% dos alunos a frequentarem o meio público; e (iii) ao psicólogo/a, $\chi^2_{(1)} = 6.41$; $p = .011$, com maior prevalência nos alunos do privado, contra os alunos do público ($N = 22$; % = 3.8) e ($N = 8$; %

= 1.4), respetivamente. Este último resultado leva-nos a colocar a hipótese: será que, por ter maior capacidade financeira, as escolas privadas permitem um acesso mais frequente a psicólogos/as?

Tabela 15. *Informar alguém de que é vítima de bullying de acordo com o meio de educação*

	Meio de Educação						χ^2	p	
	Público		Privado		Total				
	N	%	N	%	N	%			
<i>Disseste a alguém que te fizeram mal na escola?</i>									
Não disse a ninguém	76	13.2	44	7.5	120	10.3	10.27	.001***	
Sim, disse a 1 ou 2 amigos	81	14.1	104	17.7	185	15.9	2.86	.091	
Sim, disse aos meus amigos	85	14.8	76	13.0	161	13.9	.82	.365	
Sim, disse ao professor ou ao diretor de turma	137	23.9	127	21.7	264	22.8	.79	.373	
Sim, disse aos meus pais ou encarregado de educação	205	35.7	217	37.0	422	36.4	.22	.641	
Sim, disse a um irmão ou irmã	60	10.5	72	12.3	132	11.4	.97	.325	
Sim, disse a um funcionário	130	22.6	179	30.5	309	26.6	9.26	.002**	
Sim, disse ao psicólogo/a da escola	8	1.4	22	3.8	30	2.6	6.41	.011*	

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

*** $p \leq .001$, ** $p \leq .01$, * $p \leq .05$.

3.6. Proteção face ao Bullying e Género

Quando se questionou os alunos, que relataram ter sofrido bullying, sobre se outros colegas, rapazes ou raparigas, os tinham defendido quando alguém lhes tentou fazer mal, encontrou-se um dado estatisticamente significativo em função do género, $\chi^2_{(6)} = 289.10$; $p = .000$, sendo que 24.8% dos alunos mencionou que ninguém os tinha ajudado, com resultados percentuais similares entre os rapazes e as raparigas da amostra. Quando analisamos as diferenças entre os géneros, é possível observar, na Tabela 16, que as vítimas de bullying da amostra afirmaram terem sido defendidos/protegidos por colegas do mesmo género que o seu, ou seja, os rapazes da amostra afirmam, com maior frequência, terem sido defendidos por outro/s rapaz/es, enquanto as raparigas relatam, com maiores valores percentuais, terem sido protegidas por outra/s rapariga/s. (Ver tabela 16).

Tabela 16. *Proteção face ao Bullying de acordo com o género*

	Género				Total		χ^2	p	
	Rapaz		Rapariga						
	N	%	N	%	N	%			
Há rapazes/raparigas que te defenderam quando outros te tentaram fazer mal?									289.10
Ninguém me ajudou	110	25.4	97	24.1	207	24.8			
1 rapaz	109	25.2	24	6.0	133	15.9			
1 rapariga	25	3.5	93	23.1	108	12.9			
2 ou mais rapazes	120	27.7	8	2.0	128	15.3			
2 ou mais raparigas	7	1.6	99	24.6	106	12.7			
1 rapaz e 1 rapariga	8	1.8	9	2.2	17	2.0			
Rapazes e raparigas	64	14.8	72	17.9	136	16.3			

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

*** $p \leq .001$.

3.7. Proteção face ao Bullying e Meio de Educação

Ao analisar-se a Tabela 17 observamos a existência de diferenças estatisticamente significativas na questão “se alguém os tinha defendido quando outro lhes tentou fazer mal” de acordo com o meio educacional, $\chi^2_{(6)} = 17.41$; $p = .008$, sendo que 28.8%, o que corresponde a 121 alunos que frequentam meio escolar público, relatou que ninguém os ajudou, enquanto os alunos que frequentam o meio de educação privado aludem terem sido defendidos por uma rapariga ($N = 63$; % = 15.2), ou por dois ou mais rapazes ($N = 79$; % = 19.0).

Tabela 17. *Proteção face ao Bullying de acordo com o meio de educação*

	Meio de Educação						χ^2	p
	Público		Privado		Total			
	N	%	N	%	N	%		
Há rapazes/raparigas que te defenderam quando outros te tentaram fazer mal?							17.41	.008**
Ninguém me ajudou	121	28.8	86	20.7	207	24.8		
1 rapaz	73	17.4	60	14.5	133	15.9		
1 rapariga	45	10.7	63	15.2	108	12.9		
2 ou mais rapazes	49	11.7	79	19.0	128	15.3		
2 ou mais raparigas	54	12.9	52	12.5	106	12.7		
1 rapaz e 1 rapariga	8	1.9	9	2.2	17	2.0		
Rapazes e raparigas	70	1.0	66	15.9	136	16.3		

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

** $p \leq .01$.

3.8. Comportamento adotado perante vítimas de agressão e Género

Ao questionar-se os alunos da amostra sobre que comportamento adotam quando veem um colega da mesma idade que a sua a ser agredido, quase a maioria dos alunos (N = 542; % = 46.7%) mencionou que tentariam ajudar o seu colega, enquanto 44.9% relatou que chamaria alguém para ajudar, e 42.4% afirmou ajudar o colega mesmo que não o conhecesse. (Ver tabela 18).

No que se refere à diferença entre os géneros, é-nos possível observar na Tabela 18, a existência de dois resultados estatisticamente significativos: para o comportamento passivo, em que aludem que não fariam nada, $\chi^2(1) = 6.45$; $p = .011$, onde os rapazes da amostra apresentam valores percentuais mais altos (8.9%), contra as raparigas (5.1%); e (ii) para um comportamento ativo mas indireto, como o de chamar alguém para ajudar, sendo que 48.5% das raparigas da amostra mencionou que adotaria esta conduta, contra 41.5% dos rapazes. (Ver tabela 18).

Tabela 18. *Comportamento adotado perante vítimas de agressão de acordo com o género*

	Género				Total		χ^2	p
	Rapaz		Rapariga					
	N	%	N	%	N	%		
O que fazes quando vês um colega da tua idade a ser agredido na escola?								
Nada, não é nada comigo	53	8.9	29	5.1	82	7.1	6.45	.011*
Nada, mas acho que deveria ajudar	71	12.0	63	11.1	134	11.6	.21	.646
Nada porque podem vingar-se de mim	22	3.7	29	5.1	51	4.4	1.36	.243
Tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso	271	45.7	271	47.8	542	46.7	.51	.475
Chamo alguém para ajudar	246	41.5	275	48.5	521	44.9	5.77	.016*
Ajudo só se for meu amigo ou amiga	80	13.5	63	11.1	143	12.3	1.52	.218
Ajudo mesmo que não o/a conheça	252	42.5	240	42.3	492	42.4	.00	.954

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

* $p \leq .05$.

3.9. Comportamento adotado perante vítimas de agressão e Meio de Educação

Na Tabela 19 podemos verificar a existência de diversos resultados estatisticamente significativos entre os comportamentos adotados pelos alunos quando observam um colega a ser agredido em função do meio de educação.

Quanto aos comportamentos de cariz passivo, seja por medo e/ou falta de empatia – “Nada, não é nada comigo”, “Nada, mas acho que deveria ajudar”, e “Nada porque podem vingar-se de mim” – foram os alunos que frequentam o meio escolar público que apresentaram maior frequência na adoção destes comportamentos, enquanto a maioria dos alunos a frequentarem o meio privado referem adotar comportamentos ativos e diretos – “tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso”, e “ajudo mesmo que não conheça”. (Ver tabela 19).

Tabela 19. *Comportamento adotado perante vítimas de agressão de acordo com o meio de educação*

	Meio de Educação				Total		χ^2	p	
	Público		Privado						
	N	%	N	%	N	%			
<i>O que fazes quando vês um colega da tua idade a ser agredido na escola?</i>									
Nada, não é nada comigo	50	8.7	32	5.5	82	7.1	4.66	.031*	
Nada, mas acho que deveria ajudar	84	14.6	50	8.5	134	11.6	10.57	.001***	
Nada porque podem vingar-se de mim	33	5.7	18	3.1	51	4.4	4.95	.026*	
Tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso	230	40.1	312	53.2	542	46.7	20.21	.000***	
Chamo alguém para ajudar	243	42.3	278	47.4	521	44.9	3.06	.080	
Ajudo só se for meu amigo ou amiga	77	13.4	66	11.3	143	12.3	1.24	.265	
Ajudo mesmo que não o/a conheça	191	33.3	301	51.4	492	42.4	38.85	.000***	

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

*** $p \leq .001$; * $p \leq .05$.

4.1. Agressão por Bullying

4.1.1. Agressão e Género

Da questão “quantas vezes fizeste mal a outro(s) colega(s) na escola, este período?”, foi criada uma nova variável – *Agressão por Bullying* – constituída por duas categorias: 1) Não Agrediu, que inclui a alínea A) do protocolo ($N = 593$; % = 51.1); e 2) Agrediu, que inclui as alíneas B) a D) do questionário sobre Bullying ($N = 567$; % = 48.9).

Dos 1160 alunos, a maioria (51.1%) afirmou nunca ter agredido outro colega.

Foram verificadas diferenças estatisticamente significativas em função do género, $\chi^2_{(1)} = 39.00$ $p = .000$, no sentido da maioria dos rapazes da amostra (57.8%) ter reportado já ter agredido um colega pelo menos uma vez, enquanto a maioria das raparigas (60.5%) relatou nunca ter agredido um colega (Ver tabela 20).

Tabela 20. Agressão por bullying em função do género do aluno

	Género						χ^2	<i>p</i>
	Rapaz		Rapariga		Total			
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%		
<i>Agressão por Bullying</i>							39.00	.000***
Não agrediram	250	42.2	343	60.5	593	51.1		
Agrediram	343	57.8	224	39.5	567	48.9		

Nota. *** $p \leq .001$.

4.1.2. Frequência da agressão por bullying e Género

Dos 567 alunos que afirmaram já ter agredido outro colega, a maioria (65.6%) mencionou ter *bullied* uma a duas vezes, sendo que os rapazes são mais agressivos do que as raparigas, existindo diferenças estatisticamente significativas, $\chi^2_{(2)} = 9.50$; $p = .009$. (Ver tabela 21).

Tabela 21. Frequência da agressão por bullying de acordo com o género do aluno

	Género						χ^2	p
	Rapaz		Rapariga		Total			
	N	%	N	%	N	%		
<i>Qtas x fizeste mal</i>							9.50	.009**
1 ou 2 vezes	208	60.6	164	73.2	372	65.6		
3 ou 4 vezes	64	18.7	28	12.5	92	16.2		
5 ou mais vezes	71	20.7	32	14.3	103	18.2		

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas; Qtas x fizeste mal = quantas vezes fizeste mal a outro colega desde que começou o período.

** $p \leq .01$.

4.2. Agressão e Meio de Educação

No que se refere ao meio de educação frequentado pelo aluno, é possível analisar na Tabela 22 que, e apesar de não existirem resultados estatisticamente significativos, a maioria

(53.7%) dos alunos do meio público apresenta uma frequência maior de não agressão, enquanto 51.4% dos alunos que frequentam o meio educacional privado relataram já ter agredido um colega pelo menos uma vez.

Tabela 22. *Agressão por bullying em função do meio de educação*

		Meio Educação						χ^2	p
		Público		Privado		Total			
		N	%	N	%	N	%		
Agressão por Bullying								2.93	.087
	Não agrediram	308	53.7	285	48.6	593	51.1		
	Agrediram	266	46.3	301	51.4	567	48.9		

4.2.1. Frequência de agressão por bullying e Meio de Educação

Dos 567 alunos que reportaram já terem agredido um colega pelo menos uma vez, a maioria, o que corresponde a 65.6%, abusou por bullying os seus pares 1 ou 2 vezes, sendo que, ao analisar a Tabela 23, não existem diferenças estatisticamente significativas com valores percentuais similares em ambos os grupos: público e privado.

Tabela 23. *Frequência de agressão por bullying de acordo com o meio de educação*

	Meio Educação						χ^2	p
	Público		Privado		Total			
	N	%	N	%	N	%		
$Qtas \times fizeste\ mal$							.57	.752
1 ou 2 vezes	176	66.2	196	65.1	372	65.6		
3 ou 4 vezes	40	15.0	52	17.3	92	16.2		
5 ou mais vezes	50	18.8	53	17.6	103	18.2		

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotômicas incluídas; *Qtas x fizeste mal* = quantas vezes fizeste mal a outro colega na escola este período.

4.3. Agressão e Nível Socioprofissional dos Pais

No que se refere ao nível socioprofissional do pai, é possível analisar na Tabela 24 que, e apesar de não existirem resultados estatisticamente significativos, os alunos com um progenitor com nível socioprofissional elevado apresentam maior incidência de ter agredido por bullying outro colega ($N = 140$; $\% = 33.2$), enquanto mais de um terço das crianças que relataram já ter agredido, pelo menos uma vez, outro colega tem um progenitor com nível socioprofissional médio-baixo ($N = 144$; $\% = 34.8$), ou elevado ($N = 142$; $\% = 34.3$).

De igual forma, e no que se refere ao nível socioprofissional da progenitora, é possível observar na Tabela 25, que mais de um terço dos alunos que afirmou nunca ter agredido por bullying outro colega, tem uma mãe com baixo nível socioprofissional, sendo que 31.4% das mães com nível socioprofissional elevado têm filhos que relataram já ter agredido, pelo menos uma vez, outro colega, com resultados estatisticamente significativos, $\chi^2_{(3)} = 9.78$; $p = .021$.

Tabela 24. *Agressão por bullying de acordo com o nível socioprofissional do progenitor*

		Agressão por Bullying						χ^2	p
		Não agrediu		Agrediu		Total			
		N	%	N	%	N	%		
<i>N. Socioprof.</i>								3.17	.367
<i>Pai</i>									
	Baixo	130	30.8	113	27.3	240	29.2		
	Médio-Baixo	130	30.8	144	34.8	272	33.0		
	Alto	22	5.2	15	3.6	37	4.5		
	Elevado	140	33.2	142	34.3	274	33.0		

Nota. N. Socioprof. Pai = nível socioprofissional do pai.

Tabela 25. Agressão por bullying de acordo com o nível socioprofissional da progenitora

Agressão por Bullying									
		Não agrediu		Agrediu		Total		χ^2	p
		N	%	N	%	N	%		
<i>N. Socioprof.</i>								9.78	.021*
<i>Mãe</i>									
	Baixo	154	34.9	111	26.6	261	30.9		
	Médio-Baixo	90	20.4	102	24.5	190	22.5		
	Alto	86	19.5	73	17.5	156	18.5		
	Elevado	111	25.2	131	31.4	238	28.2		

Nota. N. Socioprof. Mãe = nível socioprofissional da mãe.

* $p \leq .05$

4.4. Motivos que desencadearam a agressão por bullying e Género

Quando se questionou os alunos, que assumiram ter agredido um colega pelo menos uma vez, sobre os possíveis motivos que despoletaram esse comportamento, 33% da amostra de alunos que agrediu fê-lo porque tiveram que se defender, existindo diferenças estatisticamente significativas de acordo com o género, $\chi^2_{(1)} = 22.77$; $p = .000$, no sentido de mais de um terço dos rapazes ($N = 234$; % = 39.5) ter justificado a sua conduta porque tiveram ou sentiram necessidade de se defender, contra aproximadamente um quarto das raparigas ($N = 149$; % = 26.3). (Ver tabela 26).

É, igualmente, possível analisar na Tabela 26 que 27.5% da amostra dos alunos que reportaram já ter agredido um colega, justificaram o seu comportamento agressivo porque os irritaram, os provocaram, ou gozaram, sendo que, uma vez mais, são os rapazes da amostra a apresentar valores percentuais superiores (31.9%), contra as raparigas (22.9%), existindo diferenças estatisticamente significativas, $\chi^2_{(1)} = 11.63$; $p = .001$.

Foram encontrados mais dois resultados estatisticamente significativos de acordo com o género, para o motivo “evitar que me façam mal”, $\chi^2_{(1)} = 7.58$; $p = .006$; e para a justificação “para me vingar”, $\chi^2_{(1)} = 4.45$; $p = .035$. Em ambos os resultados são os rapazes que apresentam valores percentuais mais elevados (13.3%) e (8.4%), respetivamente, contra as raparigas (8.3%) e (5.3%), respetivamente. (Ver tabela 26).

Tabela 26. *Motivos que desencadearam a agressão por bullying de acordo com o género*

	Género				Total		χ^2	p
	Rapaz		Rapariga					
	N	%	N	%	N	%		
Porque fizeste mal a algum colega?								
Porque tive de me defender	234	39.5	149	26.3	383	33.0	22.77	.000***
Porque me irritaram, provocaram ou gozaram	189	31.9	130	22.9	319	27.5	11.63	.001***
Para mostrar como sou forte	24	4.0	16	2.8	40	3.4	1.31	.253
Faz-me sentir que sou melhor do que os outros	14	2.4	7	1.2	21	1.8	2.07	.150
Para evitar que me façam mal	79	13.3	47	8.3	126	10.9	7.58	.006**
Para ser admirado/a e popular	8	1.3	8	1.4	16	1.4	.01	.928
Porque faz-me sentir bem	8	1.3	12	2.1	20	1.7	1.01	.316
Para me vingar	50	8.4	30	5.3	80	6.9	4.45	.035*
Por outro motivo	14	2.4	12	2.1	26	2.2	.08	.779

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

*** $p \leq .001$, ** $p \leq .01$, * $p \leq .05$.

4.5. Motivos que desencadearam a agressão por bullying e Meio de Educação

Ao se estudar a possibilidade de existência de resultados estatisticamente significativos nos motivos que levaram os alunos a agredir outro colega em função do meio de educação, é possível observar na Tabela 27 que emergem dois dados significativos: (i) porque tive de me defender, $\chi^2_{(1)} = 4.26$; $p = .039$; e (ii) porque me irritaram, provocaram ou gozaram, $\chi^2_{(1)} = 5.51$; $p = .019$, no sentido dos alunos a frequentarem o meio privado apresentarem valores percentuais mais elevados em ambos os motivos (35.8%) e (30.5%), respetivamente. (Ver tabela 27).

Tabela 27. *Motivos que desencadearam a agressão por bullying e Meio de Educação*

	Meio de Educação				Total	χ^2	p	
	Público		Privado					
	N	%	N	%				
<i>Porque fizeste mal a algum colega?</i>								
Porque tive de me defender	173	30.1	210	35.8	383	33.0	4.26	.039*
Porque me irritaram, provocaram ou gozaram	140	24.4	279	30.5	319	27.5	5.51	.019*
Para mostrar como sou forte	20	3.5	20	3.4	40	3.4	.00	.947
Faz-me sentir que sou melhor do que os outros	11	1.9	20	1.7	21	1.8	.07	.789
Para evitar que me façam mal	57	9.9	69	11.8	126	10.9	1.02	.313
Para ser admirado/a e popular	10	1.7	6	1.0	16	1.4	1.10	.294
Porque faz-me sentir bem	13	2.3	7	1.2	20	1.7	1.96	.161
Para me vingar	39	6.8	41	7.0	80	6.9	.02	.892
Por outro motivo	10	1.7	16	2.7	26	2.2	1.29	.256

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

* $p \leq .05$.

4.6. Idade dos agressores e Género

Quando se questionou os alunos, que assumiram terem sido agredidos por pelo menos um colega, sobre a idade dos seus agressores, 43.2% da amostra de alunos reportou que o(s) agressor(es) tinha a sua idade. Contudo, quando se analisa estes resultados de acordo com o género, surgem dados estatisticamente significativos, $\chi^2_{(1)} = 5.64$; $p = .018$, no sentido de os rapazes apresentarem maior propensão para terem sido agredidos por colegas mais velhos ($N = 219$; $\% = 36.9$), contra 30.3% das raparigas. (Ver tabela 28).

Tabela 28. Idade do(s) agressor(es) por bullying de acordo com o género

	Género						χ^2	p
	Rapaz		Rapariga		Total			
	N	%	N	%	N	%		
<i>De que idade tem o colega que te tem feito mal?</i>								
São da minha idade	244	41.1	257	45.3	501	43.2	2.06	.151
São mais velhos	219	36.9	172	30.3	391	33.7	5.64	.018*
São mais novos	78	13.2	85	15.0	163	14.1	.81	.368

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

* $p \leq .05$.

4.7. Idade dos agressores por bullying e Meio de Educação

Ao observar-se a Tabela 29 é possível verificar a existência de dois resultados estatisticamente significativos em função do meio de educação para a idade dos agressores ser superior à vítima de bullying, $\chi^2_{(1)} = 13.45$; $p = .000$; e para (ii) os agressores serem mais novos, $\chi^2_{(1)} = 5.08$; $p = .024$, no sentido dos alunos a frequentarem o meio público apresentarem maior propensão em serem agredidos por estes dois grupos (38.9%) e (16.4%), respetivamente, contra os que frequentam o meio privado.

Tabela 29. Idade do(s) agressor(es) por bullying e Meio de Educação

	Meio de Educação						χ^2	p	
	Público		Privado		Total				
	N	%	N	%	N	%			
<i>De que idade tem o colega que te tem feito mal?</i>									
São da minha idade	236	41.1	265	45.2	501	43.2	1.99	.158	
São mais velhos	223	38.9	168	28.7	391	33.7	13.45	.000***	
São mais novos	94	16.4	69	11.8	163	14.1	5.08	.024*	

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

*** $p \leq .001$; * $p \leq .05$.

4.8. Género dos agressores e Género das vítimas

Quando se indagou os alunos, que assumiram terem sido agredidos por pelo menos um colega, sobre o género dos seus agressores, é possível analisar na Tabela 30 que são os rapazes que apresentam maior probabilidade de terem agredido outro colega, sendo os resultados estatisticamente significativos, $\chi^2_{(4)} = 115.30$; $p = .000$, no sentido dos rapazes terem relatado que os seus agressores são/foram, com maior propensão, um rapaz (35.3%) ou vários rapazes (37.6%), sendo que as raparigas indicaram que os seus agressores tanto são raparigas como rapazes (31.4%). (Ver tabela 30).

Tabela 30. *Género do(s) agressor(es) por bullying de acordo com o género da vítima*

	Género						χ^2	p
	Rapaz		Rapariga		Total			
	N	%	N	%	N	%		
<i>Quem te fez mal?</i>							115.30	.000***
Um rapaz	150	35.3	73	18.3	223	27.1		
Uma rapariga	13	3.2	64	16.1	77	9.4		
Vários rapazes	160	37.6	78	19.6	238	28.9		
Várias raparigas	20	4.7	58	4.6	78	9.5		
Rapazes e Raparigas	82	19.3	125	31.4	207	25.2		

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

*** $p \leq .001$.

4.9. Género dos agressores por bullying e Meio de Educação

Podemos analisar na Tabela 31 a não existência de diferenças estatisticamente significativas no género dos agressores em função do meio educacional frequentado pelo aluno. Contudo, tanto no meio público como no meio privado, são os rapazes que têm um comportamento mais agressivo.

Tabela 31. *Gênero do(s) agressor(es) por bullying e Meio de Educação*

	Meio de Educação						χ^2	p
	Público		Privado		Total			
	N	%	N	%	N	%		
<i>Quem te fez mal?</i>							4.87	.301
Um rapaz	116	27.9	107	26.3	223	27.1		
Uma rapariga	38	9.1	39	9.6	77	9.4		
Vários rapazes	108	26.0	130	31.9	238	28.9		
Várias raparigas	39	9.4	39	9.6	78	9.5		
Rapazes e Raparigas	115	27.6	92	22.6	207	25.2		

Nota. Tabela realizada a partir de um conjunto de respostas múltiplas que contabiliza apenas os valores “sim” das diferentes variáveis dicotómicas incluídas.

4.10. Apoio à agressão por bullying na escola e Género

Da questão “quantas vezes te juntaste a outros colegas para fazer mal a algum rapaz ou rapariga na escola?”, foi criada uma nova variável – *Apoio à Agressão por Bullying na Escola* – constituída por duas categorias: 1) Não Apoiou, que inclui a alínea A) do protocolo ($N = 928$; % = 80); e 2) Apoiou pelo menos 1 vez, que inclui as alíneas B), C), e D) do questionário sobre Bullying ($N = 232$; % = 20).

Quando se questionou os alunos se já tinham apoiado alguma vez outros colegas na agressão por bullying dentro da própria instituição escolar, a maioria dos rapazes e das raparigas, o que corresponde a 76.7% e 83.4% respetivamente, afirmou nunca ter apoiado à agressão. Porém, existe uma maior probabilidade (23.3%) dos rapazes apoiarem algum tipo de agressão, contra 16.6% das raparigas, sendo o resultado estatisticamente significativo, $\chi^2_{(4)} = 8.12$; $p = .004$ (Ver tabela 32).

Tabela 32. *Apoio à agressão por bullying na escola de acordo com o género*

	Género						χ^2	p
	Rapaz		Rapariga		Total			
	N	%	N	%	N	%		
<i>Apoio à Agressão por Bullying na Escola</i>								
Nunca apoiou	455	76.7	473	83.4	928	80.0	8.12	.004**
Apoiou pelo menos uma vez	138	23.3	94	16.6	232	20.0		

Nota. ** $p \leq .01$.

4.11. Apoio à agressão por bullying na escola e Meio de Educação

Através da análise da Tabela 33 é possível verificar a não existência de resultados estatisticamente significativos, sendo que a maioria da amostra que frequenta o meio educacional público e o meio educacional privado não apoiaram à agressão na escola.

Tabela 33. Apoio à agressão por bullying na escola e Meio de Educação

	Meio de Educação						χ^2	p
	Público		Privado		Total			
	N	%	N	%	N	%		
<i>Apoio à Agressão por Bullying na Escola</i>							.07	.792
Nunca apoiou	461	80.3	467	79.7	928	80.0		
Apoiou pelo menos uma vez	113	19.7	119	20.3	232	20.0		

4.12. Apoio à Agressão por bullying na escola e Nível Socioprofissional dos Pais

No que se refere ao nível socioprofissional do pai, é possível analisar na Tabela 34, que os alunos com um progenitor com nível socioprofissional médio-baixo apresentam maior propensão de não ter apoiado agressões a nenhum colega na escola ($N = 211$; % = 35.5), enquanto 41.6% dos jovens que relataram ter apoiado outro colega a agredir, pelo menos uma vez na escola, um rapaz ou uma rapariga, tem um progenitor com nível socioprofissional elevado ($N = 69$; % = 41.6), existindo diferenças estatisticamente significativas, $\chi^2_{(3)} = 16.37$; $p = .001$.

Quanto ao nível socioprofissional da progenitora, é possível observar na Tabela 35, que os resultados alcançados são similares aos do progenitor, ou seja, mais de um terço dos alunos que afirmou nunca ter apoiado a agressão por bullying na escola, tem uma mãe com baixo nível socioprofissional, sendo que 36.1% das mães com nível socioprofissional elevado têm filhos que relataram já ter apoiado, pelo menos uma vez, agressões a outro colega na escola, sendo os resultados estatisticamente significativos, $\chi^2_{(3)} = 11.46$; $p = .009$.

Tabela 34. Apoio à agressão por bullying na escola de acordo com o nível socioprofissional do progenitor

		Apoio à Agressão na Escola				Total		χ^2	p
		Não apoiou		Apoiou					
		N	%	N	%	N	%		
$N. Socioprof.$								16.37	.001***
Pai									
Baixo	212	31.6	31	18.7	243	29.1			
M.-Baixo	211	35.5	63	38.0	274	32.8			
Alto	34	5.1	3	1.8	37	4.4			
Elevado	213	31.8	69	41.6	282	33.7			

Nota. N. Socioprof. Pai = nível socioprofissional do pai; M.-Baixo = médio-baixo.

*** $p \leq .001$.

Tabela 35. Apoio à Agressão por bullying na escola de acordo com o nível socioprofissional da progenitora

		Apoio à Agressão na Escola						χ^2	<i>p</i>
		Não apoiou		Apoiou		Total			
		<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%		
<i>N. Socioprof.</i>								11.46	.009**
<i>Mãe</i>									
	Baixo	229	33.2	36	21.3	265	30.9		
	Médio-Baixo	155	22.5	37	21.9	192	22.4		
	Alto	124	18.0	35	20.7	159	18.5		
	Elevado	181	26.3	61	36.1	242	28.2		

Nota. N. Socioprof. Mãe = nível socioprofissional da mãe.

** $p \leq .01$.

4.13. Apoio à agressão por bullying no caminho para a escola e Género

Da questão “quantas vezes tomaste parte em agressões a outros jovens no caminho para a escola?”, foi criada uma nova variável – *Apoio à Agressão por Bullying no Caminho para a Escola* – constituída por duas categorias: 1) Não Apoiou, que inclui a alínea A) do protocolo

($N = 1098$; $\% = 94.7$); e 2) Apoiou pelo menos 1 vez, que inclui as alíneas B), C), e D) do questionário sobre Bullying ($N = 62$; $\% = 5.3$).

Na Tabela 36 é possível verificar a similaridade na frequência dos resultados de acordo com o género, no sentido de quase a totalidade da amostra, o que corresponde a 94.7%, não ter apoiado à agressão por bullying no caminho para a escola, não existindo dados estatisticamente significativos.

Tabela 36. Apoio à agressão por bullying a caminho da escola de acordo com o género

		Género				Total		χ^2	p
		Rapaz		Rapariga					
		N	%	N	%	N	%		
<i>Apoio à Agressão por Bullying a caminho da Escola</i>									
	Nunca apoiou	554	93.4	544	95.9	1098	94.7		
	Apoiou pelo menos uma vez	39	6.6	23	4.1	62	5.3	3.64	.056

Nota. ** $p \leq .01$.

4.14. Apoio à agressão por bullying a caminho da escola e Meio de Educação

Através da análise da Tabela 37 é possível verificar a não existência de resultados estatisticamente significativos, sendo que a maioria da amostra que frequenta o meio educacional público e o meio educacional privado não apoiaram à agressão a caminho da escola.

Tabela 37. Apoio à agressão por bullying a caminho da escola e Meio de Educação

		Meio de Educação				Total		χ^2	p
		Público		Privado					
		N	%	N	%	N	%		
<i>Apoio à Agressão por Bullying a caminho da Escola</i>									
	Nunca apoiou	542	94.4	556	94.9	1098	94.7		
	Apoiou pelo menos uma vez	32	5.6	30	5.1	62	5.3	.12	.730

4.15. Apoio à Agressão por bullying a caminho da escola e Nível Socioprofissional dos Pais

Ao analisar-se a Tabela 38, é possível observar que mais de um terço dos alunos com um progenitor com nível socioprofissional médio-baixo (32.9%) ou elevado (33.1%) apresentam maior propensão de não ter apoiado agressões a nenhum colega a caminho da escola, enquanto 43.8% dos jovens cujo progenitor apresenta um nível socioprofissional elevado ($N = 21$) apoiou, pelo menos uma vez, à agressão por bullying a caminho da escola, na tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Quanto ao nível socioprofissional da progenitora, é possível observar na Tabela 39, que, e apesar de não terem sido encontrados resultados estatisticamente significativos, mais de um terço dos alunos que afirmou nunca ter apoiado a agressão por bullying a caminho da escola, tem uma mãe com baixo nível socioprofissional, enquanto 41.7% das mães com nível socioprofissional elevado têm filhos que relataram já ter apoiado, pelo menos uma vez, agressões a outro colega a caminho da escola.

Tabela 38. Apoio à agressão por bullying a caminho da escola de acordo com o nível socioprofissional do progenitor

		Apoio Agressão Caminho da Escola						χ^2	p
		Não apoiou		Apoiou		Total			
		N	%	N	%	N	%		
<i>N. Socioprof.</i>								4.10	.251
<i>Pai</i>									
Baixo	231	29.3	12	25.0	243	29.1			
M.-Baixo	259	32.9	15	31.3	274	32.8			
Alto	37	4.7	0	.0	37	4.4			
Elevado	261	33.1	21	43.8	282	33.7			

Nota. N. Socioprof. Pai = nível socioprofissional do pai; M.-Baixo = médio-baixo.

Tabela 39. *Apoio à Agressão por bullying a caminho da escola de acordo com o nível socioprofissional da progenitora*

Apoio Agressão Caminho da Escola								χ^2	p
Não apoiou		Apoiou		Total					
N	%	N	%	N	%				
$N. Socioprof.$								5.72	.126
$M\tilde{a}e$									
Baixo	252	31.1	13	27.1	265	30.9			
Médio-Baixo	186	23.0	6	12.5	192	22.4			
Alto	150	18.5	9	18.8	159	18.5			
Elevado	222	27.4	20	41.7	242	28.2			

Nota. N. Socioprof. Mãe = nível socioprofissional da mãe.

4.16. Apoio à agressão por bullying a colega que não gostasse e Género

Quando se questionou os alunos se apoiavam a agressão a um colega de que não gostasse, a maioria da amostra (68.9%) reportou que não o faria. No que se refere à diferença de géneros, é possível observar na Tabela 40 que os rapazes da amostra apresentam maior incidência, no apoio à agressão a um colega de que não gostassem, em todas as categorias positivas ou que poderão conduzir a este apoio, sendo que os resultados foram estatisticamente significativos, $\chi^2_{(4)} = 18.67$; $p = .001$.

Tabela 40. *Apoio à agressão por bullying a colega que não gostasse de acordo com o género*

		Género				Total		χ^2	p
		Rapaz		Rapariga					
		N	%	N	%	N	%		
<i>Apoio à Agressão por</i>									
<i>Bullying a colega que não</i>								18.67	.001***
<i>gosta</i>									
Não	375	63.2	424	74.8	799	68.9			
Sim	40	6.7	24	4.2	64	5.5			
Talvez	26	4.4	15	2.6	41	3.5			
Só se ele/ela me irritar muito	96	16.2	62	10.9	158	13.6			
Acho que não	56	9.4	42	7.4	98	8.4			

Nota. *** $p \leq .001$.

4.17. Apoio à agressão por bullying a colega que não gostasse e Meio de Educação

Através da análise da Tabela 41 é possível verificar que 67.9% da amostra reportou que não apoiaria agressão a um colega de que não gostasse.

É possível observar, na Tabela 41, a existência de resultados estatisticamente significativos de acordo com o meio de educação, $\chi^2_{(4)} = 14.52$; $p = .006$, sendo que, apesar da maioria dos grupos ter indicado que não apoiaria, 10.9% dos alunos a frequentar o meio educacional privado referiu não ter a certeza se apoiaria este tipo de agressão, sendo que 6.8% dos alunos no meio educacional público indicou que apoiaria.

Tabela 41. Apoio à agressão por bullying a colega que não gostasse de acordo com o Meio de Educação

		Meio de Educação				Total		χ^2	p
		Público		Privado					
		N	%	N	%	N	%		
<i>Apoio à Agressão por</i>									
<i>Bullying a colega que</i>									
<i>não gosta</i>									
	Não	401	69.9	398	67.9	799	68.9	14.52	.006**
	Sim	39	6.8	25	4.3	64	5.5		
	Talvez	25	4.4	16	2.7	41	3.5		
Só se ele/ela me irritar muito		75	13.1	83	14.2	158	13.6		
Acho que não		34	5.9	64	10.9	98	8.4		

Nota. ** $p \leq .01$.

5.1. Associação entre a idade e os anos de escolaridade com as variáveis

Vitimização por Bullying, Agressão por Bullying, Apoio à agressão na escola, e Apoio à agressão a caminho da escola

Com o objetivo de se estudar a existência de correlações entre as variáveis idade, anos de escolaridade, vitimização por bullying, agressão por bullying, apoio à agressão na escola, e apoio à agressão a caminho da escola, foi realizada uma correlação bivariada de Spearman, como se pode observar na Tabela 42.

O coeficiente de correlação de Spearman ($-1 \leq r_s \leq 1$) é uma medida de associação não paramétrica entre duas variáveis pelo menos nominais/ordinais, como ocorre nesta situação

com matrizes de correlação de variáveis nominais com variáveis intervalares (Maroco, 2003; Pestana & Gageiro, 2003).

Foram encontradas duas associações estatisticamente significativas, em sentido negativo e fracas, entre os anos de escolaridade com a vitimização por bullying, $\rho = -.20$; $p = .000$, e com o apoio à agressão a caminho da escola, $\rho = -.06$; $p = .036$. Através destes resultados é possível afirmar que quanto mais anos de escolaridade menos probabilidade de vitimização por bullying, e menos probabilidade de apoiarem a agressão a caminho da escola.

Foram encontradas duas relações estatisticamente significativas, fracas e negativa entre a idade com a vitimização por bullying, $\rho = -.15$; $p = .000$, e positiva com agressão por bullying, $\rho = .07$; $p = .016$. Através destes resultados é possível afirmar que quanto mais anos menos probabilidade de vitimização por bullying, e mais probabilidade de terem agredido, pelo menos uma vez, outro colega (Ver tabela 42).

Tabela 42. *Matriz de correlações entre os anos de escolaridade, a idade, a vitimização por bullying, a agressão por bullying, o apoio á agressão na escola, e o apoio à agressão a caminho da escola*

	Anos escolaridade	Idade
Vitimização por Bullying	-.20***	-.15***
Agressão por Bullying	.04	.07*
Apoio à agressão na escola	-.06	-.04
Apoio à agressão a caminho da escola	-.06*	-.05

Nota. *** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$.

6.1. Correlação entre variáveis

Com o objetivo de testarmos a nossa H1, foi utilizado o *Teste do Qui-Quadrado* (χ^2).

Hipótese 1 – Existe uma prevalência significativa de comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico. A Hipótese 1 confirma-se com 72,2% das crianças a reportarem já terem sido vítimas de agressão pelo menos uma vez.

Com a finalidade de confirmar ou infirmar a nossa H2, foi utilizado o *Teste do Qui-Quadrado* (χ^2).

Hipótese 2 -Existe uma correlação positiva entre um ESP baixo e a existência de comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico. A hipótese 2 não se confirma porque 35,4% das crianças que não foram vítimas de bullying têm uma mãe com

baixo nível socioprofissional e quando a criança é agressora, o nível socioprofissional do pai e da mãe é elevado, 33,2% e 31,4%, respetivamente.

No sentido de testar a nossa H3, foi utilizado o *Teste do Qui-Quadrado* (χ^2).

Hipótese 3 – Existem diferenças de género e ao nível dos comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico. A hipótese 3 confirma-se com os rapazes da amostra a apresentarem maiores valores percentuais na forma direta bater, dar murros e pontapés (47,2%), enquanto as raparigas apresentam maiores valores percentuais na forma de bullying indireta e relacional, como andar a falar mal de mim (29,8%) e deixarem-me só (21,5%). No comportamento adotado perante um colega vítima de agressão, existem dois resultados estatisticamente significativos: para o comportamento passivo, em que aludem que não fariam nada, os rapazes apresentam valores percentuais mais altos (8,9%) contra as raparigas (5,1%) e para um comportamento ativo, mas indireto, como chamar alguém para ajudar, são as raparigas (48,5%) que mencionaram que adotariam esta conduta, contra 41,5% dos rapazes.

7.1. Discussão dos Resultados

Após a apresentação dos resultados, vamos efetuar a discussão dos mesmos tendo como referência os objetivos gerais e específicos do nosso estudo, recorrendo à revisão da literatura apresentada.

Começando pela verificação da existência de comportamentos de bullying entre as crianças (dos 6 aos 10/11anos de idade), a frequentar o 1º ciclo do ensino básico em escolas públicas e escolas privadas, o nosso estudo apresenta um total de 72.2% de crianças vítimas de bullying e apesar de não existirem resultados estatisticamente significativos, as crianças das escolas públicas apresentam maior frequência de vitimização por bullying (74.2%) do que nas escolas privadas (70.2%). Este resultado vai de encontro ao que assume Gomes (2014), que em todas as escolas existe bullying, sejam estas privadas, públicas, rurais, urbanas ou religiosas.

No entanto, é de salientar que o nosso estudo apresenta um aumento da vitimização por bullying em relação a outros estudos realizados em Portugal (Pereira et al., 2008; Costa & Pereira, 2010) e, em relação aos estudos realizados em diferentes países, os autores referem que as taxas de prevalência estão entre 8% na Alemanha, 29.9% nos Estados Unidos, 30% na Itália e 40% na Coreia (Magklara et al., 2012).

O nosso estudo também apresenta um aumento da frequência da vitimização com 36.6% das crianças a afirmarem terem sido agredidas 1 ou 2 vezes e 46.6% afirmou já ter sido agredido 5 ou mais vezes, em relação ao estudo de Magklara et al. (2012) que relatam uma

média de 32.1% para crianças vítimas de bullying pelo menos uma vez e em estudos realizados em Portugal que a persistência da vitimização de bullying atinge as 3 ou mais vezes.

De acordo com o meio de educação (público ou privado), não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, mas podemos observar que 50.6% das crianças do ensino público afirmaram que já tinham sido agredidas 5 ou mais vezes contra 43.1% das crianças do ensino privado e em relação ao resultado para a frequência da vitimização 1 ou 2 vezes são as crianças do ensino privado que mais relatam com 38.2% em relação às crianças do ensino público com 35.1%. No que diz respeito aos agressores, a maioria (51.4%) das crianças que frequentam o ensino privado relataram já ter agredido um colega pelo menos uma vez, enquanto 53.7% das crianças que frequentam o ensino público apresenta uma frequência maior de não agressão.

Podemos afirmar que o bullying ocorre nos primeiros anos escolares, ou seja, no 1º ciclo do ensino básico e, que de acordo com vários estudos, este resultado pode ser explicado pelo fato das crianças ainda não terem adquirido as competências sociais e de assertividade (Buelga et al., 2009; Costa & Pereira, 2010; Healy et al., 2015; Pereira et al., 2004; Pereira, 2008; Purcel, 2012).

No que se refere à relação entre a existência de comportamentos de bullying, em crianças do 1º ciclo escolar do ensino público e privado, e o estatuto socioprofissional dos pais, o nosso estudo apresenta dados para a vitimização que, apesar de não existirem resultados estatisticamente significativos, para as crianças com um pai que apresenta um nível socioprofissional elevado apresentam maior incidência de não terem sido vítimas de bullying (N = 92; % = 36.7), enquanto que as crianças que já foram vítimas de bullying têm um pai com nível socioprofissional médio-baixo (N = 92; % = 34.4). No que se refere à mãe, 35.4% das crianças que não foram vítimas de bullying têm uma mãe com baixo nível socioprofissional e as crianças que reportaram já terem sido vítimas de bullying, 28.9% e 29%, respetivamente, têm uma mãe com um nível socioprofissional baixo e elevado.

No que se refere à situação de serem agressores, o nosso estudo apresenta dados que, apesar de não existirem resultados estatisticamente significativos, as crianças com um pai de nível socioprofissional elevado apresentam maior incidência de não ter agredido outro colega (N = 140; % = 33.2), enquanto mais de um terço das crianças que relataram já ter agredido, pelo menos uma vez, outro colega tem um pai com nível socioprofissional médio-baixo (N = 144; % = 34.8), ou elevado (N = 142; % = 34.3).

De igual forma, no que se refere ao nível socioprofissional da mãe, mais de um terço das crianças que afirmou nunca ter agredido outro colega, tem uma mãe com baixo nível

socioprofissional, mas 31.4% das mães com nível socioprofissional elevado têm filhos que relataram já ter agredido, pelo menos uma vez, outro colega, com resultados estatisticamente significativos, $\chi^2_{(3)} = 9.78$; $p = .021$.

Quando se questionou as crianças se já tinham apoiado alguma vez outros colegas na agressão por bullying dentro da própria instituição escolar, a maioria das crianças, quer do ensino público quer do ensino privado, não apoiaram na agressão na escola. No entanto, e no que se refere ao nível socioprofissional do pai, verificamos que as crianças com um pai de nível socioprofissional médio-baixo apresentam maior propensão de não ter apoiado em agressões a nenhum colega na escola ($N = 211$; $\% = 35.5$), enquanto 41.6% das crianças que relataram ter apoiado outro colega a agredir, pelo menos uma vez na escola, um rapaz ou rapariga, tem um pai com nível socioprofissional elevado ($N = 69$; $\% = 41.6$), existindo diferenças estatisticamente significativas, $\chi^2_{(3)} = 16.37$; $p = .001$.

Quanto ao nível socioprofissional da mãe, observamos que os resultados alcançados são similares aos do pai, ou seja, mais de um terço dos alunos que afirmou nunca ter apoiado nas agressões por bullying na escola, tem uma mãe com baixo nível socioprofissional, sendo que 36.1% das mães com nível socioprofissional elevado têm filhos que relataram já ter apoiado, pelo menos uma vez, agressões a outro colega na escola, sendo os resultados estatisticamente significativos, $\chi^2_{(3)} = 11.46$; $p = .009$.

Por outro lado, ao questionarmos as crianças se já tinham apoiado na agressão por bullying a caminho da escola, verificamos que mais de um terço das crianças com um pai de nível socioprofissional médio-baixo (32.9%) ou elevado (33.1%) apresentam maior propensão de não ter apoiado nas agressões a nenhum colega a caminho da escola, enquanto 43.8% das crianças cujo pai apresenta um nível socioprofissional elevado ($N = 21$) apoiou, pelo menos uma vez, à agressão por bullying a caminho da escola, embora não tenha sido encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Quanto ao nível socioprofissional da mãe, verificamos que mais de um terço das crianças que afirmou nunca ter apoiado na agressão por bullying a caminho da escola, tem uma mãe com baixo nível socioprofissional, enquanto 41.7% das mães com nível socioprofissional elevado têm filhos que relataram já ter apoiado, pelo menos uma vez, em agressões a outro colega a caminho da escola, e, tal como aconteceu com o nível socioprofissional do pai, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos.

De acordo com a revisão da literatura, os resultados do nosso estudo para a relação da existência de comportamentos de bullying, em crianças do 1º ciclo escolar do ensino público e

privado, e o estatuto socioprofissional dos pais, estão de acordo com o que é referido por vários autores que, no contexto social atual, o que prevalece é o individualismo e os valores competitivos, deixando de haver respeito pelos direitos humanos, ou seja, o que existe é uma relação entre opressores e oprimidos, na qual o consumismo e a competição estão profundamente ligados e é esta orientação de valores e metas em que os objetivos pessoais predominam sobre o bem-estar comum e podem levar a comportamentos sociais agressivos, hostis e antissociais (Beaudoin & Taylor, 2007; Calhau, 2010; Sennet, 2012).

Alguns estudos não encontraram nenhuma relação entre os comportamentos de bullying e o estatuto socioeconómico, outros encontraram níveis mais elevados de bullying entre crianças que vivem em condições socioeconómicas desfavoráveis (Analitis et al., 2009; Jansen et al., 2011; Khoury-Kassabri et al., 2005; Pereira et al., 2004; Wolke et al., 2001). Por outro lado, Jankauskiene et al. (2008, citados por Chaux et al., 2009) referem que os bullies têm maior representatividade em famílias de estatuto socioeconómico médio e alto e as vítimas nas famílias de baixo estatuto socioeconómico.

De acordo com Tippet & Wolke (2014), os resultados destes estudos estão longe de serem conclusivos em virtude da abordagem utilizada para medir o ESE, uns utilizam medidas compostas, combinando múltiplos indicadores, enquanto outros concentram-se num único indicador socioeconómico, na maioria das vezes a educação parental, e ou ocupação profissional dos pais. Segundo os mesmos autores, os comportamentos de bullying são esperados em qualquer estrato socioeconómico desde que existam ganhos potenciais em assumir uma posição de domínio de uns sobre os outros.

Pesquisas recentes sugerem que não é o nível absoluto de ESE que prevê o bullying, mas sim o grau de desigualdade social que existe na sociedade. As taxas mais elevadas de bullying têm sido encontradas em países onde a desigualdade social é maior (Tippet & Wolke, 2014; Rigby, 2016). Olhando para os nossos resultados, será que podemos considerar que existe grande desigualdade social em Portugal?

Como já referimos, os comportamentos de bullying são problemas comuns no início do ensino básico (1º ciclo). Magklara et al. (2012) realizaram um estudo, na Grécia, em que utilizaram como variáveis socioeconómicas as habilitações literárias e o emprego dos pais e a principal conclusão é que esta relação com o bullying é muito complexa. Nas vítimas não encontraram associação com as variáveis socioprofissionais, no entanto, nos agressores, encontraram alguma relação quando o pai é desempregado. No caso da mãe, se for doméstica ou reformada, existe uma maior probabilidade da criança ser vítima/agressora.

Jansen et al. (2012) realizaram um estudo na Holanda e os resultados deste estudo mostraram disparidades socioeconômicas significativas no bullying e na vitimização na escola primária, sendo que as crianças das famílias com estatuto socioeconômico mais baixo tiveram maior risco de estarem envolvidas no bullying como vítimas, intimadoras ou agressoras/vítimas do que as crianças com maior nível socioeconômico.

Vários autores têm estudado o estatuto socioeconômico das famílias e o nível de escolaridade dos pais e o que está mais associado ao envolvimento das crianças com o bullying é o baixo nível socioeconômico das famílias, principalmente relacionados com a escolaridade dos pais (Analitis et al., 2009; Garner & Hinton, 2010; Shetgiri et al., 2012; Vlachou et al., 2011). Segundo Fu et al. (2013), o baixo nível educacional dos pais reflete limitações em recursos intelectuais, conhecimentos e habilidades sociais.

Podemos dizer que os nossos resultados, de certa forma, enquadram-se no que é dito por alguns investigadores, que o suporte familiar é um fator importante para minorar os problemas que afetam as crianças, principalmente as consequências dos comportamentos de bullying (Brank et al., 2012).

De acordo com Morgado et al. (2013), a sociedade e as famílias portuguesas têm sofrido mudanças e o conceito tradicional de família tem sofrido alterações, dando lugar a famílias monoparentais ou reorganizadas, tornando-as cada vez mais vulneráveis quer ao nível da saúde, quer ao nível da educação.

Outro estudo efetuado sobre o efeito na educação dos filhos em famílias monoparentais femininas, verificou-se a existência de dificuldades económicas, patologias de natureza psicológica e de consumo de substâncias, fatores que potenciam a exclusão social e dificuldade na transmissão das competências sociais necessárias à socialização e educação dos filhos (Gonçalves, 2013).

De fato as variáveis familiares parecem contribuir para a participação de uma criança no bullying. Farrington & Baldry (2010), referem que se o pai de um aluno for condenado por um crime, essa criança poderá ser um bully e outros autores referem que as crianças que testemunham violência doméstica entre os pais são mais propensas a serem agressoras na escola (Bowes et al., 2009; Carrell & Hoekstra, 2010).

De acordo com Cummings (2010), o tipo de família em que a criança está inserida influencia o seu comportamento e as crianças que observam e vivem com a violência em casa, refletem essa violência para dentro da escola, principalmente, em relações de desigualdade de poder na família e na escola.

Também Pereira (2008; 2006), revela que as relações de desigualdade de poder na família revelam um lar com um dia a dia hostil e permissivo em que existe o uso da violência como forma de disciplina, o que leva as crianças a transportarem essas condutas com os colegas.

Por outro lado, também existem agressores que vêm de uma família estruturada, que não usam violência, mas têm preconceitos com as diferenças e acabam por transmitir esse preconceito aos filhos que agem na escola de uma forma preconceituosa (Ramos, 2008).

Podemos afirmar que do ponto de vista da teoria da aprendizagem social, os relacionamentos precoces das crianças em casa moldam o modo como eles vão interagir mais tarde na vida. Tippet & Wolke (2014), referem que as crianças ao experimentarem violência ou abuso em casa pode afetar a capacidade dessas crianças formarem e manterem relacionamentos entre pares coesos e saudáveis.

Pelos resultados do nosso estudo, faz todo o sentido afirmar que a presença dos pais na vida dos filhos é de extrema importância quer nos que são vítimas, agressores e nos que são testemunhas de bullies, no sentido de ajudarem as crianças no desenvolvimento das capacidades para se expressarem e se relacionarem de forma adequada para que se tornem adultos saudáveis, equilibrados e principalmente saberem conviver com as diferenças.

Por tudo o que foi exposto anteriormente, os resultados do nosso estudo quanto ao objetivo específico da existência de correlação positiva entre um ESP baixo e a existência de comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico, não se confirma.

Quanto à existência de diferenças de gênero e ao nível dos comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico, o nosso estudo apresenta quanto à forma de agressão, e como já referimos anteriormente, a existência de diferenças de gênero com os rapazes da amostra a apresentarem maiores valores percentuais na forma direta bater, dar murros e pontapés (47,2%), enquanto as raparigas apresentam maiores valores percentuais na forma de bullying indireta e relacional, como andar a falar mal de mim (29,8%) e deixarem-me só (21,5%). No comportamento adotado perante um colega vítima de agressão, existem dois resultados estatisticamente significativos: para o comportamento passivo, em que aludem que não fariam nada, os rapazes apresentam valores percentuais mais altos (8,9%) contra as raparigas (5,1%) e para um comportamento ativo, mas indireto, como chamar alguém para ajudar, são as raparigas (48,5%) que mencionaram que adotariam esta conduta, contra 41,5% dos rapazes.

No que se refere à variável “contar a alguém que foi agredido”, verificamos que na categoria “sim, disse a um ou dois amigos”, foram verificadas diferenças estatisticamente

significativas de acordo com o gênero, $\chi^2_{(1)} = 8.88$; $p = .003$, sendo que, tal como se verifica na maioria das categorias, são as raparigas que apresentam frequência significativamente mais elevada ($N = 109$; $\% = 19.2$), contra os rapazes da amostra ($N = 76$; $\% = 12.8$).

Quando se questionou as crianças sobre que comportamento adotavam quando viam algum colega da mesma idade que a sua ser agredido, no que se refere à diferença entre os gêneros, observamos a existência de dois resultados estatisticamente significativos: para o comportamento passivo, em que aludem que não fariam nada, $\chi^2_{(1)} = 6.45$; $p = .011$, são os rapazes que apresentam valores percentuais mais altos (8.9%), contra as raparigas (5.1%); e para um comportamento ativo mas indireto, como o de chamar alguém para ajudar, sendo que 48.5% das raparigas mencionou que adotaria esta conduta, contra 41.5% dos rapazes.

Quanto à questão de serem eles os agressores, das 1160 crianças, a maioria (51.1%) afirmou nunca ter agredido outro colega. No entanto, foram verificadas diferenças estatisticamente significativas em função do gênero, $\chi^2_{(1)} = 39.00$ $p = .000$, no sentido da maioria dos rapazes (57.8%) ter reportado já ter agredido um colega pelo menos uma vez, enquanto a maioria das raparigas (60.5) relatou nunca ter agredido um colega. Na frequência da agressão por bullying, são os rapazes mais agressivos do que as raparigas, existindo diferenças estatisticamente significativas, $\chi^2_{(2)} = 9.50$; $p = .009$.

Quando se questionou as crianças, que assumiram ter agredido um colega pelo menos uma vez, sobre os possíveis motivos que despoletaram esse comportamento, 33% das crianças que agrediu fê-lo porque tiveram que se defender, existindo diferenças estatisticamente significativas de acordo com o gênero, $\chi^2_{(1)} = 22.77$; $p = .000$, no sentido de mais de um terço dos rapazes ($N = 234$; $\% = 39.5$) ter justificado a sua conduta porque tiveram ou sentiram necessidade de se defender, contra aproximadamente um quarto das raparigas ($N = 149$; $\% = 26.3$).

Quando se questionou as crianças sobre a idade dos seus agressores, 43.2% das crianças reportou que o(s) agressor(es) tinha a sua idade. Contudo, quando analisamos estes resultados de acordo com o gênero, surgem dados estatisticamente significativos, $\chi^2_{(1)} = 5.64$; $p = .018$, no sentido de os rapazes apresentarem maior propensão para terem sido agredidos por colegas mais velhos ($N = 219$; $\% = 36.9$), contra 30.3% das raparigas.

Quando se questionou as crianças se apoiavam a agressão a um colega de que não gostasse, a maioria da amostra (68.9%) reportou que não o faria. No que se refere à diferença de gêneros, verificamos que os rapazes da amostra apresentam maior incidência, no apoio à agressão a um colega de que não gostassem, em todas as categorias positivas ou que poderão

conduzir a este apoio, sendo que os resultados foram estatisticamente significativos, $\chi^2_{(4)} = 18.67$; $p = .001$.

Os resultados do nosso estudo vão de encontro ao que está na literatura. Estudos têm revelado que o bullying ocorre maioritariamente no ensino básico e o que varia é o tipo de agressão com o género. São os meninos que utilizam as agressões físicas e verbais e as meninas usam mais as agressões indiretas (Carvalhosa et al., 2009; Costa & Pereira, 2010; Healy et al., 2015; Lourenço et al., 2009).

Vários investigadores referem que os rapazes aparecem mais envolvidos no bullying, quer no papel de vítima quer no de agressor (Bandeira & Hutz, 2012; Carvalhosa et al., 2009), com prevalência a agressão física (Healy et al., 2015; Rech et al., 2013). Por outro lado, as raparigas envolvem-se mais em situações de bullying indireto ou relacional e em ambos os papéis, de vítimas e agressoras (Bandeira & Hutz, 2012; Carvalhosa et al., 2009; Pereira, 2008).

Nos estudos existentes, é praticamente consensual que o bullying difere quanto à forma, género e agressividade. De acordo com Due & Holstein (2008), a prevalência do bullying tem tendência a diminuir com a idade e Smith (2010) refere que a incidência da vitimização vai decrescendo com a idade.

Pereira (2008), refere que são mais frequentes, nas crianças mais novas, as agressões diretas em virtude do seu desenvolvimento global e da aquisição de determinadas competências cognitivas e sociais não estarem completamente adquiridas.

Parte IV – Conclusões

1.1. Conclusão

Nos últimos anos, o bullying escolar tem vindo a acentuar-se de uma forma preocupante no seio da comunidade educativa, mas também na sociedade em geral.

Verificamos no nosso estudo a existência de um número elevado de crianças vítimas de bullying, quer no ensino público, quer no ensino privado. Este resultado vai de encontro ao que assume Gomes (2014) que existe bullying em todas as escolas, sejam públicas ou privadas.

Podemos concluir, através dos resultados do nosso estudo, que a vitimização de bullying em crianças do 1º ciclo do ensino primário, em relação a outros estudos realizados em Portugal (Pereira et al., 2008; Costa & Pereira, 2010) e em diferentes países (Magklara et al., 2012), sofreu um aumento e em relação ao meio de educação (público ou privado), a maioria das crianças agressoras frequentam o ensino privado.

Quanto à relação entre a existência de comportamentos de bullying, em crianças do 1º ciclo escolar do ensino público e privado, e o estatuto socioprofissional dos pais, podemos concluir que não existe uma correlação positiva entre um ESP baixo e a existência de comportamentos de bullying. De acordo com os resultados do nosso estudo, a maioria das crianças que reportaram já terem sido vítimas de bullying têm uma mãe com um nível socioprofissional baixo e elevado e o nível socioprofissional do pai é médio-baixo. Quanto à situação de serem agressores, o nível socioprofissional do pai é médio-baixo ou elevado, mas no que se refere ao nível socioprofissional das mães, é elevado.

De acordo com os resultados do nosso estudo e da revisão da literatura, podemos afirmar que, no contexto social atual, em que prevalece o individualismo e os valores competitivos, os comportamentos de bullying existem em qualquer estrato socioeconómico desde que existam ganhos potenciais em assumir uma posição de domínio de uns sobre os outros.

Também podemos dizer que os nossos resultados vão de encontro ao que é dito por alguns investigadores, que o suporte familiar é um fator importante e, do ponto de vista da teoria da aprendizagem social, é através dos relacionamentos precoces em casa que as crianças aprendem e moldam o modo como vão interagir mais tarde na vida.

Quanto à existência de diferenças de género e ao nível dos comportamentos de bullying em crianças a frequentar o ensino básico, o nosso estudo vai de encontro à literatura com os rapazes a apresentarem maiores valores percentuais na forma direta, enquanto as raparigas apresentam maiores valores percentuais na forma de bullying indireta e relacional. No comportamento adotado perante um colega vítima de agressão, são os rapazes que apresentam

valores percentuais mais altos no comportamento passivo e para um comportamento ativo, mas indireto, são as raparigas que apresentam valores percentuais mais altos.

Vários estudos revelaram que o bullying ocorre maioritariamente no ensino básico, o que varia é o tipo de agressão com o género e que são os rapazes que utilizam as agressões físicas e verbais e as meninas usam mais as agressões indiretas (Carvalhosa et al., 2009; Costa & Pereira, 2010; Healy et al., 2015; Lourenço et al., 2009).

Vários investigadores referem que são os rapazes que aparecem mais envolvidos no bullying, quer no papel de vítima quer no de agressor (Bandeira & Hutz, 2012; Carvalhosa et al., 2009), com prevalência a agressão física (Healy et al., 2015; Rech et al., 2013). Por outro lado, as raparigas envolvem-se mais em situações de bullying indireto ou relacional e em ambos os papéis, de vítimas e agressoras (Bandeira & Hutz, 2012; Carvalhosa et al., 2009; Pereira, 2008).

Podemos concluir que, de acordo com Pereira (2008), nas crianças mais novas, são mais frequentes as agressões diretas em virtude do seu desenvolvimento global e a aquisição de determinadas competências cognitivas e sociais não estarem completamente adquiridas.

4.1. Limitações da presente investigação e sugestões para possíveis investigações futuras

A principal limitação deste estudo passou pela escassez de estudos realizados em Portugal que estabelecessem a relação dos comportamentos de bullying nas crianças do 1º ciclo do ensino básico e o estatuto socioprofissional dos pais, bem como a diferença de género. No entanto, esta dificuldade não nos fez parar, mas pelo contrário serviu de motivação para a realização do presente estudo.

Outra limitação, de não menos importância, prende-se com o tempo de espera das autorizações das Direções de Escolas ou Agrupamentos, principalmente no ensino privado, após reuniões explicativas de todo o estudo, dos instrumentos a utilizar e quais os procedimentos a serem realizados.

Quanto às sugestões para investigações futuras, seria importante verificar e aferir a relação dos comportamentos de bullying em crianças do 1º ciclo básico com o estatuto socioprofissional dos pais e a diferença de género, introduzindo a variável *cyberbullying* face à relevância do impacto das novas tecnologias na sociedade atual.

Com este estudo, pensamos que estamos a contribuir para o conhecimento da problemática que é o bullying escolar, quer no ensino público, quer no ensino privado, nomeadamente, no distrito de Lisboa e no distrito de Leiria.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L. S. (1988). *O raciocínio diferencial dos jovens: avaliação, desenvolvimento e diferenciação*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Almeida, L., (2005). Da prevenção primordial à prevenção quaternária. *Prevenção em Saúde*, 23, 1.
- Analitis, F., Velderman, M. K., Ravens-Sieberer, U., Detmar, S., Erhart, M., Herdman, M., Berra, S. & Alonso, J. (2009). Being bullied: associated factors in children and adolescents 8 to 18 years old in 11 European countries. *Pediatrics*, 123, 569-577.
- Baly, M. W., Cornell, D. G. & Lovegrope, P., (2014). A Longitudinal Investigation of Self And Peer Reports of Bullying Victimization Across Middle School. *Psychology in the Schools*, 51. DOI: 10.1002/pits.21747.
- Bandeira, C. M. & Hutz, C. S. (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os géneros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 35-44.
- Barros, P., Carvalho, J. & Pereira, B. (2009). Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. *XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*. Brasil, 5739-5757. Retrieved from: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf>.
- Beane, A. L. (2010). *Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles*. (D. G. Isidoro, Trad). Rio de Janeiro: Bestseller.
- Beane, A. L. (2011). *Proteja o seu filho de Bullying*. Porto: Porto Editora.
- Beaudoin, M. N. & Taylor, M. (2007). *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*. (2ª ed). Porto Alegre: Artmed.

- Berger, K. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, 27, 90-126.
- Bollmer, J. M., Milich, R., Harris, M. J. & Maras, M. A. (2005). A friend in need: the role of friendship quality as a protective factor in peer victimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 20: 701-12.
- Bowes, L., Arseneault, L., Maughan, B., Taylor, A., Caspi, A. & Moffitt, T. (2009). School, neighborhood and family factors are associated with children's bullying involvement: a nationally representative longitudinal study. *Journal American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 48(5), 545-553. Doi: 10.1097/CHI.0b013e31819cb017.
- Brace, N., Kemp, R. & Snelgar, R. (2000). *SPSS for psychologists. A guide to data analysis using SPSS for windows*. New York: L.E.A.
- Brank, E. M., Hoetger, L. A. & Hazen, K. P. (2012). Bullying. *Annual Review of Law and Social Science*, 8, 213-30. Doi: 10.1146/annurev-lawsocsci-102811-173820.
- Buelga, S., Musitu, G. & Murgui, S. (2009). Relaciones entre la reputación social y la agresión relacional en la adolescência. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 9(1), 127-141.
- Calhau, L. B. (2010). *Bullying: o que você precisa saber*. Niterói: Impetus.
- Chaux, E., Molano, A. & Podlesky, P. (2009). Socio-Economic, Socio-Political and Socio-Emotional Variables Explaining School Bullying: A Country-Wide Multilevel Analysis. *Aggressive Behaviour*, 35, 520-529.
- Carrell, S. E. & Hoekstra, M. L. (2010). "Externalities in the Classroom: How Children Exposed to Domestic Violence Affect Everyone's Kids". *American Economic Journal: Applied Economics*, 2(1), 211-28.
- Carrilho, L. & Bacelar, T. (2010). Bullying – Agressividade em contexto escolar. *Ousar Integrar – Revista de Reinserção Social e Prova*, 6, 43-59.

- Carvalhosa, S. F., Lima, L. & Matos, M. G., (2001). Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4, 523-537.
- Carvalhosa, S. F., (2002). Bullying, a provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*. 20, 4, 571-585.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C. & Sales, C., (2009). A situação do Bullying nas Escolas Portuguesas. *Interações*, 13, 125-146.
- Carvalhosa, S. (2010). *Prevenção da violência e do bullying em contexto escolar*. Lisboa: Climepsi Editores. ISBN: 978-972-796-315-7.
- Costa, P. & Pereira, B., (2010). O Bullying na Escola: A Prevalência e o Sucesso Escolar. I *Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”*, Braga: Universidade do Minho. ISBN-978-972-8746-87-2.
- Craig, W. M. & Harel, Y. (2004). Bullying, physical fighting and victimization. *Young people's health in context: International report from the HBSC*, 2, 133-144.
- Craig, W., Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., Dostaler, S., Hetland, J., Simons-Morton, B., & Pickett, W. (2009). A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health*, 54(2), 216-224.
- Cook, C. R., Williams, K. R., Guerra, N. G., Kim, T. E. & Sadek, S. (2010). Predictors of bullying and victimization in childhood and adolescence: a meta-analytic investigation. *School Psychology Quarterly*, 25, 65-83.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Cozma, J., Kukaswadia, A., Janssen, I., Craig, W. & Pickett, W., (2015). Active transportation and bullying in Canadian Schoolchildren: a cross-sectional study. *BMC Public Health*, 15,99. DOI: 10.1186/s12889-015-1466-2.

- Cuervo, A. A. V., Martínez, E. A. C. & Acuña, G. M. T. (2012). Differences in socioeconomic status, climate and family adjustment of students with and without reports bullying. *Psicología Desde El Caribe*, 29(3). ISSN 2011-7485.
- Cummings, M. (2010). Children's school performance tied to family "type". *ScienceDaily*, University of Notre Dame. Retrieved from:
www.sciencedaily.com/releases/2010/07/100720162317.htm.
- Czeresnia, D., (1999). The concept of health and the difference between prevention and promotion. *Cadernos de Saúde Pública*. 15, 4, 701-709.
- Dalosto, M.M. & Alencar, E. M. L. S. (2013). Manifestações e prevalência de bullying entre alunos com altas habilidades/superdotação. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 19(3),363-378. Retrived from: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382013000300005>.
- Dalsgaard, S., Nielsen, H. S. & Simonsen, M. (2014). Consequences of ADHD medication use for children's outcomes. *Journal of Health Economics*, 37, 137-151.
- Davies, B. (2011). Bullies as guardians of the moral order or an ethic of truths? *Children and Society*, 25(4), 278-286. Doi: 10.1111/j.1099-0860.2011.00380.x.
- Drogin, E. Y. & Young, K. (2008). Forensic mental health aspects of adolescent "cyber bullying": a jurisprudent science perspective. *Journal Psychiatry Law*, 36, 679-690.
<https://doi.org/10.1177/009318530803600412>.
- Due, P. & Holstein, B. E. (2008). Bullying victimization among 13-15-year-old school children: results from two comparative studies in 66 countries and regions. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 20(2), 209-222.
- Due, P., Merlo, J., Harel-Fisch, Y., Damsgaard, M. T., soc, M. S., Holstein, B. E. ... & Lynch, J. (2009). Socioeconomic inequality in exposure to bullying during adolescence: a comparative, cross-sectional, multilevel study in 35 countries.

- American Journal of Public Health*, 99(5), 907-914. DOI: 10.2105/AJPH.2008.139303.
- Due, P., Holstein, E. B., Lynch, J., Diderichsen, F., Gabhain, S. N. & Scheidt, P. (2015). Bullying and symptoms among school-aged children: international comparative cross-sectional study in 28 countries. *European Journal of Public Health*, 15, 128–132.
- Farrington, D. P. & Baldry, C. A. (2010). Individual risk factors for school bullying. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 2, 4-16. Doi: 10.5042/jacpr.2010.0001.
- Farrington, D. P., Loeber, R., Stallings, R. & Ttofi, M. M. (2011). Bullying perpetration and victimization as predictors of delinquency and depression in the Pittsburgh Youth Study. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 3, 74-81.
- Fisher, H. L., Moffitt, T. E., Houts, R. M., Belsky, D. W., Arseneault, L. & Caspi, A. (2012). Bullying victimization and risk of self harm in early adolescence: Longitudinal cohort study. *British Medical Journal*, 344, 1-9.
- Fu, Q., Land, K. C. & Lamb, V. L. (2013). Bullying victimization, socioeconomic status and behavioral characteristics of 12th graders in the United States, 1989 to 2009: Repetitive trends and persistent risk differentials. *Child Indicators Research*, 6(1), 1-21.
- Gaertner, A., Fite, P. & Colder, C. (2010). Parenting and Friendship Quality as Predictors of Internalizing and Externalizing Symptoms in Early Adolescence. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 101-108. Doi: 10.1007/s10826-009-9289-3.
- García, A. I. S, & Margallo, E. M. (2014). Bullying: What's Going on? A Bibliographic Review of Last Twelve Months. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 132, 269-276. Doi:10.1016/j.sbspro.2014.04.309.

- Garner, P. W. & Hinton, T. S. (2010). Emotional display rules and emotion self-regulation: Associations with bullying and victimization in community-based after school programs. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 20(6), 480-496.
- Gomes, A. M., (2014). *Não quero ir para a escola.... Tenho medo!* Guia de intervenção para pais, professores, educadores, terapeutas e psicólogos. Edições PsicoSoma: Viseu FNAC.
- Gonçalves, T. J. A. (2013). *Educação dos filhos em famílias monoparentais femininas: o contributo do Educador Social no desenvolvimento de competências sociais*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade Portucalense. Retrieved from <http://repositorio.uportu.pt/jspui/handle/11328/881>.
- Hack, S. M. P. K., & Ramires, V. R. R. (2010). Adolescência e divórcio parental: Continuidades e rupturas dos relacionamentos. *Psicologia clinica*, 22(1), 85-97.
- Harris, S. & Petrie, G. F. (2002). *El acoso en la escuela: los agresores, las víctimas y los espectadores*. Barcelona: Paidós.
- Healy, K. L. & Sanders, M. R., (2015). Parenting Practices, Children's Peer Relationships and Being Bullied at School. *J Child Fam Stud*, 24, 127-140. DOI: 10.1007/s10826-013-9820-4.
- Jansen, D. E., Veenstra, R., Ormel, J., Verhulst, F. C. & Reijneveld, S. A. (2011). Early risk factors for being a bully, victim, or bully/victim in late elementary and early secondary education. The longitudinal trails study. *BMC Public Health*, 11, 440.
- Jansen, P. W., Verlinden, M., Berkel, A. D., Mieloo, C., Ende, J., Veenstra, R.,... & Tiemeier, H. (2012). Prevalence of bullying and victimization among children in early elementary school: Do family and school neighbourhood socioeconomic status matter? *BMC Public Health*, 12, 494. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-494>.

- Juvonen, J., Graham, S. & Schuster, M. A. (2003). Bullying among young adolescents: the strong, the weak, and the troubled. *Pediatrics*, 112(6), 1231–1237.
- Kashahu, L., Bushati, J. & Osmani, H. (2014). Bullying Phenomenon: Perceptions of Elementary School Students. *Journal of Educational and Social Research*, 4(4), 480-487. Doi:10.5901/jesr.2014.v4n4p0480.
- Kenarna, A., Voeten, M., Poskiparta, E. & Salmivalli, C. (2010). Vulnerable children in varying classroom contexts: bystanders' behaviors moderate the effects of risk factors on victimization. *Merrill-Palmer Q*, 56, 261–281.
- Khoury-Kassabri, M., Benbenishty, R. & Astor, R. A. (2005). The effects of school climate, socioeconomics, and, cultural factors on student victimization in Israel. *Soc Work Res*, 2, 165-180.
- Klomek, A., Marrocco, F., Kleinman, M., Schonfeld, I. S., & Gould, M. S. (2007). Bullying, depression, and suicidality in adolescents. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 46, 40–49.
- Kokkinos, C. M. (2013). Bullying and victimization in early adolescence: Associations with attachment style and perceived parenting. *Journal of School Violence*, 12(2), 174-192. Doi: 10.1080/15388220.2013.766134.
- Lopes Neto, A., (2005). Bullying-aggressive behavior among student`s. *Jornal de Pediatria*, 81 (5º suplemento), 164-172.
- Lourenço, L. M., Pereira, B., Paiva, D. P. & Gebara, C., (2009). A Gestão Educacional e o Bullying: Um Estudo em Escolas Portuguesas. *Interações*, 13, 208-228.
- Macedo, E., Martins, F., Cainé, J., Macedo, J. & Novais, R. (2014). Bullying escolar e avaliação de um programa de intervenção. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental* (Ed. Esp. 1), 15-20.

- Magklara, K., Skapinakis, P., Gkatsa, T., Bellos, S., Araya, R., Stylianidis, S. & Mavreas, V. (2012). Bullying behaviour in schools, socioeconomic position and psychiatric morbidity: A cross-sectional study in late adolescents in Greece. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 6(8), 1-13. Retrived from: <http://www.capmh.com/content/6/1/8>.
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. Wook, ISBN: 9789899676343.
- Matos, M., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). Violência entre pares no contexto escolar em Portugal, nos últimos 10 anos. *Interações*, 13, 98-124.
- Mattos, M. Z. & Jaeger, A. A. (2015). Bullying e as relações de gênero presentes na escola. *Revista da Escola de Educação Física da UFRGS*, 21(2), 349-361.
- McEachern, A., Kenny, M., Blake, E., & Aluede, O. (2005). Bullying in Schools: International Variations. *Journal of Social Sciences*, 8(02), 51-58.
- Mohapatra, S., Irving, H., Paglia-Boak, A., Wekerle, C., Adlaf, E., & Rehm J. (2010). History of family involvement with child protective services as a risk factor for bullying in Ontario schools. *Child and Adolescent Mental Health*, 15, 157–163.
- Morgado, A. M., Dias, M. L. V., & Paixão, M. P. (2013). O desenvolvimento da socialização e o papel da família. *Análise Psicológica*, XXXI (2), 129-144.
- Musitu, G., Estevez, E., Jiménez, T., & Veiga, F. (2011). Agentes de socialização da violência e vitimização escolar. In S. Caldeira & F. Veiga (orgs.). *Intervir em situações de indisciplina, violência e conflito*, 43-80. Lisboa: Fim de Século.
- Nation, M., Vieno, A., Perkins, D. D., & Santinello, M. (2008). Bullying in school and adolescent sense of empowerment: An analysis of relationships with parents, friends, and teachers. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 18(3), 211-232.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172.

- O'Brien, L. M., Lucas, N. H., Felt, B. T., Hoban, T. F., Ruzicka, D. L., Jordan, R., Guire, K. & Chervin, R. D. (2011). Aggressive Behavior, Bullying, Snoring, and Sleepiness in Schoolchildren. *Sleep Med.* 12 (7). 652-658.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Backwell Publishers: Oxford UK.
- Olweus, D. (1997). Bully/ victim problems in school: Facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, XII (4), 495-510.
- Pelchar, T. K. & Bain, S. K., (2014). Bullying and Victimization Among Gifted Children in School-Level Transitions. *Journal for the Education of the Gifted*, 37, 319-336.
- Pepler, D., & Craig, W. (2008a). Moving Forward from Lessons Learned. In D. Pepler & W. Craig (Eds.), *Understanding and Addressing Bullying: An International Perspective* 1, 311-320. Bloomington, Indiana: AuthorHouse.
- Pereira, B. & Pinto, A., (1999). Dinamizar a escola para prevenir a violência entre pares. *Sonhar*. VI, 1, 19-33.
- Pereira, B. (2001). A violência na escola – formas de prevenção. In Pereira, Beatriz e Pinto, Adelina (coord.). *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir*. Porto: Edições Asa, 17-30.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. K. (2004). Bullying in Portuguese Schools. *Sch Psycho Int*, 25, 241-254.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Perren, S. & Alsaker, F. D. (2006). Social behavior and peer relationships in victims, bully-victims and bullies in kindergarten. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47(1), 45–57.

- Perren, S., Stadelmann, S. & von Klitzing, K. (2009). Child and family characteristics as risk factors for peer victimization in kindergarten. *Schweizerische Zeitschrift für Bildungswissenschaften*, 31(1), 13-32.
- Perren, S., Ettekal, I. & Ladd, G. W. (2012). The impact of peer victimization on later maladjustment: Mediating and moderating effects of hostile and self-blaming attributions. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 54, 76-55.
- Purcell, A., (2012). A qualitative study of perceptions of bullying in Irish primary schools. *Educational Psychology in Practice*, 28, 3, 273-285.
- Raimundo, R. & Seixas, S. R. (2009). Comportamentos de Bullying no 1º Ciclo: Estudo de Caso numa Escola de Lisboa. *Interacções*, 13, 164-186. Retrieved from: <http://www.eses.pt/interaccoes>.
- Ramos, A. K. S., (2008). *Bullying: a violência tolerada na escola*. Monografia.
- Rayner, C. & Hoel, H., (1997). A summary review of literature relating to workplace bullying. *Jornal of community & Applied Social Psychology*. V. 7, nº 3, pp 181-191.
- Rech, R. R., Halpern, R., Tedesco, A. & Santos, D. F. (2013). Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. *Jornal de Pediatria*, 89(2), 164-170.
- Renshaw, T., Roberson, A., & Hammons, K. N. (2016). The Functionality of Four Bullying Involvement Classification Schemas: Prevalence Rates and Associations with Mental Health and School Outcomes. *School Mental Health*, 8, 332–343. Doi: 10.1007/s12310-015-9171-y.
- Rivers, I. & Noret, N. (2010). Participant roles in bullying behavior and their association with thoughts of ending one's life. *Crisis Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention*, 31, 143 – 148. Doi: 10.1027/0227- 5910/a000020.
- Rothon, C., Head, J., Klineberg, E. & Stansfeld, S. (2010). Can social support protect bullied adolescents from adverse outcomes? A perspective study on the effects of bullying on

- educational achievement and mental health of adolescents at secondary schools in east London. *Journal of Adolescent Health*, 34, 579–88.
- Seeds, P. M., Harkness, K. L., & Quilty, L. C. (2010). Parental Maltreatment, Bullying and Adolescent Depression: Evidence for the Mediating Role of Perceived Social Support. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 39, 681-692. Doi: 10.1080/15374416.2010.501289.
- Sennett, R. (2012). *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.
- Serrate, R. (2009). *Lidar com o bullying na escolar – Guia para entender, prevenir e tratar o fenómeno de violência entre pares*. Sintra. Coleção EducAcção. KEditora.
- Sharp, S. (1995). How much does bullying hurt? The effects of bullying on the personal well-being and educational progress of secondary-aged students. *Educational and Child Psychology*, 12, 81.
- Shetgiri, R., Lin, H. & Flores, G. (2012). Identifying children at risk for being bullies in the United States. *Academic Pediatrics*, 12(6), 509-522.
- Silva, A. B. B. (2010). *Bullying: mentes perigosas nas ESCOLAS*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Skapinakis, P., Bellos, S., Gkatsa, T., Magklara, K. & Lewis, G. (2011). The association between bullying and early stages of suicidal ideation in late adolescents in Greece. *BMC Psychiatry*, 11, 1–9.
- Smith, P. & Monks, C. (2008). Concepts of bullying: Developmental and cultural aspects. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 20 (2), 101-102.
- Smith, R., Rose, A. & Schwartz-Mette, R. (2010). Relational and Overt Aggression in Childhood and Adolescence: Clarifying Mean-level Gender Differences and Associations with Peer Acceptance. *Social Development*, 19(2), 243-269. Doi: 10.1111/j.1467-9507.2009.00541.x.

- Sourander, A., Klomek, A. B., Ikonen, M., Lindroos, J. & Luntamo, T. (2010). Psychosocial risk factors associated with cyberbullying among adolescents: a population-based study. *Arch. Gen. Psychiatry*, 67(7), 720–728. Doi: 10.1001/archgenpsychiatry.2010.79.
- Swearer, S., Song, S., Cary, P. T., Eagle, J. W. & Mickelson, W. T. (2001). Psychosocial correlates in bullying and victimization: the relationship between depression, anxiety, and bully/victim status. *Journal of Emotional Abuse*, 2, 95-121.
- Thomas, H. J., Chan, G. C. K., Scott, J. G., Connor, J. P., Kelly, A. B. & William, J. (2016). Association of different forms of bullying victimisation with adolescents' psychological distress and reduced emotional wellbeing. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 50(4), 1-9. Doi: 10.1177/0004867415600076.
- Tippett, N., & Wolke, D. (2014). Socioeconomic status and bullying: a meta-analysis. *American Journal of Public Health*, 104(6), 48-59.
- Vlachou, M., Andreou, E., Botsoglou, K., & Didaskalou, E. (2011). Bully/victim problems among preschool children: A review of current research evidence. *Educational Psychology Review*, 23(3), 329-358.
- Wang, M. T. & Dishion, T. J. (2011). The trajectories of adolescents' perceptions of school climate, deviant peer affiliation, and behavioral problems during the middle school years. *Journal of Research on Adolescence*, 22(1), 40-53.
- Wang, H., Zhou, X. L., Lu, C. Y., Wu, J., Deng, X. Q., Hong, L. Y. ... & He, Y. (2012). Adolescent bullying involvement and psychosocial aspects of family and school life: A cross-sectional study from Guangdong Province in China. *Plos One*, 7(7).
- Weimer, W. R. & Moreira, E. C. (2014). Violência e bullying: manifestações e consequências nas aulas de Educação Física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(1), 257-274.

Whitney, I., & Smith, P. (1993). A survey of nature and extent of bullying in junior/ middle and secondary schools. *Educational Research*, 35 (1), 3-25.

Wolke, D., Woods, S., Stanford, K. & Schulz, H. (2001). Bullying and Victimization of primary school children in England and Germany: Prevalence and school factors. *Br J Psychol*, 92, 673-696.

Anexos

Anexo A – Carta de Autorização dos Pais ou Encarregados de Educação

Caros pais ou Encarregados de Educação

Somos uma equipa de psicólogas pertencente à Universidade Autónoma de Lisboa. Esta equipa é constituída por uma Docente (Professora Doutora Ana Maria Gomes) e uma aluna de Mestrado (Dra. Edite Ferreira) que estão a desenvolver uma investigação sobre o sono em crianças do 1º ciclo.

A investigação em curso refere-se ao estudo da relação entre a qualidade do sono, comportamentos agressivos, desempenho académico e comportamentos em sala de aula. Desta forma, vamos investigar em que medida, a qualidade do sono das crianças influencia a existência ou não de comportamentos agressivos, o seu desempenho escolar, tal como os comportamentos da criança em sala de aula.

Todas as respostas dadas são absolutamente confidenciais e os seus dados só serão utilizados no âmbito desta investigação.

Se for do agrado dos pais/encarregados de educação, estamos disponíveis para apresentar os resultados, particularizando e individualizando exclusivamente a pedido dos pais e para os pais ou encarregados de educação.

Eu _____ encarregado de
educação do aluno(a) com o código _____ a frequentar
____ ano da turma/sala _____.

Autorizo o meu educando a participar na investigação sobre a relação entre a qualidade do sono, comportamentos agressivos, desempenho académico e comportamentos em sala de aula.

Comunicação dos resultados da investigação (colocar uma cruz X):

Desejo receber os resultados da investigação

☐

Não desejo receber os resultados da investigação

☐

Comunicar para o seguinte email:

Muito obrigada pela sua atenção e participação

Anexo B – Questionário Bullying



QUESTIONÁRIO*

Bullying - A agressividade entre crianças no espaço escolar

1º Ciclo

ASSINALA COM UMA CRUZ A BOLA QUE TE DIZ RESPEITO OU ESCRIVE NOS ESPAÇOS

BLOCO I

1. Ano de escolaridade ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4
2. Sou um rapaz ☐ A Sou uma rapariga ☐ B
3. Que idade tens? _____ anos. Data de nascimento ____ (ano) - ____ (mês) - ____ (dia)
4. Quantos irmãos tens? _____ Idade dos irmãos _____
5. PAI MÃE
- Profissão _____
- Habilitações escolares _____
6. Frequentaste o Jardim de Infância (Infantário ou Creche)? ☐ sim ☐ não Quantos anos? _____
- ☐ sim ☐ não Em que anos? _____
7. Desde que entraste para o 1º ano reprovaste alguma vez?

* Adaptação do questionário de Dan Olweus (1989) por Beatriz Pereira e Ana Tomás UM/CEFOPE, 1994 e revisto por Beatriz Pereira e Fernando Melim em 2010 UM/IE.

BLOCO II - ACERCA DE SER AGREDIDO

“**Bullying**” - agressão entre jovens **intencional e frequente** capaz de causar danos ou magoar, tais como: ameaçar, chantagear, chamar nomes, gozar, levantar falsos testemunhos, contar segredos de uma forma directa e praxes violentas, pôr de parte um(a) colega, ignorá-lo(a), bater, empurrar e tirar objectos de valor.

“**Ciberbullying**” – todas as práticas anteriores, mas através do uso de telemóveis e da Internet, tais como sms, mms, e-mail, ou chats de conversação.

1. Desde que **este período** começou quantas vezes te fizeram mal?

(A)

Nenhuma

(C)

3 ou 4 vezes

(B)

1 ou 2 vezes

(D)

5 ou mais vezes

2. Como é que te têm feito mal?

Coloca a cruz nas bolas daquilo que já te aconteceu **este período**. Podes marcar **mais do que uma bola**

(A)

Bateram-me, deram-me murros ou pontapés

(B)

Roubaram-me

(C)

Pediram-me dinheiro emprestado e não o devolveram

(D)

Ameaçaram-me, meteram-me medo

(E)

Chamaram-me nomes feios.

(F)

Andaram a falar de mim, dizem segredos sobre mim

(G)

Não falam comigo

(H)

Espalharam mensagens (msm) via telemóvel ou internet para me fazerem mal

(I)

Insultaram-me pela minha cor ou raça

(J)

Não brincam comigo e deixam-me sozinho

(L)

Fizeram-me outras coisas. Diz o quê: _____

(M)

Ninguém me fez mal

3. Em que sítios é que te têm feito mal? **Podes marcar mais do que uma bola**

- | | | | |
|-------------------------|-------------------------------|-------------------------|--------------------------|
| ☐ A | Em lado nenhum | ☐ F | Nas casas de banho |
| ☐ B | Nos corredores e nas escadas | ☐ G | Nos balneários |
| ☐ C | No recreio | ☐ H | No caminho da escola |
| ☐ D | Na sala | ☐ I | No computador, telemóvel |
| ☐ E | Noutro sítio (indica o lugar) | ☐ J | Na cantina |
-

4. De que turma são os rapazes ou raparigas que te têm feito mal? **Podes marcar mais do que uma bola**.

- ☐ A Ninguém se meteu comigo este período
- ☐ B São da minha turma
- ☐ C São de outra turma

5. De que idade são os rapazes ou raparigas que te têm feito mal? **Podes marcar mais do que uma bola**.

- | | | | |
|-------------------------|-------------------------|-------------------------|-----------------|
| ☐ A | Ninguém se meteu comigo | ☐ C | São mais velhos |
| ☐ B | São da minha idade | ☐ D | São mais novos |

6. Quem te fez mal? **Volta a marcar só uma bola**.

- | | | | | | |
|-------------------------|-------------------------|-------------------------|----------------|-------------------------|---------------------|
| ☐ A | Ninguém se meteu comigo | ☐ C | Uma rapariga | ☐ E | Várias raparigas |
| ☐ B | Um rapaz | ☐ D | Vários rapazes | ☐ F | Rapazes e raparigas |

7. Quantas vezes os professores tentaram parar os rapazes ou as raparigas que fizeram mal a outros?

- ☐ A Não sei ☐ C Às vezes
☐ B Nunca ou quase nunca ☐ D Muitas vezes

8. Quantas vezes os funcionários tentaram parar os rapazes ou as raparigas que fizeram mal a outros?

- ☐ A Não sei ☐ C Às vezes
☐ B Nunca ou quase nunca ☐ D Muitas vezes

9. Disseste a alguém que te fizeram mal na escola? **Podes marcar mais do que uma bola.**

- ☐ A Ninguém me fez mal
☐ B Não disse a ninguém
☐ C Sim, disse a um ou 2 amigos
☐ D Sim, disse aos meus amigos
☐ E Sim, disse ao professor ou Director de Turma
☐ F Sim, disse aos meus pais ou encarregado de educação
☐ G Sim, disse a um irmão ou irmã
☐ H Sim, disse a um funcionário
☐ I Sim, disse ao psicólogo da escola

10. Há rapazes ou raparigas que te defenderam quando outros te tentaram fazer mal? **Volta a marcar só uma bola.**

- | | |
|--|--|
| ☐ A Ninguém me fez mal | ☐ E 2 ou mais rapazes |
| ☐ B Ninguém me ajudou | ☐ F 2 ou mais raparigas |
| ☐ C 1 rapaz | ☐ G 1 rapaz e uma rapariga |
| ☐ D 1 rapariga | ☐ H Rapazes e raparigas |

11. O que fazes quando vês um colega da tua idade a ser agredido na escola? **Podes marcar mais do que uma bola.**

- | | |
|---|--|
| ☐ A Nada, não é nada comigo ajudar | ☐ E Chamo alguém para |
| ☐ B Nada, mas acho que deveria ajudar | ☐ F Ajudo só se for meu amigo ou amiga |
| ☐ C Nada porque podem vingar-se em mim | ☐ G Ajudo mesmo que não conheça |
| ☐ D Tento ajudá-lo ou ajudá-la como posso | |

BLOCO III - ACERCA DE AGREDIRES OUTROS JOVENS

Quantas vezes foste tu a ameaçar, chantagear, chamar nomes, levantar falsos testemunhos, contar segredos, a pôr de parte um (a) colega, ignorá-lo (a), bater, empurrar, tirar dinheiro, fazer praxes violentas, enviar mensagens via telemóvel e/ ou e-mail ameaçadoras e/ ou insultuosas, colocar imagens na Internet com o intuito de prejudicar alguém?

Ninguém saberá o que disseste, diz a verdade.

1. Quantas vezes fizeste mal a outro (s) colega (s) na escola, **este período?**

- | | |
|--------------------------------------|---|
| ☐ A Nenhuma | ☐ C 3 ou 4 vezes |
| ☐ B 1 ou 2 vezes | ☐ D 5 ou mais vezes |

2. Se fizeste mal a algum colega na escola este período, diz porque o fizeste? **Podes marcar mais do que uma bola**

- | | |
|---|--|
| ☐ A Não fiz mal a nenhum colega | ☐ F Para evitar que me façam mal |
| ☐ B Porque tive de me defender | ☐ G Para ser admirado e popular |
| ☐ C Porque me irritaram, provocaram ou gozaram | ☐ H Porque faz-me sentir bem |
| ☐ D Para mostrar como sou forte | ☐ I Para me vingar |
| ☐ E Faz-me sentir que sou melhor do que os outros | ☐ J Por outro motivo (indica qual) |
-

3. Quantas vezes te juntaste a outros colegas para fazer mal a algum rapaz ou a alguma rapariga na escola, **este período**?

- | | |
|--------------------------------------|---|
| ☐ A Nenhuma | ☐ C 3 ou 4 vezes |
| ☐ B 1 ou 2 vezes | ☐ D 5 ou mais vezes |

4. Quantas vezes tomaste parte em agressões a outros jovens no caminho da escola, **este período**?

- | | |
|---|--|
| ☐ A Nunca | ☐ C Cerca de 1 vez por semana |
| ☐ B Só 1 ou 2 vezes | ☐ D 2 ou mais vezes por semana |

5. Ajudavas a agredir um colega que não gostasses?

- | | |
|--|--------------------------------------|
| ☐ A Sim | ☐ D Acho que não |
| ☐ B Talvez | ☐ E Não |
| ☐ C Só se ele me irritar muito | |

Obrigado pela tua colaboração

Anexo B – Questionário Socio demográfico

Questionário Sócio demográfico

Este questionário é estritamente confidencial

Nome: _____	idade: _____
Género:	
Feminino	
Masculino	
Ano de escolaridade: 1º ano ☐ 2º ano ☐ 3º ano ☐ 4º ano ☐	

Mãe:
Idade: _____
Profissão: _____
Escolaridade: _____

Pai:
Idade: _____
Profissão: _____
Escolaridade: _____

Irmãos
Quantos irmãos tens? _____
Idade: _____
Escolaridade: _____

Agregado familiar	
Vivo com:	
Pai	☐
Mãe	☐
Irmãos	☐
Avós	☐
Outras pessoas, quais _____	

Sono	
Normalmente vais para a cama a que horas? _____	
Adormeces facilmente:	Sim ☐ Não ☐
Gostas de dormir?	Sim ☐ Não ☐
Porquê? _____	

Os teus pais controlam a hora a que te deitas? Sim ☐ Não ☐	

Quem é que costuma controlar a hora a que te deitas: Mãe ☐ Pai ☐ Avós ☐ outras
pessoas ☐ (quem) _____

Antes de dormires costumavas:

- Ver televisão: ☐
- Jogar jogos: ☐
- Falar ao telemóvel ☐
- Ouvir música ☐
- Outras situações _____

Se jogas jogos antes de dormir indica quais os tipos de equipamento que utilizas:

- PSP ☐
- Play station ☐
- Tablet / Ipad ☐
- Telemóvel ☐
- Wii ☐

Se costumavas jogar antes de dormir diz onde é que jogas:

- No teu quarto ☐
- Sala ☐
- Cozinha ☐
- Casa de Banho ☐
- Cama ☐
- Escritório ☐

Outros sítios _____

Se jogas antes de dormir, jogas em média durante quanto tempo:

- Menos de 30 minutos ☐
- Cerca de 30 minutos ☐
- Uma hora ☐
- Mais de uma hora ☐
- Pela noite dentro ☐

Como reagem os teus pais ao facto de jogares antes de dormires:

- Não sabem ☐
- Não se importam ☐
- Estabelecem um limite de tempo ☐
- Outras situações _____

No teu quarto tens:

- Televisão ☐
- Telemóvel ☐
- Ipad / Tablet ☐
- Computador ☐
- Outros aparelhos eletrónicos, quais: _____

Muito Obrigado pela tua participação